

**CHARLES DA SILVA**

**O AMOR EM CENA – UM ESTUDO SOBRE O CONSUMO DA  
TELENOVELA MALHAÇÃO POR JOVENS EDUCANDOS DAS  
REDES DE ENSINO PÚBLICA E PRIVADA**

**Florianópolis**

**2008**

**CHARLES DA SILVA**

**O AMOR EM CENA – UM ESTUDO SOBRE O CONSUMO DA  
TELENOVELA MALHAÇÃO POR JOVENS EDUCANDOS DAS  
REDES DE ENSINO PÚBLICA E PRIVADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação e Comunicação

Orientadora: Dra. Ingrid Wiggers.

**Florianópolis**

**2008**

*Dedico este trabalho à solidão.*

*Nascer, amar e morrer são ações solitárias, vivências únicas que não resultam em acúmulo de experiências. Nascer, amar e morrer não se constituem, por isso, ações pedagógicas. São ações impossíveis de serem aprendidas e ensinadas. A esses três mosqueteiros não pedagógicos juntei mais um cavaleiro destemido: meu pensamento.*

*Pensando bem, nascemos, amamos, pensamos e morremos na mais completa solidão. Aos blocos de solidão que cerraram janelas e portas do meu quarto e ergueram dentro do meu espírito icebergs gigantescos, deixo aqui meu reconhecimento: vocês foram companheiros leais.*

*O homem não é apenas o lobo do homem. É também seu próprio urso polar.*

*guardando:*

*denise*

*marcelo*

*maria*

*fernada*

*pai*

*joão pedro*

*mãe*

*mônica bittencourt*

*vó duca*

*gilka*

*ingrid w.*

*edel*

*aracy*

*sílvio*

*ana paula*

*rosivaldo*

*fabi*

*ingrid*

*rosane*

*bebel*

*daniela*

*rodi*

*kalliny*

*monica fantin*

*horácio*

*rivoltella*

*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.  
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por  
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por  
ela, isto é, estar acordado por ela,  
isto é, estar por ela ou ser por ela.  
Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro  
Do que um pássaro sem vôos.  
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
Por isso se declara e declama um poema:  
Para guardá-lo:  
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:  
Guarde o que quer que guarda um poema:  
Por isso o lance do poema:  
Por guardar-se o que se quer guardar.*

(Antônio Cícero)

## RESUMO

A presente dissertação contribui para a Educação, de maneira especial aos estudos de mídia-educação, ao estudar a recepção de cenas da telenovela *Malhação* por jovens educandos das redes de ensino pública e privada na cidade de Florianópolis, Santa Catarina (BRASIL). A pesquisa se propôs a compreender como esses jovens consomem as imagens veiculadas na TV, especificamente cenas que mostram relações amorosas. Procurou-se, também, perceber o distanciamento/aproximação dos adolescentes com os temas/problemas levantados pelas cenas selecionadas e analisar o consumo, apropriações e re-significações, por parte dos educandos, procurando identificar a produção de sentido. A metodologia envolve a abordagem qualitativa. Como instrumentos de coleta de dados, formulou-se um questionário, desenvolveu-se a produção, por parte dos jovens pesquisados, de cenas escritas de uma telenovela hipotética e trabalhou-se a entrevista de um grupo focal em cada escola. Os sujeitos da pesquisa foram estudantes da oitava série do ensino fundamental em ambas as escolas. Os resultados mostram que a recepção, por parte desses jovens, é extremamente ativa. Foi possível mostrar algumas peculiaridades da relação amorosa dos jovens que se dispuseram a participar desta pesquisa, como ficar/namorar, a emergência do “amigo-namorado” e a transgressão na relação. No que diz respeito ao consumo das cenas de *Malhação*, os jovens se demonstraram críticos, mantendo um distanciamento entre o mundo ficcional da telenovela e o mundo real por onde se movem. Ao consumir as cenas de *Malhação*, os sujeitos da pesquisa mostraram que produzem novos significados, posto que a tensão negociadora de aceitar e rejeitar, em todo ou em parte, as cenas românticas, implica em formular, reformar, resgatar e acrescentar novos discursos e, conseqüentemente, novas práticas individuais e coletivas. Percebeu-se indícios de que os adolescentes pesquisados fazem uma mediação entre as relações amorosas das cenas mostradas em *Malhação* e as relações amorosas de suas vidas reais.

**Palavras-chave:** Mídia-educação. Recepção. Jovens. Telenovela.

## ABSTRACT

This dissertation contributes to the Education, a special study of the media-education, to study the receipt of scenes of telenovela *Malhação* by young students of networks of public and private education in the city of Florianópolis, Santa Catarina (BRAZIL). The research is proposed to understand how these young people consume the images broadcast on TV, especially scenes that show love relationships. It was also understand the distancing / approximation of adolescents with the issues / problems raised by selected scenes and analyzing consumption, appropriations and re-meanings, by the students, trying to identify the production of meaning. The methodology involves a qualitative approach. As tools for data collection, made up a questionnaire, developed to production on the part of young people surveyed, scenes written in a telenovela hypothetical and worked to interview a focus group in each school. The research subjects were students of the eighth grade of elementary school in both schools. The results show that the reception on the part of these young people is extremely active. It was possible to show some peculiarities of the loving relationship of the young people who are prepared to participate in this research, as left / romance, the emergence of the "friend-boyfriend" and transgression in the relationship. Regarding the consumption of scenes of *Malhação*, young people are shown critics, maintaining a distance between the world of fictional soap in the real world where they move. By consuming the scenes of *Malhação*, the subjects of the research showed that produce new meanings, since the voltage negotiator to accept and reject, in whole or in part, the romantic scenes, involves formulating, reform, redeem and adding new words, consequently, new practices individual and collective. It was noticed signs that the teens surveyed do a mediation between the relations of love scenes shown in *Malhação* love and relationships from their real lives.

**Keywords:** Media-education. Reception. Youth. Telenovela.

## ESTÚDIO

<b>1 LUZ</b> .....	10
<b>1.1 A bola com a qual entro em campo</b> .....	10
1.1.1 Top de 8 segundos .....	11
1.1.2 Começando .....	12
1.1.3 Conceituando .....	18
1.1.4 Os conceitos em cena .....	21
1.1.5 Revendo.....	26
<b>2 CÂMERA</b> .....	32
<b>2.1 Abordando</b> .....	32
2.1.1 As escolas .....	34
2.1.2 Coletando os dados .....	35
<b>3 AÇÃO</b> .....	37
<b>3.1 Tipo assim – os poréns do amor</b> .....	37
3.1.1 Amor à primeira vista .....	45
3.1.2 Disputa – condições ideais do amor? .....	47
3.1.3 Preconceito .....	49
3.1.3.1 Quando a cor é a cena .....	49
3.1.3.2 Quando o adulto é a cena .....	52
3.1.3.3 Quando o outro é a cena .....	57
3.1.4 Relação – Ficar/namorar .....	59
3.1.4.1 O amigo-namorado .....	61
3.1.4.2 Transgressão .....	63
3.1.5 Sexo .....	65
3.1.5.1 Sedução .....	66
3.1.5.2 Homossexualidade .....	69
3.1.5.3 Fidelidade .....	72
3.1.5.4 Preocupação dos pais .....	77
3.1.6 Daí, pá, não tem? – os poréns do consumo .....	79



3.1.6.1 Dentro e fora da TV.....	82
3.1.6.2 Pedagogia midiática .....	84
3.1.6.3 Clandestinidade adolescente .....	88
<b>4 EDIÇÃO</b> .....	93
<b>4.1 O que foi ao ar</b> .....	93
4.1.1 Últimas imagens .....	95
<b>5 PRODUÇÃO</b> .....	97
ANEXOS.....	101
ANEXO A – Descrição das cenas mostradas no grupo focal.....	101
ANEXO B – Resultado do questionário aplicado nas escolas pública e particular	103
ANEXO C – Transcrição do grupo focal – escola particular.....	122
ANEXO D – Transcrição do grupo focal – escola pública.....	159
ANEXO E – Produção de cena – escola particular.....	196
ANEXO F – produção de cena – escola pública.....	203

# 1 LUZ

## 1.1 A bola com a qual entro em campo

Em 2006, a bola da Copa do Mundo de Futebol, na Alemanha, tinha 14 grandes gomos. Dentro do campo, além do árbitro e dos dois bandeirinhas, havia vinte e dois jogadores com a atenção voltada para a bola. Fora do campo, sentados no banco de reservas, estavam os outros jogadores de ambas as equipes com suas respectivas comissões técnicas. Atrás de cada trave havia também mais de cem fotógrafos e jornalistas. E nas arquibancadas, milhares de olhos multicoloridos vigiavam a misteriosa bola branca e estática.

De súbito, qual um pássaro apocalíptico entoando seu canto vaticinante, o árbitro faz soar o apito, cobrindo com um silvo profundo toda a complexidade daquele momento... O que passava na cabeça de cada jogador? O que passava na cabeça do árbitro? Os reservas e a Comissão Técnica, o que pensavam? Qual a visão dos fotógrafos e jornalistas? Qual era o sentimento da torcida? Qual o sentido de tudo isso?

Logo no primeiro lance de perigo, poderia o jogador ter pensado, ao receber a bola em posição legal para marcar o primeiro gol daquela Copa, algo similar à música de Jorge Ben Jor: “Ela vem toda de branco, toda molhada e despenteada, que maravilha, que coisa linda que é meu amor”?! Da mesma forma, um torcedor apaixonado por futebol, poderia ter visto na brancura da bola uma noiva mais atraente do que aquela que, por certo, ficou em casa contrariada?! Como saber?!

Suponhamos que dentro de cada um dos catorze grandes gomos da bola oficial da Alemanha, a Adidas tivesse implantado, a pedido da organização do evento, uma microcâmera. Ah, que maravilha de imagens! “Enquanto eu vou andando o mundo gira e nos espera numa boa, eu sei, eu sei, eu sei, meu bem!” Um verdadeiro clipe se nos

afigura agora, um mosaico em movimento que capta, a um só tempo, o céu, a grama, os jogadores, o árbitro, os bandeirinhas, os reservas, a Comissão Técnica, os jornalistas, os torcedores... e mais!

Trabalhar com recepção é jogar com essa bola de catorze microcâmeras, pois um estudo de recepção é tanto mais elucidativo quanto mais plural forem as tomadas externas e internas. Investigar conjuntamente as particularidades da produção, a veiculação e a recepção dos produtos midiáticos é aumentar o alcance da compreensão no campo dos estudos da mídia.

Nesse sentido, meu trabalho é ao mesmo tempo limitado e abrangente. Se, por um lado, ele é produto de apenas um gomo (a audiência dos adolescentes pesquisados), por outro, ele fragmenta esse gomo (a audiência de duas escolas, uma pública e uma particular). A minha pesquisa trata desse micro universo. Eis aí a bola com a qual entro em campo: bola de um gomo visível e treze gomos “invisíveis”. Uma bola fantasma!

### 1.1.1 Top de 8 segundos

Este projeto tem a preocupação de analisar o consumo e a re-significação da telenovela *Malhação* por dois grupos de adolescentes que ocupam espaços escolares distintos, ou seja, uma escola da rede privada e outra da rede pública, ambas localizadas na cidade de Florianópolis. À luz das teorias de Martín-Barbero, Orozco Gómez e Garcia Canclini, esta pesquisa quer compreender a produção de sentidos que se dá frente às imagens televisivas, elegendo-se como objeto de estudo as formas e as representações que os adolescentes demonstram, através de grupos de discussão, questionário e produção de cena em grupo, pelas quais recebem e re-significam as mensagens da telenovela *Malhação*.

Os objetivos específicos, por sua vez, podem ser elencados da seguinte maneira:

- a) Compreender como ocorre o consumo das cenas da telenovela *Malhação* por alunos da rede pública e da rede particular de ensino.

- b) Perceber o distanciamento/aproximação dos adolescentes com os temas/problemas levantados pelas cenas selecionadas.
- c) Analisar o consumo, apropriações e re-significações, por parte dos educandos, procurando identificar a produção de sentido.

### 1.1.2 Começando

*Verdade é a ilusão com a qual passamos bem pela vida.*

*(Nietzsche)*

A TV está ligada. Estampada na tela, cenas de uma telenovela desenham prosa e poesia aos olhos de uma família composta por um pai comerciante, uma mãe enfermeira, um filho de 14 e uma filha de 16 anos. No momento exato em que os personagens se beijam, algo de extraordinário acontece: uma proliferação de sentidos põe em curso desejos distintos! O pai, involuntariamente, regressa à sua juventude, época em que o comércio resultava em lucro de outra espécie. A mãe sente uma saudade incômoda do primeiro homem que beijou e não a tomou por esposa. O filho deseja que no dia seguinte possa aplicar o beijo da novela na colega de sala de aula, pela qual encontra-se completamente apaixonado. E a filha, emocionada, fecha os olhos e repete mentalmente a cena com o seu professor de História.

Entretanto, no estúdio, local de produção das cenas, os atores se valem de suas memórias pessoais para fabricar aquele beijo sincero, aquele beijo “verdadeiro” que desencadeou sentimentos distintos, mediados pela experiência de vida de cada telespectador. E no momento exato em que os atores se beijam, beijam o obscuro, o que acontece na esfera do privado, fora do estúdio.

O estúdio é, pois, lugar de construção de sentidos, lugar de labor intelectual e artístico, lugar onde o pensamento deve sobrepujar a emoção, ainda que seja emocionante pensar sobre a luz, a câmera e a ação, partes constituintes do estúdio. Por isso, as palavras “índice” e “sumário” foram “demitidas” deste trabalho, sendo ambas substituídas por “estúdio”. E de acordo com essa opção, as “salas” deste “estúdio” passam a ser chamadas aqui de “luz”, “câmera” e “ação”, denominando-se de “produção” o que usualmente se toma por referências bibliográficas.

A luz de um estúdio deve estar permanentemente afinada de acordo com cada cena, de forma que se possa enquadrar as personagens a fim de tirar-lhes o melhor resultado possível: um momento “verdadeiro”. A luz que acende a “verdade” perseguida pelo “diretor”, sobretudo aquele que dirige uma “cena acadêmica”, deve mostrar-se intensa o bastante para aclarar conceitos e procedimentos metodológicos.

Uma vez orientado o foco, a câmera pode vislumbrar todo o cenário, capturar imagens dos objetos fixos e móveis, aumentar o zoom, demorar-se num close-up, coletar as nuances da pele, o tremor dos lábios, os pormenores de todo corpo. A câmera não é apenas o olho que vê, é também o olho que faz ver. Assim, se por um lado ela tem controle sobre o que captura, por outro ela não controla o que mostra. Na interface da captação e da veiculação da cena há uma multiplicidade de sentidos não convergentes. Para usar a metáfora anterior, há um homem que ainda não é pai nem comerciante, uma mãe nostálgica, um filho que luta por um coração em cena e uma filha que alimenta um amor platônico.

Por fim, a ação se desenvolve sob miríades de pupilas atentas, aptas a dar significado sobre o que se vê e ouve na TV. Dentro e fora do mundo erudito as cenas são comentadas, negadas, afirmadas, re-significadas, adaptadas a realidades distintas, às peculiaridades econômicas, políticas, sociais, éticas, afetivas e emocionais de cada telespectador.

De fato, chega a ser curiosa a similaridade da produção de um estúdio de TV com a produção de uma dissertação de mestrado. Quando o pesquisador acende sua luz (suporte teórico-metodológico), liga sua câmera (descrição do campo, coleta de dados) e dá início à ação (análise de dados) ele não está fazendo mais do que compor sua cena, sua “verdade”. Por trás de um estúdio e de uma dissertação há sempre uma “produção” capaz de viabilizar “imagens”.

Contudo, apesar das semelhanças, convém lembrar que o estúdio está para a arte assim como a dissertação está para a ciência. Dessa forma, uma diferença substancial se instaura entre o diretor de telenovela e o “diretor” de dissertação: enquanto o primeiro se esforça em ocultar do público todos os detalhes que estão por trás das cenas, o segundo não mede esforços para tornar transparente o menor dos detalhes. É nessa transparência que reside toda a cientificidade. Não obstante, pode-se assumir que tanto o estúdio quanto a dissertação são produtores de imagens, são demiurgos de “verdades”, essas “ilusões com as quais se deseja passar bem pela vida”.

Visando a uma passagem boa pela vida acadêmica, este trabalho propõe uma análise acerca da recepção da telenovela *Malhação*, por adolescentes de duas escolas distintas, uma particular e outra pública, objetivando compreender de que maneira ocorre a apropriação, por parte desses adolescentes, das imagens veiculadas. Entendendo a referida telenovela como um espaço educativo não formal e também motivador na socialização de saberes, proponho, ainda, estudar a maneira como esses adolescentes re-significam o universo ficcional de *Malhação*.

A motivação desta pesquisa nasceu após várias conversas com estudantes de sétimas e oitavas séries da rede de ensino particular. Na qualidade de professor de História desta rede, pude constatar que a televisão é, para a maioria dos adolescentes, uma das maiores fontes de informação. E as telenovelas estão no rol dos programas de maior audiência entre estes jovens. Dentre as telenovelas, a *Malhação* é a mais assistida e comentada pela maioria dos educandos com os quais tive a oportunidade de conversar durante quatro anos (2001-2005).

Assistir às mesmas programações implica em compartilhar sentimentos comuns e pode levar às pessoas a crença de que pertençam à mesma comunidade, aos moldes de uma comunidade imaginada, proposta por Benedict Anderson (2008). Este sentimento esteve presente num caso jurídico que foi notícia na história recente de nosso país.

Nas duas últimas semanas de julho de 2006, o julgamento do caso Richthofen resultou em inúmeros pedidos por parte de muitos advogados e estudantes de Direito de todo país, para que o julgamento fosse transmitido ao vivo. A Rede Globo de Televisão, na semana de julgamento, comentou, através do *Jornal Nacional*, sobre a possibilidade de transmissão do caso ao vivo durante toda aquela semana. Fazendo uso de uma “estratégia de fazer justiça”, a emissora estaria garantindo também uma excepcional audiência. Apesar de as autoridades não autorizarem a transmissão do julgamento, a *Folha On-line* publicou<sup>1</sup> às duas e dez, madrugada do dia vinte e sete de julho daquele ano, algo bem mais precioso para esta pesquisa do que o resultado do parricídio de Suzane Richthofen.

O advogado de defesa dos irmãos Cravinhos, comparsas de Suzane, Geraldo Jabur, afirmou que Suzane se parece um pouco com “Bia Falcão”, personagem interpretada por Fernanda Montenegro na telenovela “*Belíssima*”, exibida pela Rede

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u124232.shtml>>. Acesso em 28 jul. 2006.

Globo de Televisão, de segunda a sábado, por volta das vinte horas. Em seguida, Geraldo Jabur comparou o namoro de Daniel Cravinhos e Suzane Richthofen ao relacionamento complicado de “Safira” e “Pascoal”, personagens da mesma telenovela, interpretados por Cláudia Raia e Reynaldo Gianecchini.

Apesar de a mesma matéria afirmar que o advogado de defesa, ao fazer tais comparações, tenha causado espanto e risos na platéia, ele deixou claro que não só assistia “Belíssima”, como também estava certo de que o júri também assistia, pois do contrário não teria buscado apoio nessa inusitada argumentação, que objetivava, a um só tempo, livrar seus clientes da acusação e culpar Suzane pelo duplo homicídio doloso.

Se a telenovela está presente na vida de um bacharel em Direito, a ponto de ele citá-la em sua argüição diante de um tribunal, é bem provável que ela esteja disseminada tanto entre as camadas letradas da sociedade brasileira quanto nas camadas iletradas. E se a telenovela é lembrada num julgamento de tamanha repercussão nacional, tudo indica que ela esteja também arraigada não somente nas instituições criadas ao longo do tempo, como as instituições educacionais, mas também no imaginário nacional, sugerindo a idéia de comunidade imaginada (ANDERSON, 2008).

A presença da TV no dia-a-dia da escola merece atenção especial, pois, através desse meio de comunicação, tanto o corpo discente quanto o docente aprendem modos de ser e de estar no mundo. Esses modos de existência podem ser tomados como reflexo da sociedade, ou mesmo como modos de vida produzidos na TV e na mídia em geral (FISCHER, 2003).

A Educação brasileira, ainda que de forma tímida, vem aos poucos despertando interesse pela presença massiva dos meios de comunicação. De acordo com os parâmetros Curriculares Nacionais é papel do educador “criticar, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa”. Justifica-se, portanto, investir no gênero telenovela, mesmo porque esta “natureza diversa” está presente na prática cotidiana de milhares de famílias na sociedade brasileira. Além do mais, falar em educação nos dias atuais é falar também em comunicação.

Apesar de as mensagens midiáticas se constituírem como discursos institucionais não-escolares, nada impede que elas entrem em sintonia dialógica com o discurso pedagógico formal. Levar a TV para a escola, aliás, não é uma prática solitária e isolada de poucos professores preocupados em ampliar a discussão da TV.

No Brasil, o Ministério da Educação criou um canal direcionado para as escolas brasileiras. Para tanto, estabeleceu parcerias com órgãos municipais e estaduais, equipando toda a rede pública para a recepção desse canal, a TV Escola. Com isso, a informação audiovisual na escola já é uma realidade com a qual devemos trabalhar (MAGALDI, 2003).

Embora neste trabalho pretenda-se estudar dois grupos de alunos alfabetizados de espaços escolares diferentes, os professores de ambas as partes com os quais pude conversar afirmam que, entre os adolescentes, a leitura do texto impresso está diminuindo a cada ano. A ficção, que no passado vinha através das páginas de Machado de Assis, Lima Barreto, Monteiro Lobato e outros escritores da literatura brasileira, hoje vem quase que exclusivamente pelas antenas de TV.

Se a era da imagem não é nova, as novas tecnologias se esmeram em produzir cores, formas e movimentos. Sedutora e prazerosa, a imagem televisiva leva considerável vantagem sobre o quadro verde e parado, o giz e o professor, às vezes mais parado que o verde quadro. Por isso mesmo, afirmar que os adolescentes não lêem, ou lêem muito pouco é um equívoco. O que vem ocorrendo ao longo dos anos é o rompimento com a tradição da leitura do texto impresso e estático. Com o advento das novas tecnologias os jovens passaram a ler as imagens, acompanhadas de legendas ou não, que são a um só tempo mais prazerosas, sedutoras, agradáveis e polissêmicas. Entretanto, não sabemos ainda o resultado dessa postura autodidata deflagrada pelos jovens telespectadores, posto que os estudos sobre uma “pedagogia midiática” e também sobre uma “pedagogia tecnológica” não acompanham a velocidade das invenções técnico-comunicativas. Tendo em vista este fenômeno, os educadores não podem recuar, nem fazer silêncio.

Talvez seja o caráter polissêmico das imagens o grande desafio para o qual a escola tenha que se preparar já com urgência tardia. Não para enfrentar, mas para compreender a força de sua linguagem, as novas possibilidades de abordagem, lançando mão de uma pedagogia da comunicação dos meios. O uso das mídias pode e deve fazer parte do projeto político-pedagógico das escolas.

Sylvia Magaldi, pesquisadora interessada em viabilizar uma educação para a televisão, entende que a TV é formadora de comportamentos e opiniões, merecedora, portanto, de um “*tratamento de prioridade educacional*”. Nos cursos-oficinas ministrados por essa pesquisadora procura-se perceber, ler e analisar as mensagens televisivas. Dentre as várias indagações feitas em seu trabalho, uma nos é



particularmente pertinente: qual é o perfil para uma nova escola com funções significativas nos dias atuais? E como desdobramento dessa pergunta, formulo também: o Colégio Múltipla Escolha, espaço central na trama de Malhação, satisfaz o perfil de uma nova escola? Quais as funções significativas desse Colégio?

Talvez o meu trabalho possa responder a algumas dessas perguntas. Mas eu já me darei por satisfeito se ele puder formular novas questões, principalmente as que estão diretamente ligadas à presença de conhecimentos adquiridos pelos jovens estudantes através da TV e postas em cena no espaço escolar. É bastante comum que a mediação das imagens televisivas feitas na família, chegue ao ambiente escolar em forma de diferentes discursos, onde novos sentidos são dados ao texto televisivo.

O texto televisivo está amplamente disseminado em todas as camadas sociais. Para os jovens telespectadores, as informações nele veiculadas, além de exigirem um esforço intelectual mínimo, são extremamente sedutoras, seja porque estimulam os seus sentidos, seja porque provocam emoções. Com o advento da revolução tecnológica dos meios de comunicação de massa, a informação há muito tempo deixou de ser um monopólio das instituições escolares. A televisão é fonte de informação. “Se houve época em que a escola cumpriu essa função, pode-se afirmar que hoje a TV a desenvolve de maneira mais ampla e muito melhor.”(PENTEADO, 2000, p. 113).

A sociedade videotecnológica acelerou o tempo e encurtou o espaço. O livro didático, apesar de conter inúmeras ilustrações, não consegue obter do aluno a mesma atenção do que uma série de imagens em movimento. O público escolar, através dos meios de comunicação, recebe informações que vão da moda à última descoberta científica. Absorve padrões de linguagem e comportamento. E no caso específico da telenovela, “experimenta” a realidade, seja pelo artifício da narrativa lenta, que iguala cada capítulo a um dia de nossas vidas, seja pelo realismo com que os personagens são apresentados.

O consumo das imagens, por parte dos educandos e também dos educadores, deve promover nas instituições escolares um diálogo crítico com os meios de comunicação. As instituições de ensino precisam pensar um meio de viabilizar esse diálogo. É preciso educar também o olhar, perscrutar as intenções, os valores, as ideologias e os efeitos que as imagens produzem. Desta maneira, a escola pode alertar as novas gerações sobre as armadilhas que as imagens ocultam e sobre o seu poder manipulador.

Hoje a televisão tornou-se instrumento privilegiado de penetração cultural, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores, de colonização. Por isso é surpreendente que a instituição escolar não tenha somente deixado que essa hegemonia na educação

lhe fosse usurpada, mas que ainda assista, impassível, ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações. (FERRÉS, 1999, p. 10)

### 1.1.3 Conceituando

*Quando o rio está começando um peixe,*

*Ele me coisa*

*Ele me rã*

*Ele me árvore.*

*(Manoel de Barros)*

Devo começar esta parte conceitual por uma idéia-conceito que me move e que ainda não tive a oportunidade de discutir com meus pares na comunidade acadêmica, eternamente ocupada em começar não apenas os peixes, mas também os rios. Esta idéia não é genuinamente nova, posto que convive comigo há mais de dez anos. Não obstante, é muito duro conviver com uma dor incômoda.

Antes que me cobrem a referência bibliográfica dessa idéia-conceito, deixo aqui expresso que ela nasceu de minhas reflexões acerca da mídia-educação e da educação no sentido mais amplo da palavra, ou seja, a educação em prosa, erudita, e a educação em poesia, popular, ambas professadas dentro e fora das instituições educacionais. Trata-se, na verdade, de uma reflexão aberta, sujeita a questionamentos mais aprofundados e discussões mais amplas. Em caráter ainda incipiente, apresento um esboço do que entendo por Educação.

Começo, pois, a nadar solitário em uma nascente caudalosa cujo nome traduz uma tendência pedagógica afinada com a realidade concreta dos educadores e dos educandos nos dias que correm. Cunhei essa tendência de “Educação-Gerúndio”.

O gerúndio (PIACENTINI, 2003), gramaticalmente entendido como forma nominal do verbo usada para expressar uma ação em curso, uma ação simultânea a outra, uma progressão indefinida ou uma ação durativa, satisfaz o cenário dos estudos em mídia-educação nos três contextos em que esta tem se manifestado: metodológico (educar com a mídia), crítico (educar sobre a mídia) e produtivo (educar através da mídia), de acordo com Fantin (2006).

A Educação-Gerúndio destaca-se, sobretudo, por seu caráter ousado, polissêmico, inconcluso, subjetivo e original. Ela também leva em conta as contradições humanas. Expliquemos as implicações de tais características: é ousada, porque se antecipa em questões muitas vezes carentes de discussão e bibliografia, como a inserção de celulares em práticas pedagógicas curriculares, brinquedos eletrônicos, substituição constante do giz, do quadro e do livro-texto por microcomputadores; é polissêmica, porque lida com imagens midiáticas de toda ordem e com imagens sociais complexas, como a reconfiguração familiar, os movimentos étnicos, a união de casais gays e a multiplicação veloz de aparelhos tecnológicos cada vez mais surpreendentes, seja pela capacidade de armazenamento de dados, seja por suas inovadoras funções; é inconclusa, pois a conclusão implica, em maior ou menor grau, numa imposição, a um aprendiz de leitor, de um cânone, de um método, de um gosto, de uma “verdade”. Concluir pode sugerir “acabar”, “pôr termo”, “fechar” uma questão. A conclusão implica também em cercear os sentidos de todo leitor, em encerrar a liberdade num vasto campo de ações e pensamentos tradicionais, em compreender o processo, sem, contudo, compreender seu sentido. A conclusão resulta, muitas vezes, numa verdade pobre, porque estanque. E “Nada é mais pobre do que uma verdade sem sentimento de verdade.” (MORIN, 2003)

A Educação-Gerúndio é aberta, afeita às aventuras dos sentidos, conforme Larrosa (2002):

A tarefa de formar um leitor é multiplicar suas perspectivas, abrir seus ouvidos, apurar seu olfato, educar seu gosto, sensibilizar seu tato, dar-lhe tempo, formar um caráter livre e intrépido... e fazer da leitura uma aventura. O essencial não é ter um método para ler bem, mas saber ler, isso é: saber rir, saber dançar e saber jogar, saber interiorizar-se jovialmente por territórios inexplorados, saber produzir sentidos novos e múltiplos. A única coisa que pode fazer um mestre de leitura é mostrar que a leitura é uma arte livre e infinita que requer inocência, sensibilidade, coragem e talvez um pouco de maldade.

A Educação-Gerúndio é subjetiva por dois motivos: por ser essencialmente qualitativa e idiossincrática, operando, portanto, nas entrelinhas dos sentidos e na relação dialógica dos mesmos com o universo sensível dos educandos e dos educadores. Na prática, essa educação implica na subversão (ou no ajuste) dos conteúdos tradicionais e numa avaliação calcada na observação detalhada dos educandos, valorizando, sem hierarquia de disciplinas, suas manifestações artísticas,

intelectuais, esportivas, políticas, sociais e, é claro, valorizando e abrindo espaços para as invenções.

Por fim, concebo a Educação-Gerúndio como “original”, no sentido nietzscheano da palavra “origem”: *começo absoluto* e acrescento: começo absoluto de ser, estar e pensar o mundo, tempo de novos conteúdos e formas de saberes capazes de questionar de maneira radical os valores, a moral em vigor e o sentido que temos dado até agora para nossas vidas.

A “origem”, entretanto, não deve ser aqui confundida com a “criança nietzscheana”, que é também origem, começo absoluto. As crianças das sociedades complexas, inseridas num universo capitalista ou socialista, oriental ou ocidental, rural ou urbano, são crianças historicamente construídas, apresentam um movimento histórico perceptível, gozam de um tempo histórico apreensível e fazem uso do passado para compreender o presente, príncipe dos tempos. Já a criança nietzscheana não conhece o progresso nem a repetição, não remete ao passado nem ao futuro. Essa nova criança

não é antiga nem moderna, não está nem antes nem depois, mas agora, absolutamente atual, porém fora da atualidade, como tirando a atualidade fora de seus escaninhos e separando-a de si mesma, absolutamente presente, porém fora da presença, como separando o presente de si mesmo. A criança suprime o histórico pela aliança do presente com o eterno. Seu tempo não é linear, nem evolutivo, nem genético, nem dialético, mas está cheio de clarões, de intermitências. A criança é um presente fora do presente, isto é, um presente inatural, intempestivo (LARROSA, 2002).

Verticalizando ainda mais a compreensão acerca da “originalidade” da Educação-Gerúndio, a educação do movimento original e inventivo, é de supor que esta educação seja mais um contralto no coral respeitável dos que capricham nos belos acordes do *hit parade* do momento: “ouvir as crianças”.

Efetivamente, as crianças não têm nada de “novo” a nos dizer. Contudo, precisamos ouvi-las porque elas têm algo de muito “antigo” a nos dizer.

Toda língua, escrita ou falada, desenvolve-se, por um lado, nas trilhas do racional, do empírico, do técnico e, por outro, nas trilhas do simbólico, do mítico, do mágico. Nas sociedades arcaicas, essas trilhas eram usadas indistintamente e nossos ancestrais viviam num mundo de prosa e poesia (MORIN, 2003).

Com o advento do Renascimento e, um pouco mais tarde, a partir do século XVII, que colocaria uma cultura científica e técnica em oposição a uma cultura humanista, literária, a poesia autonomizou-se. Então, a poesia não é mais mito, “embora sempre se nutra da fonte, que é o pensamento simbólico, mitológico, mágico” (MORIN, 2003).

As crianças nos dão notícias desse mundo antigo, prosaico e poético. Por isso, é preciso escutar as crianças e suas vozes antigas, longínquas. Como afirma Morin (2003) “A verdadeira novidade nasce sempre de uma volta às origens”.

#### 1.1.4 Os conceitos em cena

*As coisas que não têm nome  
são mais pronunciadas  
por crianças.  
(Manoel de Barros)*

As imagens veiculadas pela TV têm um grande poder de sedução sobre os telespectadores, independente da faixa etária. Essa sedução é, por si só, motivo de preocupação social, uma vez que, dependendo do programa e da política cultural da emissora, pode tentar impor ideologias, reafirmar preconceitos, padronizar gostos, gestos e comportamentos.

A TV possui estratégias para nos seduzir e também para nos (des)educar, na medida em que nos mostra a sociedade através de filmes, programas de auditórios, de entrevistas e telenovelas. A onipresença dessas imagens traz em seu bojo diferentes saberes. São ensinamentos de toda ordem, podendo até mesmo influenciar nas escolhas que a vida concreta nos obriga a fazer. Atenta a este problema, a pesquisadora Rosa Maria Bueno Fischer (2003) faz questão de ressaltar:

As mínimas estratégias de a televisão afirmar-se como um lugar especial de educar, de fazer justiça, de promover a ‘verdadeira’ investigação dos fatos (relativos a violências, transgressões, crimes de todos os tipos) e ainda de concretamente ‘ensinar como fazer’ determinadas tarefas cotidianas, determinadas operações com o

próprio corpo, determinadas mudanças no cotidiano familiar e assim por diante.

Muito embora este trabalho esteja centrado na recepção, julgo necessário pintar um “óleo sobre tela”, ainda que modesto, acerca da trajetória da TV e da telenovela no Brasil.

A televisão está presente na sociedade brasileira há cinquenta e sete anos. É claro que nas primeiras décadas o número de domicílios com televisores era bastante reduzido. Mas, a partir dos primeiros anos da década de setenta, com a política de integração nacional implantada pela ditadura militar, a indústria de televisão brasileira começou a se expandir. Duas décadas mais tarde, na era do real, os televisores despontaram na lista dos eletrodomésticos como os campeões de venda. Com o advento do século XXI, a TV brasileira passou a cobrir quase que a totalidade do território brasileiro, segundo Hambúrguer (2005, p. 22).

A telenovela brasileira nasce praticamente junto com a implantação da TV no Brasil. No final do ano de 1950, a TV Tupi estreava a “Vida por um fio”, que era na verdade um teleteatro baseado num filme estadunidense “Sorry, Wrong Number”. Nessa época, a maioria do elenco era oriunda das rádios. Embora já houvesse, na década de 1950, toda uma linguagem desenvolvida para as radionovelas, constatou-se logo a necessidade de criar uma linguagem televisiva. Noticiários, propagandas e telenovelas eram feitas ao vivo, o que exigia dos profissionais da área um grande talento para o improviso.

Da “Vida por um fio” à “Malhação” dos dias atuais, a telenovela brasileira se aperfeiçoou, investindo em novas tecnologias, trabalhando temas variados, reproduzindo, de acordo com a época, a tradição das classes dominantes ou polemizando temas como aborto, homossexualismo, incesto, AIDS etc. Independente da trama e da forma como as questões são tratadas pelos roteiristas, o fato é que decorrido mais de meio século a telenovela brasileira está ligada à cultura nacional.

É justamente esta ligação que importa a esta pesquisa, uma vez que desejo saber como se dá a recepção pelos adolescentes da telenovela nos dias de hoje. Ou dito de outra maneira, como ocorre a recepção, a apropriação e a re-significação pelos adolescentes, uma vez que estão expostos, cinco dias por semana a cenas que sugerem discussões sobre o corpo, a língua, a indumentária, a sexualidade, a valores de toda ordem, a escola, a família? E, é claro, de uma maneira muito especial, procuro compreender aqui como se dá o consumo das cenas de amor pelos jovens.

Na década de 1920 tem início o estudo dos efeitos, cuja preocupação com as conseqüências da industrialização das culturas inaugura um novo modo de pensar a mídia

na sociedade. Entretanto, para os propósitos desta pesquisa, são as investigações inscritas nos anos oitenta que me servirei, as que se enquadram no que se pode chamar de "Paradigma Crítico da Investigação Integral da Audiência" (COGO; GOMES, 2001, p. 9).

Orozco Gómez e Mercedes Charles Creel<sup>2</sup> apontam a coexistência de diferentes tendências de investigação, tais como a Etnografia da Recepção, as Frentes Culturais, os Usos Sociais, no qual insere-se Jesús Martín-Barbero, as Comunidades de Interpretação, a Mediação Múltipla, de Guilherme Orozco Gómez, o modelo Sócio-Semiótico e o de Consumo Cultural, que tem em Nestor Garcia-Canclini sua maior expressão. Apesar destes estudos abordarem vários meios de comunicação, o que importa para a minha pesquisa são as considerações desses pesquisadores sobre a recepção televisiva.

Estes estudiosos da recepção concordam que a mensagem pensada e produzida pelos realizadores e produtores, ao ser exibida, corre o risco de sofrer alterações substanciais. Isso se deve ao fato de ser a recepção um campo de negociações.

A comunicação, dizem os pesquisadores, é produzida, efetivamente, no momento da recepção. Entretanto, compreender todo o processo de produção, analisar o produto criado e articular a recepção a essas duas etapas é tornar mais abrangente a compreensão do fenômeno como um todo.

A produção de sentidos ou significados no campo da recepção resulta em "mediações". A audiência, ao fazer mediações, está imersa num contexto estrutural que se apóia na *cotidianidade familiar*, na *temporalidade social* e na *competência cultural*, conforme Martín-Barbero (2001).

A *cotidianidade familiar* pode ser entendida como o lugar de mediação no universo doméstico, onde na relação diária dos membros da família ocorre a produção de sentidos. A *temporalidade social* é o lugar onde é possível produzir sentido no tempo do cotidiano, no tempo das culturas populares. E a *competência cultural* está relacionada às identidades culturais.

Para Orozco Gómez, o conceito de mediação é bastante similar ao de Martín-Barbero. Gómez entende *mediação* "como um processo estruturante que configura e reconfigura, tanto a interação dos auditórios com os meios, quanto a criação pelo auditório do sentido dessa interação" (COGO; GOMES, p.12). Para ele, as mediações provêm dos meios e dos sujeitos da audiência, e não se constituem em objetos de observação. Tal qual as classes sociais, ou categorias como professores, funcionários etc., as mediações não podem ser vistas.

O processo de recepção consiste em diferentes mediações. O modelo de mediação múltipla pensado por Gómez pode ser assim esboçado:

- Mediação cognoscitiva: diz respeito a um "conjunto de idéias, repertórios, esquemas e roteiros mentais que influem em nossos processos de percepção, pensamento e apropriação das mensagens propostas pelos meios" (COGO; GOMES, p.13).

---

<sup>2</sup> A informação que se segue é apenas uma nota no livro de COGO e GOMES citado acima. Decidi trazê-la para o corpo do meu texto por julgá-la pertinente neste momento introdutória acerca das questões de recepção.

- Mediação institucional: é a mediação derivada das instituições sociais que estabelecem relações com a audiência, como, por exemplo, a igreja, a escola, a família etc.

- Mediação do entorno: é uma mediação “híbrida”, pois engloba outras mediações, como as mediações culturais, a mediação da audiência com o meio e as mediações situacional, contextual e estrutural.

- Mediação situacional: é aquela que tem como o lugar privilegiado o espaço doméstico. Através desta mediação é possível obter informações detalhadas no momento da recepção e saber, por exemplo, se o receptor estava concentrado ou não, se estava mudando de canal com frequência, se estava conversando com alguém, enfim, nuances que podem ser significativos ao se estudar o fenômeno da recepção.

- Mediações contextuais: referem-se a elementos contextuais da recepção, ou seja, considera-se o contexto da recepção.

- Mediações estruturais: referem-se a classes sociais, gênero, etnia e idade.

No final dos anos 60 do século passado, começou a se desenvolver uma leva de projetos intervencionistas na esteira da Educação. Muitos desses projetos se preocuparam com a análise dos meios e levantaram bandeiras contra a alienação cultural dos países pobres. Outros, porém, voltaram-se para a análise de conteúdo, “cuja preocupação central é o desvelamento da ideologia e do significado cultural dos meios de comunicação” (COGO; GOMES, p.18)

Alguns desses projetos, imbuídos na idéia de propiciar um espírito crítico, voltaram-se para a *alfabetização para os meios*. Observa-se também nessa época projetos focados na *recepção ativa* da audiência, os quais consideravam os receptores como produtores de sentido. Gómez compartilha das idéias de recepção ativa.

O conceito de “uso” que utilizarei é o mesmo que Nilda Jacks (1996) aponta nos estudos de recepção: “práticas inalienáveis da situação sócio-cultural dos receptores, que reelaboram, ressignificam, ressemantizam os conteúdos massivos conforme sua experiência cultural, suporte das apropriações”. O uso das imagens televisivas por parte dos dois grupos a serem estudados importa muito a esta pesquisa. A ressignificação das imagens traz sempre à tona o telespectador ativo, produtor de sentido, portanto. Na esteira da produção de sentidos encontra-se parte do processo da recepção. Concentrar-me-ei neste momento rico da mediação.

A “apropriação” é outro conceito-chave para esta pesquisa. Entendendo a recepção como um processo heterogêneo tanto na produção de imagens quanto na recepção das mesmas, a idéia de consumidor passivo cai por terra. A partir do que o telespectador vê na tela da TV, começa um trabalho nem sempre perceptível de produção de sentido. Dessa forma,



o termo apropriação implica uma posição ativa do sujeito na sua relação com o meio comunicativo, descarta-se a idéia de influência unívoca. A perspectiva em questão prevê um sujeito ativo que constrói seu contexto significativo traduzindo as experiências com os meios em possibilidades de construção da identidade pessoal e social. (FANTIN, 2006)

Para entender o conceito de consumo, talvez seja interessante citar o que significa leitura para Jesús Martín-Barbero (2001, p. 291):

Se entendermos por leitura 'a atividade por meio dos quais os significados são organizados num sentido', resulta que na leitura - como consumo - não existe apenas reprodução, mas também produção, uma produção que questiona a centralidade atribuída ao texto-rei e a mensagem entendida como lugar da verdade que circula na comunicação.'

O consumo televisivo, ou a leitura das imagens por parte dos telespectadores, não pode ser tomado como uma reprodução pura e simples. O consumo consiste também numa produção de sentidos dentro do universo cultural dos indivíduos. Consumo é, pois, um “conjunto de processos de apropriação de produtos”. (Martín-Barbero, 2001, p.290).

“Mediação” será entendida aqui como um espaço de delimitação e configuração da materialidade social, da expressividade e da hegemonia cultural. Tal hegemonia é entendida como espaço de confronto, de relações de forças dentro de um sistema no qual grupos passam a ser preponderantes, mas não exclusivos. Barbero também propõe os três lugares básicos para as mediações: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Mediações são “lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão”. (Martín-Barbero, 2001, p.291-2)

A “recepção” não é apenas uma etapa do processo de comunicação. É um lugar novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação (Barbero, 2001, p.39). Barbero diz ainda que “as chaves da trama conceitual da investigação da recepção na América Latina” são quatro: os estudos da vida cotidiana, os estudos sobre consumo, os estudos sobre estética e semiótica da leitura e os estudos sobre a história social e cultural dos gêneros. (Barbero, 2001, p.58)

### 1.1.5 Revendo

## Palavra que eu uso me inclui nela

(Manoel de Barros)

Minha revisão bibliográfica teve como suporte, até o presente momento, os textos do Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – COMPÓS, trabalhos apresentados no período de 2003 a 2006. Pretendo, ainda, ampliar esta revisão fazendo uso dos textos da Anped e de algumas dissertações do PPGE. O motivo que me levou a optar por este acervo digital foi a alta qualidade na produção dos artigos, o seu rigor científico e a relação dialógica que eles estabelecem com minha pesquisa. É o caso do trabalho de Ingrid Dittrich Wiggers, “Corpo, mídia e infância: imagens de meninas de Brasília.”

A pesquisa de Wiggers tem a preocupação de “analisar as respostas das crianças pesquisadas aos padrões corporais oferecidos pela mídia”. As respostas das crianças, meninas entre sete e nove anos, dada na produção de desenhos, confirma a teoria barberiana de que o campo fértil da produção de sentidos é o espaço cultural, que no caso específico da pesquisa de Wiggers foi a escola.

Fato intrigante em seu trabalho foi a construção, baseada na análise de desenhos de figuras humanas e auto-retratos, de uma tipologia feminina: a “menina mulher”, a “loira imaginária”, a “engraçadinha” e a “magrela”. Esta tipologia, constatada na produção artística das crianças, relaciona-se com as imagens midiáticas consumidas pelas mesmas. Desta maneira, foi possível observar auto-retratos incoerentes com os corpos das autoras, mas muito próximo do padrão presente na mídia. Comprovou-se, portanto, que a produção das meninas estava ocorrendo no plano da recepção, onde a própria consciência corporal acusava transformações significativas.

Outra pesquisadora, Maria Carmem Jacob de Souza<sup>3</sup>, reflete sobre as estratégias metodológicas usadas para relacionar a mediação videotécnica com a mediação de gênero. Ela lembra o esforço frustrado que tem se traduzido nas tentativas de se promover uma articulação entre a dinâmica da produção, a análise do produto e a análise da recepção. Percebe-se que articular estas três dimensões ainda é um desafio para as novas pesquisas na área em questão. Mesmo ao pesquisador privilegiado, com

---

<sup>3</sup> SOUZA, Maria Carmem Jacob. Uma reflexão sobre as relações entre os lugares de mediação nos estudos de recepção de telenovelas. COMPÓS.

livre acesso às três dimensões, o trabalho continua exigindo um esforço hercúleo, digno das mais delicadas filigranas, seja pelo detalhamento minucioso de um olhar acurado, seja pela complexidade de articular o tripé produção/produto/recepção. O artigo de Souza aclara os limites da minha pesquisa, pois que ela se inscreve preferencialmente na análise da recepção.

Em meu *flanaire* benjaminiano pelos papiros eletrônicos da COMPÓS, deparei-me com um artigo<sup>4</sup> que analisa a superação da dicotomia “real/ficcional” na TV. O autor, utilizando-se, por um lado, da “Estética da Recepção”, estudada por W. Isen e H. Gumbrecht, e, por outro, considerando a “Semiótica da Recepção”, estudada por Humberto Eco, propõe uma reflexão sobre o mundo da TV numa perspectiva recepcional. Ele entende que para Eco o relevante na TV não é a relação entre enunciado e fato, mas sim “entre verdade do ato de enunciação e experiência receptiva do espectador”. A TV não é mais o “espelho do real” e sim “produtora do real”.

Este pesquisador comenta que Gumbrecht entende por realidade televisiva “a inserção da TV na vida privada de salas e quartos”, ou seja, a fusão do programa de televisão à realidade privada do espectador. Resulta daí que o fictício não se opõe ao real, posto que o fictício é “um ato que abre um espaço no qual real e imaginário se encontram, jogam-se, deformam-se”. A mediação do real/imaginário não se constitui numa união e sim numa produção de efeito estético. O autor deste artigo afirma que é possível pensar “uma realidade televisiva para além da referencialidade e mesmo da dicotomia falso/verdadeiro”.

O artigo de Rosa Maria Bueno Fischer, intitulado “Juventude e mídia: possíveis singularidades de uma audiência ativa”, aborda os conceitos de resistência e dispositivo em Foucault e privilegia, sobremaneira, as contribuições de Hannah Arendt e John D. H. Downing, autores imprescindíveis para refletir os sintomas da cultura contemporânea.

Fischer defende a máxima foucaultiana de que onde há poder, há resistência e de que só se exerce poder sobre homens livres. Ao esboçar em linhas gerais os resultados da sua pesquisa ela demonstra concordar com Downing sobre a atenção que ele dispense aos pequenos, porém significativos eventos comunicacionais. Não

---

<sup>4</sup> LEAL, Bruno Souza. “A gente se vê por aqui”: a realidade da TV numa perspectiva recepcional. COMPÓS.

obstante, o estudo realizado por Fischer é centrado na mídia convencional, como a MTV e a Rede Globo de Televisão.

Esta pesquisadora entende que ao se trabalhar com recepção pode-se observar simultaneamente tanto a produção e a reprodução de imaginários, quanto expressões de singularidades e de formas micropolíticas de resistência. Ao comentar os resultados da sua pesquisa, ela constata: o desejo dos jovens de narrar e ser narrado; o aprendizado midiático; a confusão acusada pelos jovens na busca da compreensão da vida pública e da vida privada; as contradições e as dúvidas de toda ordem.

Destaco aqui dois momentos do artigo de Fischer onde a telenovela *Malhação* é citada quando ela se refere aos adolescentes e jovens. No primeiro momento ela observa: “O que eles [adolescentes e jovens] têm vergonha de perguntar aos pais oferece-se como presente nas revistas femininas ou numa *soap opera teen* como *Malhação*.” No segundo momento ela nos relata: “Os jovens oscilam entre o reconhecimento de que programas como *Malhação*, por exemplo, atraem porque ‘mostra a sociedade’, e ao mesmo tempo provocam alguma rejeição, na medida em que lá é o reino da artificialidade e da mesmice: ‘a história é sempre a mesma’.

Observo, pois, que se por um lado essas complexidades manifestas pelos estudantes constituem-se num campo generoso de informações, por outro torna-se evidente o labor intelectual que é preciso empregar na busca por respostas ao se trabalhar com grupos de pessoas em situação de recepção.

Carla P. Barros<sup>5</sup> traz à tona uma discussão sobre a importância das novelas na construção de uma comunidade imaginada. Sua pesquisa reflete sobre mídia e recepção num contexto de mediação entre empregadas domésticas e suas respectivas patroas. Um dos aspectos relevantes do trabalho de Barros é a sugestão de se trabalhar com a etnografia, uma vez que sua metodologia possibilita o “acesso aos significados culturais coletivamente elaborados”.

Dentre os textos apresentados na COMPÓS nos últimos quatro anos, o que mais se aproxima da minha pesquisa é o de Lisa França, “Contribuições da televisão para a formação da identidade na adolescência – uma análise do processo de recepção.” Tendo por objetivo investigar o papel da televisão na contemporaneidade e atenta à contribuição que a TV pode ter na formação da identidade dos adolescentes, França faz

---

<sup>5</sup> BARROS, Carla P. Televisão e processo reflexivo: notas sobre uma etnografia de um grupo de empregadas domésticas. COMPÓS.

um relato bastante didático da sua tese de doutorado, explicitando os procedimentos metodológicos do seu trabalho.

Partindo do princípio de que a ficção televisiva pode contribuir para a compreensão da dimensão humana, sobretudo na adolescência, a pesquisadora elegeu cem estudantes, matriculados no último ano do ensino obrigatório, num colégio público no centro de Barcelona. Após confirmar, via questionário, que o programa mais assistido por estes jovens era a série juvenil semanal *Compañeros*, cuja trama se passa num colégio, França passa a analisar a mediação propriamente dita. Ela demonstra no resultado de sua análise sobre *Compañeros* que este programa constituiu-se numa “fonte de informação e de formação de valores” e como tal contribuiu para a construção de identidades dos adolescentes.

Além dos textos da COMPÓS, gostaria de comentar, de maneira muito sucinta, alguns livros a que tive oportunidade de ler. Um deles foi “A leitura social da novela das oito”. Ondina Leal Facher (1986), com este livro, deu uma contribuição bastante significativa nas pesquisas em recepção. Em seu trabalho, promoveu uma articulação dialogal entre os pensadores da escola de Frankfurt e os teóricos da comunicação, buscando uma compreensão do papel da televisão, especialmente o da novela das oito, no cotidiano brasileiro. Para tanto, elegeu dois grupos distintos de famílias para acompanhar o momento da recepção da novela. Um grupo pertencia à alta sociedade e outro à classe popular. Ondina Leal percebeu que o local que a TV ocupava na casa das pessoas e o lugar que a mesma ocupa na vida das pessoas tem uma relação estreita. Isso só foi possível devido a um acompanhamento prolongado, próprio das pesquisas etnográficas.

Um outro livro, um clássico, aliás, é “O mito na sala de jantar” (FISCHER, 1993). Procurando atingir os dois objetivos a que se propõe, quais sejam, analisar a presença do mito na TV e mostrar a produção de sentido dos telespectadores, Rosa Maria Bueno Fischer (1983) parte da hipótese de que através da TV ocorre a vivência eletrônica do mito. O livro é uma verdadeira aula de análise interpretativa dos discursos. Escrito com invejável rigor científico, constitui-se como excelente referência nos estudos de recepção.

Apesar de eu não me propor a trabalhar com a presença do mito na TV, lançarei mão de metodologias de análise muito próximas às de Rosa Fischer, qual seja, descrever as cenas exibidas, ouvir os comentários dos estudantes acerca dessas cenas e analisá-las à luz do meu referencial teórico.

“Mídia-educação” (FANTIN, 2006) é outro livro que já nasceu um clássico. Com uma escrita precisa e elegante, Mônica Fantin aborda conceitos imprescindíveis para os estudos em mídia-educação e transcreve dez entrevistas realizadas com professores pesquisadores italianos, promovendo um verdadeiro diálogo, não apenas entre os entrevistados, mas também entre entrevistados e leitores. Da mesma forma, quando eu transcrever a fala dos dois grupos de adolescentes, buscarei um diálogo entre ambos e procurarei estabelecer relações com meus teóricos e com outras obras afins.

Também o livro de Maria Isabel Orofino, “Mídias e Mediação Escolar” (OROFINO, 2005), é digno de nota. Dentre tantos aspectos positivos a se comentar, que resultariam num belo artigo, destaco aqui três que me chamaram a atenção: a forma inteligente de a autora articular prática e teoria, a verve política da autora e a vontade de intervir na prática escolar. Em suma, um livro que cumpre o seu papel: transformar o leitor.

A autora propõe, na primeira parte de seu livro, um projeto de articulação entre escola e outros setores da sociedade civil “na construção de alianças de transformação”. Essa preocupação política também estará presente neste trabalho, na medida em que a própria realização do mesmo consiste, a um só tempo, na criação de um espaço de reflexão e numa mediação incomum para a maioria dos educandos. Ao se propor aqui que esses adolescentes escrevam uma cena de uma novela qualquer, estará se potencializando também vontades, que poderão desencadear um movimento popular em busca de Tvs comunitárias.

Acredito que as escolas particulares também devam estar articuladas com movimentos populares na luta pela democratização dos meios de comunicação, pois não há garantia alguma de que crianças e adolescentes das classes mais ricas desse país saibam do que realmente ocorre nos bastidores políticos. Trabalhar essas crianças, que estão supostamente mais próximas a esses bastidores, é uma experiência que, se não traz resultados concretos de imediato, ao menos gera desde o início calorosas discussões no interior do poder.

Considero que a revisão bibliográfica aqui empreendida e descrita de maneira resumida foi muito valiosa, pois me permitiu uma interação acerca das pesquisas que trabalham a recepção. Procurei buscar nela um diálogo maior com minhas indagações, observando os caminhos traçados por outros pesquisadores no intuito de cometer outros acertos e erros, não os mesmos de meus antecessores.

Constatei na revisão bibliográfica que os estudos de recepção ora estão focados numa discussão teórico-metodológica, ora se mostram centrados ou na produção de imagens, ou no produto em si, ou, ainda, na recepção das imagens. Observei também que os estudos em recepção ainda são incipientes e que se utilizam de suportes filosóficos diferentes, metodologias das mais variadas e são motivados por problemas que vão das respostas que as crianças dão aos apelos da mídia, ao tecido sócio “passado e engomado” por trabalhadoras urbanas brasileiras, passando frequentemente por importantes discussões teóricas pertinentes ao campo em questão.

Fica a lição de que estudar recepção implica em romper fronteiras e buscar diálogos em terras comunais onde várias disciplinas, ao inventarem novos objetos, formulam, juntas, novos problemas e buscam, em conjunto, explicações, soluções e produção de sentido.

## **2 CÂMERA**

### **2.1 Abordando**

*A minha independência tem algemas*

*(Manoel de Barros)*

Em linhas gerais, e considerando as dificuldades de se levantar dados históricos que remontam a doze anos de *Malhação*, apontarei a seguir os dados que pude levantar até o presente momento desta telenovela.

A telenovela *Malhação* foi ao ar pela primeira vez em 24 de abril de 1995, através da Rede Globo de Televisão. Ela surge num momento em que o culto ao corpo e à saúde passou a ser motivo de muita atenção para boa parte da sociedade brasileira. Este cuidado extremado com o corpo já havia contagiado, alguns anos antes, o jovem presidente da República, Fernando Collor de Mello, que governou o país de 1990 a

dezembro de 1992. Inúmeras vezes ele deixou-se flagrar pela mídia em seu *cooper* matinal, ou em manobras tão radicais com o seu *jet-sky* quanto as manobras políticas que deram início ao seu processo de *impeachment*. Em setembro de 1992, a população foi às ruas na campanha “Fora, Collor!”, devido a uma série de denúncias de corrupção envolvendo o presidente e seu tesoureiro de campanha eleitoral, o empresário Paulo César Farias. Destacaram-se nessas manifestações grupos de estudantes liderados pela UNE, que, indignados, pintaram seus rostos com as cores da bandeira brasileira e entraram para a história como os “caras pintadas”. Conscientes ou não, estes jovens estavam imbuídos num momento histórico onde a saúde cívica de um país acabava por coincidir com a saúde física do seu povo, representada por um corpo, além de saudável, esculpido para ser mostrado.

Assim como os exercícios do ex-presidente, essa cultura da supervalorização do corpo está relacionada à importância da imagem em nossa rotina. À medida que as imagens se proliferam e se reproduzem numa velocidade nunca antes experimentada, a visão passa a ter prioridade sobre os outros sentidos, resultando daí uma “geração saúde” atenta à aparência do seu próprio corpo, pois ele é a imagem que deve agradar, seduzir e encantar o outro.

Nos primeiros anos da telenovela *Malhação*, o universo diegético girava em torno de uma academia de ginástica freqüentada por jovens da classe média alta do Rio de Janeiro. Polêmica, paixão, romance e leveza marcaram os primeiros anos de *Malhação*. O Drama, a intensidade dos personagens, os dilemas existenciais foram pouco explorados pelos roteiristas.

A partir de 1998, porém, algumas mudanças ocorreram. Acompanhando a presença cada vez mais marcante dos computadores em nossas vidas, a telenovela mudou o nome para “*Malhação.Com*” e o programa a partir daí passou a ser transmitido ao vivo. Os atores interagiam diretamente com o público através da internet. Respondiam algumas perguntas dos fãs ao vivo e logo em seguida era repedido um capítulo de *Malhação*. Também o cenário mudou da academia para a casa de “Mocotó”. Os anos anteriores da diegese passaram a ser lembrados através de um álbum eletrônico. A iniciativa de lembrar o passado era inovadora, pois trazia à tona debates de interesse dos adolescentes. A intenção dos diretores era clara: promover um bate-papo real, através da internet, entre atores e telespectadores. O resultado foi decepcionante, pois a audiência despencou e o programa voltou à academia, seu formato original.



Em setembro de 1999, nova mudança. O cenário agora passa a ser o Colégio Múltipla Escolha. A comunidade escolar é trazida para a tela com vários problemas tirados do cotidiano concreto dos adolescentes. Violência, sexo, gravidez precoce, conflitos familiares, agora são abordados com maior frequência.

Malhação chega aos dias atuais ainda ambientada no Colégio Múltipla Escolha. Como todo ano ocorre uma renovação de personagens, os protagonistas de 2006 eram “Cauã”, “Manuela” e “Priscila”.

Na temporada de 2006 os conflitos giraram em torno da formação de gangues, relação de condôminos, depredação de escolas, relacionamento entre adolescentes, pais e filhos, imagem do atleta e a condição de paraplégicos na sociedade. Também a homossexualidade masculina e feminina é trazida várias vezes para a trama. O que mais chama a atenção, entretanto, é que há sempre a presença de um personagem arquitetando uma maldade contra outro. Daí a eterna dicotomia entre o bem e o mal, com a punição parcial ou total dos vilões nos capítulos seguintes.

Não é objeto dessa pesquisa perceber a validade ou não da trama em Malhação. Muito menos avaliar o trabalho das autoras Izabel de Oliveira e Paula Amaral. O que interessa aqui é saber como esse caldeirão de imagens, exemplos e conflitos são resignificados pelos adolescentes, ou seja, como opera a produção de sentidos. A força da telenovela não reside nas mensagens das cenas em si, mas na apropriação e no uso que se faz dessas mensagens na vida real das pessoas. É o movimento social, complexo pela sua natureza, posto que varia de acordo com as idiossincrasias, credos, formação, criticidade, cultura e realidade de cada um, que se torna importante neste estudo.

Alguns estudos (MOTTER, 2000) apontam para a importância da telenovela enquanto gênero. Muitas novelas brasileiras levantam problemas do cotidiano concreto, antecipando-se em discussões que a sociedade por vezes rejeita, seja por se mostrar conservadora, seja por se mostrar preconceituosa. Apesar do preconceito que as telenovelas tem sido alvo, dentro e fora das universidades, é importante destacar que “através do seu mundo ficcional, com o recurso da figurativização, ou seja, através da dramatização, a telenovela busca reproduzir, naquele micro-universo, os problemas do nosso dia-a-dia, ler e entender um pouco o que nos acontece”.

### 2.1.1 As escolas

As Escolas escolhidas para desenvolver esta pesquisa foram uma escola particular, localizada em Jurerê Internacional e uma escola pública. A escola particular está localizada no bairro mais nobre da cidade, dispõe de uma boa infra-estrutura, ambiente silencioso, com salas amplas, biblioteca razoável, sala de computação, pátio arejado e espaçoso, cantina, estacionamento próprio. Possui um sistema de vigilância que dá plena segurança aos estudantes. A maioria dos estudantes que esta escola atende é oriunda de famílias financeiramente abastadas.

A escola pública, localizada no Bairro Agrônoma, na cidade de Florianópolis, iguala-se com a escola particular devido a boa infra-estrutura, posto que conta com salas amplas, um bom ambiente, biblioteca razoável, estacionamento para pais e professores. Também conta com vigilância permanente. No primeiro contato com a escola já foi possível observar que os alunos são, em grande parte, oriundos das camadas populares. Eis aí a grande diferença: o perfil sócio-econômico dos educandos.

### 2.1.2 Coletando os dados

Esta dissertação respalda-se, como assinalado anteriormente, na relação entre a recepção da telenovela *Malhação*, a mediação dos dois grupos de telespectadores escolhidos e as teorias latino-americanas de recepção. A escolha metodológica aqui pretendida é qualitativa e a técnica empregada é o estudo de caso. O método se funda em uma interpretação das informações coletadas através dos instrumentos empregados nesta pesquisa à luz, principalmente, das teorias barberianas. De acordo com as idéias de Barbero, o estudo da comunicação social transcende o estudo dos meios. Ele foca a atenção para o problema das mediações, considerando a ação humana, levando em conta a complexidade na relação entre mídia e mediação.

Também as reflexões de Orozco serão imprescindíveis para esta pesquisa. Este autor chama a atenção para o fato de que a recepção dos telespectadores não se dá

necessariamente de forma passiva, podendo ocorrer uma negociação na recepção, seja através da apropriação, seja através da recusa<sup>6</sup>.

A coleta de dados aconteceu com os seguintes instrumentos de pesquisa: questionário, grupo focal e produção de uma cena escrita de uma telenovela imaginária.

O questionário procurou abordar questões gerais sobre o uso das mídias, o universo social a que os jovens estão inseridos, as relações afetivas que estabelecem com o meio onde vivem e questões relacionadas ao corpo. A forma final do questionário foi o resultado de um processo iniciado através de levantamento de questões pertinentes à recepção televisiva, ao uso, à frequência, aos programas mais assistidos. O questionário e a técnica de grupo focal foram testados com jovens do segundo ano do ensino médio, no colégio de Aplicação, localizado no campus da Universidade Federal de Santa Catarina.

Para a realização do grupo focal selecionei quatro cenas da telenovela *Malhação*, que foram ao ar nos dias 18,19 e 20 de julho de 2006. Todas as cenas escolhidas têm como tema central o relacionamento amoroso. A técnica dos grupos focais<sup>7</sup> permite conhecer as estruturas dos argumentos sustentados pelos jovens pesquisados.

O grupo focal não é apenas uma metodologia qualitativa, ele é também uma mediação que potencializa a reflexão e aproxima o pesquisador do momento privado da produção de sentidos<sup>8</sup>. Por entender assim, esta investigação não privilegiará a audiência em seu lar, onde costumeiramente se toma como o “habitat natural” do telespectador. Ela ocorrerá no espaço escolar, local onde a programação da TV existe exclusivamente, salvo raríssimas exceções, como discurso da fala oral.

Elegi as escolas para desenvolver minha pesquisa devido à facilidade e segurança de nelas encontrar e trabalhar com os adolescentes. Evito chamá-los de “educandos”, “alunos”, ou “estudantes” porque minha pesquisa não se pauta na relação ensino/aprendizagem. Ora os chamo de “jovens”, ora de “adolescentes”. Estou convencido de que assim alcançarei uma sintonia fina com as técnicas de pesquisa,

---

<sup>6</sup> Maria Isabel Orofino, em seu livro “Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade”, expõe em linhas gerais as idéias de Barbero e Orozco. Essa autora também faz uma discussão sobre o conceito de mediação escolar, que é o adotado aqui neste estudo.

<sup>7</sup> As pesquisadoras Ângela Cristina Salgueiro Marques e Simone Maria Rocha, apresentaram na última Compós, realizada na cidade de Bauru, de seis a nove de junho de 2006, um texto sobre a técnica de grupos focais, cujo título é “A produção de sentidos nos contextos de recepção: em foco o grupo focal.”

<sup>8</sup> MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; ROCHA, Simone Maria. A produção de sentidos nos contextos de recepção: em foco o grupo focal. COMPÓS

pensadas a partir de perguntas e atividades propostas que remetem a comportamentos e posturas, por parte desses jovens, fora da escola.

Entendo que as negociações, a construção e reconstrução de valores significativos, as decodificações de mensagens/imagens, as apropriações e os usos que são feitos nos lares, da mídia em geral e da TV em particular, acompanham os indivíduos por outros espaços sociais como cinema, shows, partidas de futebol, bares, igrejas e escolas. Justifica-se, portanto, utilizar o grupo focal, uma vez que ele faz emergir visões de mundo, expondo argumentos que dificilmente viriam à luz através de um questionário ou mesmo de uma entrevista.

Considerando o grupo focal imerso num campo dinâmico, onde os saberes são construídos e transformados a todo o momento, podemos considerá-lo como uma mostra exemplar da Educação-Gerúndio, uma vez que esta Educação se configura num campo movediço cujas forças sociais interagem ininterruptamente.

As turmas foram divididas em equipes de cinco pessoas, as quais tiveram como tarefa a produção de uma cena de telenovela que estivesse em consonância com o desejo e as preocupações da equipe. Essa cena foi inspirada no cotidiano concreto das equipes. Isso permitiu vislumbrar, por comparação, em que medida a vida dessas pessoas é contemplada pela telenovela *Malhação*.

Visando preservar a identidade dos jovens pesquisados, utilizo apenas a letra inicial do nome deles e a abreviatura da rede onde estudam. Uso “part.” para a rede de ensino particular e “pub.” para a rede pública. Na escola particular trabalhei com quatro adolescentes, todos contando catorze anos de idade e do sexo masculino, a saber: “Rpart.”, “Gpart.”, “Vpart.” e “Hpart.” Na escola pública trabalhei com sete adolescentes cuja faixa etária compreende jovens entre catorze e dezesseis anos. Nessa escola, “Lpub.” e “Epub.” pertencem ao sexo masculino. “Jpub.”, “Mpub.”, “Bpub.”, “Ipub.” e “Vpub.” pertencem ao sexo feminino.

## **3 AÇÃO**

### **3.1 Tipo assim – os poréns do amor**

Antes de começar a analisar os dados que privilegiei nesta pesquisa, que são os dados que dizem respeito ao vínculo existente entre as relações amorosas veiculadas na telenovela *Malhação* e o consumo destas cenas pelos dois grupos de adolescentes pesquisados, julgo necessário tecer algumas considerações acerca das acepções da palavra “amor”.

Não me seria possível abordar uma palavra como essa sem dar alguns contornos, ainda que tênues, do lugar de onde falo, posto que por “amor” pode-se tomar um universo de significados muito extensos. Daí a necessidade de se resgatar a etimologia e mostrar de que forma o amor foi pensado por determinados autores.

No artigo de Carla Francalanci<sup>9</sup>, encontramos uma informação preciosa acerca do adjetivo grego *phílos*, cujo mérito deve ser creditado a Émile Benveniste. De acordo com este lingüista,

*phílos* era empregado para denotar, primeiramente, compromissos estabelecidos em um plano interpessoal: seja os de um guerreiro para com seus companheiros ou superiores, os de um estrangeiro para com seu hóspede ou vice-versa, os do marido com relação à esposa, ou mesmo aqueles que podiam circunstancialmente ocorrer entre inimigos, como no momento em que, durante uma batalha, os combatentes fixavam um pacto restrito.

Esses compromissos (pactos, acordos) assumidos acabam por estabelecer vínculos, aproximando as pessoas envolvidas. Dessa forma, o que estava muitas vezes na esfera da ordem interpessoal vai migrando aos poucos para a vida pessoal, convertendo-se em um “sentimento”. A partir daí a noção de “amor” se expande e diz respeito a todas as pessoas, objetos ou partes do corpo que possuem uma carga afetiva. Assim, o verbo *philein* pode significar “amar”, “devotar amizade”, “ser caro a”, sendo essas as acepções mais usuais atualmente.

Francalanci entende por “sentimento” um “como”. Não é algo que existe de *per si* e, no entanto, nos afeta, nos move, nos toca. Assim como na música, o sentimento é qualificado conforme seu caráter modal. Modo, na gramática musical, é a maneira como se dispõem os intervalos de tom e semitom na escala, correspondendo a uma determinada ambiência. De maneira similar a que acontece na música, as vicissitudes

---

<sup>9</sup> FRANCALANCI, Carla. **Amor, filosofia, fundamento**. Disponível em: <<http://www.ciencialit.letras.ufjf.br/entrelugares/carla.htm>>. Acesso em: 2 dez. 2007.

que se nos apresentam acabam nos afetando, nos movendo e nos tocando e são experienciadas “segundo nosso ‘como’ circunstancial e momentâneo, de maneira que um mesmo sucedido pode, conforme o modo, acarretar as reações mais diversas e, no mais das vezes, contraditórias”.

Para Francalanci, o amor é isto que “reconduz o homem ao sentido pleno e consumado da humanidade”. Assim, o sentimento de plenitude se torna possível através do amor.

Se a etimologia do amor está atrelada a compromissos, pactos e acordos que remontam à Grécia antiga, chamemos, então, o filósofo Platão para nossa discussão e o coloquemos, para fazer jus à nossa argumentação, às voltas com nossas reflexões acerca da televisão.

Penso que a televisão é o único membro da família do século passado que já nasceu adulto, gozando de privilégio, respeito e autoridade. A TV parece colocar sob suspeita e até ameaçar a autoridade dos pais. Ela mora na sala, no quarto, na cozinha, na garagem, no banheiro, enfim, é a rainha do lar. Mal educada, não pede licença para falar e não se importa se falarem junto com ela. Fala o que bem entende, na hora que melhor lhe aprouver, sendo questionada apenas nas altas da madrugada, quando alguém, homem ou mulher, adulto ou criança, enamorado de Morfeu, levanta a hipótese do seu desligamento. É quando Éris, deusa da discórdia, vem juntar-se aos demais...

Bem antes disso, porém, o “Zeus eletrônico” exibiu em julho de 2007 uma cena que peço licença para lembrar. Embora esta cena não tenha sido levada para os grupos de discussão nos colégios pesquisados, ela nos servirá para ambientar a filosofia de Platão.

Na telenovela *Malhação*, o diretor e professor Adriano faz um show com seu saxofone numa cantina. Um casal adolescente, que trabalha nesta cantina, usa de artimanhas para ficar a sós. Estes jovens, por saberem que a república onde moram estaria vazia durante o evento, dirigem-se para lá, a fim de fazerem amor pela primeira vez, livrando-se da virgindade para sempre e aliviando-se, momentaneamente, dos hormônios perturbadores que acordam seus desejos continuamente. Tudo está ocorrendo perfeitamente conforme o combinado, com direito a jantar romântico e tempo e espaço suficientes para realizarem o plano. Ocorre, porém, que a dona da cantina, Cérbero raivoso, desconfiada, e precisando de ajuda com os clientes, faz uma

visita rápida à casa do casal e os surpreende, frustrando, a um só tempo, o elaborado plano e a realização do desejo de ambos: a noite de núpcias.

Desde a Antigüidade é atribuída ao Amor uma dualidade que traz em si mesma a aventura do desafio, da aposta, do risco: felicidade ou martírio; abundância ou miséria; sucesso ou fracasso. Afinal, quando o Amor acontece, os louvores vão para o corpo ou para a alma? Ainda hoje é possível sentir os raios dicotômicos deste sol mitológico...

A mitologia grega pode ser entendida como um esforço de uma civilização para explicar sua cosmogonia, seus deuses e a origem da humanidade. A religião da Grécia antiga, politeísta e antropomórfica, inserida nesse contexto mitológico, preocupava-se em dar exemplos de virtudes e defeitos a uma sociedade que, de maneira geral, levava uma vida singela. Por essa razão, os helenos alimentavam a crença de que os acontecimentos, bem como as transformações da natureza, eram obras do divino. Daí a impossibilidade de se pensar o Amor fora do Olimpo.

Há uma variação do mito de Eros (MATTIUZZI, 2000) que difere das contempladas no “Banquete” (PLATÃO, 2004). Nesta outra versão, o deus do Amor fere a si mesmo com uma de suas flechas e enamora-se imediatamente por uma mortal, cuja beleza causara inveja à deusa Afrodite. Esta mortal é Psique. Tão bela quanto curiosa, ela decide desobedecer à condição imposta pelo deus amante, que era a de jamais fitá-lo diretamente. Impelida pela curiosidade, a mortal munuiu-se de uma lamparina e contemplou a face de Eros enquanto este dormia. Mas a beleza do deus era tal, que Psique não se conteve e ao se espantar diante da magnífica visão, acordou-o. Sentindo-se traído, Eros desapareceu imediatamente, abandonando Psique para sempre. A pobre mulher, inconformada com o que acabara de fazer, correu o mundo na esperança de se redimir e tornar a viver ao lado de Eros. O desfecho do mito acaba com Eros tomando Psique por esposa e tornando-a imortal. Dessa união nascerá a Volúpia, deusa do prazer intenso.

Este mito tinha a intenção de dar vários exemplos àquela sociedade: a mulher não é um ser confiável; não há amor sem confiança; a felicidade da alma (Psique) depende do amor (Eros); a alma se submete às maiores provações em busca do amor.

Muito embora as variações acerca dos mitos ocorram seja pela tradução, seja pela interpretação, ou mesmo em benefício da oração, não podemos deixar de reconhecer a influência da mitologia na Grécia antiga, enraizada desde os primórdios em cidades importantes como Esparta e Atenas. O Banquete de Platão é exemplar no

que diz respeito à interpretação livre dos mitos. Nele, os oradores dão nova roupa às antigas lendas, fazendo de Eros ora um deus velho, ora novo; ora um deus belo e bom, ora feio e mau; ora apenas um, ora dois. Assim, Afrodite aparece no discurso de Pausânias como sendo duas, uma celestial e outra popular. Seus rebentos serão necessariamente diferentes. Os adeptos do Eros celestial amam o espírito, ao passo que os adeptos do Eros popular amam o corpo e com muita frequência deixam-se tomar pelas garras da concupiscência.

Seria o caso de perguntar a que Eros os personagens de *Malhação*, na cena aqui em questão, estariam louvando. No desenrolar da trama da telenovela, o casal volta a conversar sobre o acontecido. O desejo pungente do rapaz ainda arde nas veias másculas, ao passo que os nervos fêmeos acusam desistência. Desesperado, ele inicia um discurso pedindo a ela que não desista, clamando por união, pois ele deseja agora suprir com palavras o que não pôde suprir com o corpo. Intrigante questão: embora ele saiba que a tem, continua precisando dela. Aqui cabe lembrar um fragmento compilado por Roland Barthes (1989, p. 194):

Na sua metade, colo minha metade”. Saio de um filme (que nem era muito bom). Um personagem desse filme evoca Platão e o Andrógeno. Parece que todo mundo conhece esse negócio de duas metades que procuram se colar – ao que vem juntar agora a história do ovo, da película que parte e da homelete [sic] (o desejo é precisar daquilo que se tem – e dar aquilo que não se tem: questão de suplemento, não de complemento).

Com efeito, o discurso que Aristófanes faz em louvor a Eros revela o desejo latente de todo amante: “ser unido e fundido no amado!” (PLATÃO, 2004, p. 124). E é movido por esse desejo de fusão que o casal de *Malhação* não desistirá: ele sugere um motel, ela sugere algo mais romântico. Ele diz que irá pedir a casa de um amigo emprestada. O rosto dela se ilumina... Ambos comungam do novo plano e, embora tácito, o acordo está firmado.

Amar implica, pois, em firmar acordos, estabelecer compromissos, criar vínculos.

Existe em uma das versões (MATTIUZZI, 2000) do mito de Afrodite, a deusa do amor, uma narrativa que denuncia que ela mantém uma união prolongada com o amante Ares, deus da guerra. Segundo essa versão, a paixão foi tão intensa que a deusa teve um rebento, Eros, deus do amor apaixonado. Nada nos impede de pensar que o



mito da união de uma deusa ligada à vida com um deus ligado à morte, quis indicar aos gregos antigos que esse enlace só foi possível mediante um acordo que tornasse o convívio de ambos harmonioso. Pois do contrário, como poderiam conviver com características idiossincráticas tão opostas?

Erixímaco, em seu discurso, mostra aos seus amigos de onde resulta a harmonia:

Harmonia é concordância, é sinfonia – e a concordância, uma certa uniformidade. Esta não pode advir de elementos opostos que permaneçam opostos, pois coisas diferentes e contrárias jamais concordam entre si; e a harmonia, por sua vez, resulta de elementos opostos entre os quais se estabelece acordo.(PLATÃO, 2004, p.116)

A cena da telenovela *Malhação* em foco ilustra também a coragem dos protagonistas. Uma coisa é engendrar um plano. Outra, bem diferente, é colocá-lo em prática. Os adolescentes, movidos pelo impulso amoroso, realizaram o plano e colocaram em risco algo bem mais valioso que os seus empregos: a confiança do dono da república onde moravam. No discurso de Fedro, vê-se claramente que “Eros inspira coragem a seus adeptos e os torna semelhantes aos que por natureza são bravíssimos” (PLATÃO, 2004, p.104).

A coragem no amor e a disposição que os amantes têm para cometer extravagâncias os aproximam de uma espécie de loucura. E essa loucura, embora não seja uma patologia incurável, marca os amantes com o fogo da destemperança. Pausânias, em seu discurso durante o Banquete, afirma que os homens inferiores amam mais o corpo que o espírito e também “amam com o maior desvario que podem, dirigidos tão-somente pela concupiscência” (PLATÃO, 2004, p.108).

Com efeito, todo o amante experimenta uma mudança, uma desordem na alma. É como se a luz da razão fosse, durante o encantamento, decomposta pelo prisma da loucura, banhando assim o ser amado com novas cores, inaugurando a cada dia uma nova escala cromática. Quem ama percebe o mundo de forma diferente, mais “encantado”, mais “colorido”. Talvez, por isso, o poeta Paulo Leminski<sup>10</sup> tenha escrito que “amar é um elo entre o azul e o amarelo”.

Em grego, a palavra *farmakon* pode significar tanto “remédio”, como “veneno”. O Amor também pode assumir diferentes significados e resultar em alegrias ou

---

<sup>10</sup> LEMINSKI, Paulo. **Melhores poemas de Paulo Leminski**. Seleção de Fred Góes e Álvaro Marins. São Paulo: Global, 2001. p. 198.

tristezas profundas. Eros é um deus que pode pôr na boca dos amantes um favo de mel dulcíssimo ou um copo de fel insuportável. E o que irá determinar o destino dos amantes é a maneira pela qual eles conduzem a relação. Ora, se nem todos amam com a mesma intensidade e devoção, com a mesma entrega e segurança, é natural que essas particularidades arrastem amante e amado para junto de Hades, deus dos infernos, ou para as instâncias paradisíacas e permissivas de Zeus. Amor e dor são, pois, riscos naturais a quem ama.

No discurso de Pausânias é possível notar que tanto as ações, quanto os amores não são bons ou ruins *per si*. Na ação e no amor, a beleza não pode ser tomada em termos absolutos, pois “depende da maneira pela qual se atualiza...” (PLATÃO, 2004, p.106).

A força do discurso de Sócrates nos leva a crer que o amor pertence apenas à alma. É assim que acaba o “Banquete”, com a lucidez de Sócrates exaltando a alma em detrimento do corpo.

Na extremidade oposta dessa “corda-questão”, que versa sobre o amor, está Freud (1969). Com ele, a relação da mente com o corpo é que será exaltada. Ele nos diz que os instintos do amor são difíceis de educar. As exigências da civilização não podem se harmonizar com o instinto sexual, uma vez que construímos regras sociais que reprimem esses instintos. No entanto, a incapacidade do instinto sexual de produzir satisfação completa torna-se a fonte das mais nobres realizações culturais que são determinadas pela sublimação cada vez maior de seus componentes instintivos.

Arthur Schopenhauer (2001) assume o amor como um impulso sexual. Para ele, o empreendimento amoroso não têm outro fim senão compor as próximas gerações. Confesso que tal frieza de pensamento me levou a comparar a disputa de bilhões de espermatozoides pela fecundação de um único óvulo a um número considerável de fãs masculinos aptos a dividir a cama com a atriz sensual da novela das oito.

No “Elogio da Loucura” (2003), Erasmo de Rotterdam afirma que é a insanidade que impulsiona os homens na direção do casamento. Curiosamente, Edgar Morin (2003, p. 28) nos diz que o amor “é o ápice da união entre loucura e sabedoria”. Então, cabem as perguntas: é possível levar uma vida totalmente calcada na razão? É possível levar a sério os loucos? As filosofias orientais estão sempre a nos convidar a seguir o caminho do meio, o do equilíbrio. Esse equilíbrio não seria a convivência pacífica entre razão e loucura, constatada acima por Morin? Acredito que o amor não

seja o único vilão a usurpar o trono da razão. Apesar de ele ter sido colocado ao longo da história como um sentimento capaz de nos privar do juízo, também a avareza, a luxúria, a ira, a gula, a preguiça, a inveja e a soberba, antes mesmo da invenção da Bíblia, levaram-nos a loucuras capitais! E continuam nos levando...

Em 1998, a mídia do mundo inteiro nos scandalizou com as imagens sobre a disputa pelo poder dos monges sul-coreanos, adeptos do budismo zen, cujo desenlace foram cenas de violência tão estúpidas quanto as protagonizadas pelas torcidas rivais nos campos de futebol. A batalha se arrastou por mais de doze horas e, apesar de os monges pacíficos usarem até coquetel Molotov, apenas quarenta pessoas saíram feridas, algumas com gravidade<sup>11</sup>. Então é por isso que esses senhores vivem sozinhos, na mais completa solidão, por não suportarem divergências?!

É possível que a loucura tenha se enraizado na raça humana desde priscas eras. Estou inclinado a pensá-la muito antes do Moisés e do cajado; antes da Grécia antiga; antes dos egípcios; antes mesmo dos mais remotos indícios pré-históricos. Também é possível que a razão tenha tido sua origem a partir da desordem cerebral, de uma confusão de pensamentos, de um não discernimento de questões simples. Tudo o que nos é apresentado como novo, como diferente ao que pensamos e fazemos é comumente associado à loucura. É mais fácil criar um estigma (o “louco”, o “estranho”, o “insano”, o “anormal”, etc.) do que aceitar pontos de vista diferentes do nosso.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004) escreve que não se pode penetrar mais de uma vez nem na morte nem no amor. A falta de história própria de ambos os eventos torna impossível qualquer aprendizado.

Efetivamente, existem coisas na vida que não são passíveis de serem aprendidas nem ensinadas. O caminho curtíssimo que os seres humanos perfazem do útero à terra não é pedagógico, pois se existe acúmulo de alguma experiência nessa passagem do mundo interno ao mundo externo, não se tem registro algum. Os recém-nascidos ainda são incapazes de nos revelar pistas substanciais. Sendo assim, não podemos ensinar um ser humano a nascer. Por isso, nascer é uma experiência única.

---

<sup>11</sup> Disponível em: < [http://veja.abril.com.br/091298/p\\_056.html](http://veja.abril.com.br/091298/p_056.html)>. Acesso em: 5 mar. 1999.

Do outro extremo está o morrer. Embora desde muito cedo aprendemos a colocar a morte na esteira do obscuro, um dia ela entra em cena e atua. Antes, porém, ouvimos falar, ou até mesmo experimentamos a dor de perder alguém muito próximo e passamos uma noite inteira velando um corpo. A morte do outro, porém, se é pedagógica para refletirmos sobre nossa vida, não nos é pedagógica para lidarmos com nossa própria morte, posto que a morte alheia não nos acumula de experiência alguma que nos seja útil depois de nosso suspiro final.

Nascer e morrer não se constituem, pois, em experiências pedagógicas, passíveis de serem utilizadas da maneira como nos valem das equações, das regras gramaticais, dos conhecimentos históricos ou geográficos em nossas vidas... ou mortes sentimentais.

É muito provável que amar também não seja uma matéria pedagógica. Não é apenas o caráter subjetivo do amor que o coloca em dificuldade com a pedagogia, mas é, sobretudo, a experiência única do evento, que, se por um lado, pode ser descrita em prosa e verso, não poderá resultar em experiência. Do contrário, amaríamos pela segunda vez, melhor que a primeira, e pela terceira vez, nos sentiríamos mais confiantes e chegaríamos, depois de muitos amores, a um domínio satisfatoriamente seguro, assim como um cirurgião faz uma redução de estômago, um transplante de rim ou de fígado. Se conseguíssemos mesmo reunir conhecimentos acerca do amor e aplicá-los em nossas relações, tornar-nos-íamos "profissionais do amor!". Infelizmente, para uma batida a mais em nossos corações humanos, o amor não nos dará sequer o título de "amadores".

### 3.1.1 Amor à primeira vista

*Quando me chamou, eu vim.  
Quando dei por mim, estava aqui.  
Quando lhe achei, me perdi.  
Quando vi você, me apaixonei!*  
(Chico César)

Dos dez grupos de estudantes que produziram, cada um a sua maneira, uma cena escrita de uma telenovela imaginária, destaco um grupo da escola pública que chamou bastante atenção. Este grupo trouxe à tona o amor fulminante, desejado por todos, cantado por inúmeros poetas, contado em roda de contação de histórias, onde o final feliz aponta para um amor idealizado.

A cena descrita da telenovela imaginária é bem simples. Não tem o drama de “Romeu e Julieta”, nem a dor dilacerante de “Abelardo e Heloísa”. Os protagonistas são Carol e Leonardo. Eles se encontram no “centro da cidade. A noite cai e várias pessoas chegam na praça. Carol está sentada no banco da praça”.

Entre suspiros, Carol diz para si mesma: “Ahmmm... Como eu queria encontrar um rapaz decente...” Leonardo, do outro lado da praça, também suspirando, diz para si que gostaria de encontrar uma mulher que o entendesse. Ato contínuo, ambos caminham, sem saber, para o desfecho da cena de suas vidas... e se esbarram. Caída, Carol se pergunta: “Que sentimento é esse? Não posso descrevê-lo!” Leonardo, atônito, pensa consigo mesmo: “Será que é essa mulher?” Então, o destino se cumpre: Leonardo ajuda Carol a se levantar e, “apaixonado”, a beija na boca.

Esta cena nos diz algo acerca do comportamento dos jovens pesquisados. Embebidos na correnteza veloz dos tempos modernos, onde um automóvel no final de fevereiro de 2007 foi lançado como sendo já do ano 2008<sup>12</sup>, onde os computadores alteram suas versões num espaço de tempo muito curto, onde as telenovelas refletem em seus capítulos cenas que foram ao ar no Jornal Nacional da noite anterior<sup>13</sup>, é compreensível que as relações amorosas desses jovens se transformem no tempo, no espaço e ganhem novos significados.

É muito provável que a expressão “ficar”, criada recentemente pelos jovens, revele um mal-estar muito mais profundo do que a ilusão momentânea que lhes afasta da solidão. Diante do que se observou em campo e ainda a forma contemporânea de “ficar” usada em geral na nossa cultura pelos adolescentes, poderíamos considerar como uma das explicações a hipótese baumaniana, ou seja, se algo se perdeu nos

---

<sup>12</sup> A Fiat lançou o Pálio 2008 em 27 de fevereiro de 2007.

<sup>13</sup> Páginas da Vida, de Manoel Carlos, foi pródiga em jogar para a trama cenas que aconteceram no dia anterior. Como exemplo, cito a tragédia acontecida dentro de um ônibus no Rio de Janeiro e a inauguração da Sala Maestro Tom Jobim. Para os telespectadores da cidade do Rio de Janeiro, Páginas da Vida deve ter sido uma espécie de extensão de suas próprias vidas, pois a cidade era diariamente mostrada e os acontecimentos lhes diziam respeito. Também os depoimentos, ao final de cada capítulo, em sua maioria, eram dados por cariocas.

relacionamentos amorosos desses jovens foi certamente o padrão elevado do amor (Bauman, 2004).

O amor à primeira vista, da forma como é colocado na cena relâmpago escrita por adolescentes de uma escola pública, sugere, assim, a vontade de encontrar o par romântico o mais depressa possível. Como tentei mostrar no início deste capítulo, o significado da palavra amor, para usar a expressão criada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004, p. 19), escorre como líquido. As experiências amorosas, por mais casuais que sejam, são muitas vezes relatadas como experiências de amor.

Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiência às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de fazer amor.

No grupo focal da escola particular, apareceram falas que podem ser tomadas como resquícios de um padrão elevado de amor: “Se eu ficasse com uma mulher eu procuro [sic] não me separar”; “Se eu fosse casar eu ia casar com a mulher certa. Só se eu amar muito a mulher”; “Ah, mas tem gente que casa, assim, e não ama muito a pessoa. Vou casar quando tiver certeza.”

Apesar dessas expressões fortes e sinceras, todo o amor aqui expresso e toda essa certeza, repousam no limbo do desejo desses adolescentes, pois no cotidiano concreto de suas vidas as relações amorosas são aparentemente efêmeras na maioria das vezes. O questionário aplicado confirma essa efemeridade. Quando indagados acerca da relação amorosa, isto é, se já ficaram e se já namoraram com alguém, o “ficar”, em ambas as escolas, sobrepuja em grande medida o “namorar”, muito embora os pais das duas escolas pesquisadas sejam quase que unanimemente permissivos em relação ao namoro.

Seria o caso de nos perguntarmos se Carol e Leonardo são arquétipos exclusivos de uma geração passada, ou se são arquétipos latentes de uma geração que perdeu o quintal, as praças e a presença do outro. A cena em questão não estaria traduzindo um anseio por um par romântico perene, posto que esta geração está relegada agora no espaço curto de um cômodo, na solidão da tela da TV, do computador ou do aparelho celular, enviando torpedos, conversando no MSN, ou assistindo a filmes e novelas para dar satisfação às urgências de seus corações?

### 3.1.2 Disputa – condições ideais do amor?

Freud (1969), ao comentar sobre as condições necessárias do amor, descreve um tipo de escolha de objeto que ocorre particularmente no homem. Seu argumento sustenta que o homem, neurótico ou, muitas vezes, o de saúde normal, jamais se inclinará a favor de uma mulher sem compromisso como seu objeto amoroso. Porém, se essa mulher for objeto de desejo de outro homem, a rivalidade entre os pretendentes dará plenas condições para que o amor aí se instaure. Tem-se, então, a disputa entre rivais pelo objeto de desejo como uma pré-condição para o amor.

O estudo de Freud também o leva a pensar que a mulher cuja reputação seja exemplar, aquela cuja castidade esteja acima de qualquer suspeita, dificilmente exercerá atração suficiente para que um homem possa tomá-la por objeto amoroso. Por outro lado, àquela mulher que se mostrar com fidelidade e integridade duvidosa facilmente se constituirá como objeto amoroso de um homem. O próprio Freud designa esta pré-condição de “amor à prostituta” (FREUD, 1969, p. 66).

Essas palavras de Freud nos remetem à personagem Manuela, protagonista da primeira cena de *Malhação* mostrada aos dois grupos focais. Resumidamente, a cena é a seguinte: Cauã e Manuela se encontram isolados dentro de uma cratera numa fazenda. Cauã caiu primeiro na cratera e machucou o pé, por isso não consegue subir. Manuela, ao tentar ajudá-lo, também cai no buraco e os dois passam a noite aí. Cauã diz que é louco por ela e os dois se beijam na boca. Manuela diz que isso está errado, pois ela namora o Eduardo e pede para Cauã não beijá-la mais até que ela resolva a situação.

No grupo focal da escola pública e também no da escola particular pesquisada, a opinião geral é de que a Manuela agiu “certo” ao impedir que os beijos continuassem. Mas também agiu “errado” ao beijar Cauã. É possível observar na opinião desses jovens uma postura um tanto conservadora, um descompasso entre a liberdade nas relações amorosas veiculadas em *Malhação* e a postura dos jovens pesquisados numa situação real. O julgamento de valor que os grupos pesquisados fizeram da cena mostrada revela esse conservadorismo: “Eu acho que ela [Manuela] agiu errado,

primeiro, em ter ficado com ele [Cauã], ela devia ter pensado antes que ela tem um namorado [Eduardo]”; “Eu acharia uma traição”. Eu ia ficar p. da vida”.

Em todas essas falas observa-se uma postura ética anacrônica frente a uma geração que inventou o “ficar”, que não quer ter “compromisso amoroso”, que é protagonista do “amor líquido” (BAUMAN, 2004). A fala desses jovens revela uma concordância com uma mentalidade patriarcal cujas raízes estão fincadas na Roma antiga, onde a punição por adultério era uma prática que estava na ordem daqueles dias difíceis para corpos e mentes feminis.

Se a ética, os valores e todos os códigos sociais que subjugarão as mulheres e, em boa medida, continuam subjugando-as ainda hoje, foram construídos obedecendo à vontade masculina, por que razão esses jovens, sobretudo as meninas, haveriam de se arvorar como guardiãs de tais mazelas? Um rapaz da escola pública analisa: “Ah, eu acho que na hora que rolou aquele clima ali, ela [Manuela] deveria ter se afastado e ter dado uma desculpa, né? Que tinha namorado e pronto.” E uma menina concorda: “Quando ela viu que rolou ela devia ter se afastado, né? Quando ela viu que tava rolando, né? Que tava rolando algo a mais.” Diante dessas falas, poder-se-ia perguntar: esse “algo a mais” não tem “rolado” quase que exclusivamente para os homens nesses milhares magros pomos de história? E eles, os “patriarcas da aventura humana”, não têm aproveitado bem o que tem “rolado”?

Acrescento que a cena em si satisfaz a teoria freudiana perfeitamente, pois dois rapazes, Eduardo e Cauã, disputam Manuela, namorada do primeiro e apaixonada pelo segundo. Um menino da escola particular demonstra toda a rivalidade que ele projeta na cena: “Eu, no lugar do Eduardo, ia encher o Cauã de porrada.” E como que corroborando o tipo de homem estudado por Freud, um outro aluno confessa: “Mas se eu tivesse no lugar do Cauã eu gostava [sic]”.

Observa-se, pois, que a rivalidade acusada nas falas aqui transcritas, além de estar em consonância com as idéias freudianas, atestam de maneira bastante substancial os preconceitos moralizantes dos jovens pesquisados. A moral conservadora parece ainda mostrar sua força.

### 3.1.3 Preconceito



Se, por um lado, o preconceito em relação à virgindade não existe mais, ou, se existe, goza agora de um status de exceção, não de regra, por outro o preconceito racial ainda está presente. Apesar de nenhum adolescente assumi-lo, há indícios de que o mesmo ocorra e se mostre decisivo nas relações amorosas.

Outros preconceitos também podem ser evidenciados em diversas falas, como o preconceito aos que fogem do padrão de beleza dominante, cuja alcunha de “feios” e “gordos” os colocam na posição do “outro”, do indesejável.

Caso evidenciado nas técnicas de pesquisa aqui empregadas foi o preconceito em relação às cenas amorosas entre adultos, onde uma adolescente assumiu que é “terrível” ver os pais se beijando. Não obstante, não tratarei esses preconceitos como “criminosos”, porque, efetivamente, em momento algum apareceram dessa maneira. Procurei perceber o preconceito na perspectiva da relação amorosa, uma vez que eles se constituem como obstáculos que impedem o “ficar”, o namorar, o “amigo-namorado”.

### 3.1.3.1 Quando a cor é a cena

Antes de analisar as falas dos alunos sobre mais uma cena de Malhação mostrada no grupo focal e que versa sobre preconceito, julgo necessário descrevê-la.

A cena mostrada é na verdade a junção de duas cenas do mesmo capítulo. Na primeira, diante de um “poço dos milagres”, Cleiton joga uma moeda e faz um pedido. Roberta se aproxima dele e pergunta qual foi o pedido que ele fez. Ele não revela. Roberta diz que ficou preocupada com ele, pois ele poderia ter se machucado ao ajudar Cauã e Manuela a saírem da cratera. Comovido e surpreso com a preocupação da Roberta, Cleiton diz que pediu ao poço ela, Roberta. Os dois se beijam na boca.

Na segunda cena, Cleiton espera Roberta na lanchonete do Colégio Múltipla Escolha, local onde ambos estudam. Roberta chega e Cleiton a cobre de elogios. Ele diz que achava que ela morria de vergonha do negão do morro que ele é. Mas Roberta diz não ter vergonha alguma dele e o autoriza a cumprimentá-la na frente de todo mundo. Roberta também diz que se ele quiser eles podem “ficar pra valer” e o pede em namoro.

Para dar conta da complexidade da fala dos adolescentes sobre a cena em questão, cujo tecido exposto revela em grande medida suas verdades, é necessário lembrar como o historiador francês Paul Veyne (1983) concebe a verdade histórica.

Em seu texto, Paul Veyne nos coloca a possibilidade da crença em duas verdades ao mesmo tempo, ainda que elas sejam contraditórias entre si. Para tanto, ele argumenta que as crianças crêem, simultaneamente, que seus pais depositam os pacotes de Natal próximo às chaminés e que também é o Papai Noel quem lhes adivinha as vontades e coloca os presentes no mesmo local.

Da mesma forma, os fiéis da Igreja copta, na Etiópia, acreditam que o leopardo é um animal cristão e, por isso, respeita os jejuns, que é o teste principal dessa religião. Este fato, porém, não é o bastante para alguns etíopes, os *Dorzé*, relaxarem a vigília do seu gado nos dias de jejum, às quartas e sextas-feiras. Eles sabem que os leopardos jejuam nesses dias, mas também sabem que esses animais comem todos os dias.

Será que as crianças acreditam no Papai Noel? Os *Dorzé* acreditam realmente no jejum dos leopardos? Paul Veyne (1983, p. 12) reconhece que as verdades são imaginações e explica:

Não quero de modo algum, dizer que a imaginação anunciaria as futuras verdades e que deveria estar no poder, mas que as verdades são já imaginações e que a imaginação está no poder desde sempre; ela, e não a realidade, a razão ou o longo trabalho do negativo.

Desta forma, este historiador francês nos diz que a verdade não é descoberta, é, antes, construída tal qual a história. Eu acrescentaria aqui a construção de todos os valores e de todos os preconceitos.

Isso exposto, pode-se agora aferir a fala de uma jovem da escola pública, quando indagada acerca do preconceito: “Existe e não existe também, porque tem vários amigos assim bem branco [sic] e assim ficam [com negras] numa boa”.

A coexistência de duas verdades foi possível observar nos dois grupos focais utilizados nesta pesquisa. Publicamente, nenhum dos jovens assumiu ter preconceito. Não obstante, todos eles reconhecem que o preconceito existe e muitos deles deram testemunha disso relatando cenas do cotidiano concreto que valem a pena ser transcritas.

Uma jovem da escola pública nos narra a seguinte cena vivida:

Eu tava lembrando agora, que esses dias eu tava ali no Koxixo com três amigos meus, eles são bem branquinhos, bem branquinhos, assim, bem aqueles alemãozinho. Aí passou duas mulatas, não tem? Aí eles bem assim... aí eles começaram a mexer, não tem? Aí eu bem assim: ‘vão lá e falem com elas!’ ‘Quer que eu vá lá e fale com elas pra vocês?’, não sei o que, aí eles bem assim, ó: ‘Ah, não, elas são muito negas, fica feio um cara bem branco com uma negona. O que que não vão achar?’ Aí eu peguei e falei assim, ó: ‘Ah, mas o tipo não tem nada a ver, elas são umas negas bem bonitas’. Eles bem assim, ó: ‘A gente também achou, se não a gente não taria mexendo, né?, mas o que que não vão achar um cara bem branco? Vai ficar bem ridículo, né?!’ Falaram assim. Aí eu peguei e falei assim: ‘nada a ver, eu sou bem morena e vocês tão comigo!’ Aí ele bem assim, ó: ‘Ah, mas, tipo, é amizade, não sei o que, não sei o que lá...’

É possível observar nesse relato que o desejo dos três amigos é orientado pelo contexto social: “O que não vão achar?” Depreende-se facilmente que a verdade particular de cada um dos amigos protagonistas desse relato entra em contradição com uma verdade social pré-estabelecida, tão invisível quanto concreta, que interfere nas relações amorosas dos adolescentes em questão.

Destaco aqui a situação semelhante ocorrida no universo ficcional. Roberta e Cleiton, nos capítulos que antecederam a cena comentada, encenam quadros recheados de preconceito e humilhação. Roberta, antes de estabelecer uma relação amorosa com Cleiton, expressou inúmeras vezes a mesma preocupação dos três amigos comentados acima: “O que não vão achar”?<sup>14</sup>.

Não nos esqueçamos de que o perfil sócio-econômico da escola pública difere substancialmente da escola particular, posto que aquela abriga estudantes das camadas populares, enquanto esta é notadamente uma escola elitizada. Dessemelhanças à parte, o fato é que em ambas as escolas os alunos confirmaram o preconceito racial como obstáculo para as relações amorosas.

Frente à afirmação de Freud (1969) de que “os instintos do amor são difíceis de educar”, o relato que a aluna nos dá acima é ainda mais relevante quando nos damos conta de que, além da opressão social e do medo do ridículo, esta cena, extraída do meio social da adolescente, simboliza a impossibilidade de harmonizar os clamores de nosso instinto sexual com as exigências da civilização.

---

<sup>14</sup> Aproximadamente 30 capítulos atrás, anteriores à cena comentada, Roberta já hostilizava Cleiton. Ocorre que nessa época eu ainda não dispunha de dispositivos técnicos para gravar as cenas, de forma que não posso provar através de imagens o que afirmo. Entretanto, tenho em minhas anotações esse registro que trago para o corpo do meu texto.

Um adolescente do colégio particular, após responder que namoraria com uma menina negra, faz a seguinte reflexão: “Eu acho que se eu tivesse uma namorada negra e viesse apresentar pro pessoal daqui, o pessoal ia ter um pouco de preconceito.” E um outro adolescente da mesma escola completa: “Eles [as outras pessoas] iam achar estranho, eles iam achar que era da favela”.

Esses registros confirmam que o preconceito racial não se extinguiu com a Constituição Federal de 1988. Da mesma forma que a língua falada, coloquial, subjuga as regras gramaticais, as mentalidades subjugam as leis. Se o racismo ainda existe, se é capaz de atuar em nossas vidas e brilhar nas telas de TV, se é capaz de tomar corpo e voz, se é capaz de fazer e dizer coisas incríveis, qual o útero doentio que poderia gerar prática tão hedionda? Uma menina da escola pública nos dá uma boa pista: “Eu tenho uma amiga que o pai dela ele é... ele é racista.”

Além do preconceito racial, os adolescentes trouxeram a lume uma aversão a cenas amorosas protagonizadas por adultos. Abaixo, exponho essa aversão no momento em que o adulto é chamado à cena como protagonista, mais como bufão do que como galã.

### 3.1.3.2 Quando o adulto é a cena

Perguntados sobre a reação que manifestam frente a dois adultos que se beijam na boca, os participantes do grupo focal da escola particular lançaram mão da palavra “estranho” para manifestar um certo repúdio, uma anormalidade: “É estranho porque a gente tá mais acostumado a ver jovens [beijando na boca]”.

A palavra “estranho” foi traduzida por eles como sendo sinônimo de “anormal”, um evento que raramente acontece no ambiente social onde circulam. Um aluno manifestou certa surpresa ao se dar conta de que os adultos em sua volta raramente se beijam: “É, (surpreso) pior que é, né? É difícil de ver, assim, dois adultos se beijando, eu acho estranho”.

E não foi apenas um aluno. Todos os que participaram desse grupo disseram que realmente é muito difícil ver dois adultos se beijando. Um adolescente disse, apesar de ter dito mais por galhofa do que por convicção, que dois adultos se beijando chega a ser uma aberração.

Na escola pública, quando a mesma questão surgiu, expressões como “Eu acho terrível”, ou ainda “É nojento”, demonstram também o mesmo estranhamento apontado acima diante do beijo na boca de dois adultos, mesmo quando esses dois adultos são os próprios pais. Toda essa repulsa e toda essa anormalidade, “estranhamente”, não é despertada nesses jovens quando assistem cenas de beijo na boca entre adultos na novela nossa de cada dia, *Malhação*.

As cenas mostradas para provocar essas falas foram ao ar na seqüência do mesmo capítulo. Um romantismo manifesto fez daquele dia o dia do beijo:

Primeira cena: na casa do Formigão, ele e a Cigarra conversam amorosamente no sofá, na presença do Lucas, filho do Formigão. Quando Lucas vai dormir, cigarra lembra que Cauã, filho adotivo de Formigão, e Manuela, filha adotiva da Cigarra, estão a sós no apartamento ao lado namorando e beijando. Então, Cigarra e Formigão se beijam na boca.

Segunda cena: Cauã e Manuela se beijam no sofá, na casa da Cigarra. Eles estão a sós. Manuela pede para o Cauã “segurar a onda” na frente das pessoas, porque acabou de terminar com Eduardo. Cauã concorda, apesar de não achar que Eduardo mereça qualquer consideração. Manuela lembra que namorar escondidinho é bom. Cauã concorda e a beija novamente.

Terceira cena: Na casa de Formigão, ao lado, os beijos continuam. Ele pede pra namorar com a Cigarra, mas ela se pergunta sobre a reação dos filhos. Então Formigão pergunta se eles não podem namorar escondidinhos. A Cigarra concorda e diz que gostava de namorar escondidinho. Os dois se beijam novamente.

Essas três cenas comprovam que não apenas os jovens são vistos beijando na boca em *Malhação*, mas também os adultos. E toda a nossa experiência televisiva atesta que o mesmo se dá em outras novelas.

Estariam então, esses jovens, através de seus depoimentos, jogando para nós, qual espelho, a imagem de uma sociedade um tanto quanto conservadora, permeada por uma moral hipócrita? Não julgo a palavra hipócrita forte em demasia, ao contrário, penso ser, para a ocasião, um verdadeiro achado, pois não é essa mesma sociedade que consome diariamente com voracidade insaciável as novelas com seus beijos e com seus corpos masculinos e femininos, esculpidos em academias e mostrados em perfis eróticos do pescoço ao cóccix? Não fosse a moral hipócrita que perpassa os códigos sociais, muitas vezes travestida de “bons princípios”, “bom exemplo”, “conduta exemplar”, quais outros motivos teriam os adultos para se beijarem às escondidas?

Às escondidas andavam os jovens de outrora. Difícil esquecer daqueles tempos adolescentes de onde surgiram nossas primeiras paixões, nossos primeiros beijos em segredo. Tempo em que os rapazes tinham alguma coisa de Bentinho e as meninas algo de Capitu. Machado de Assis, através da literatura, dá testemunho de uma época em que fugir dos olhos do mundo, se esgueirar nos cantos, era uma prática da qual os meninos e as meninas não deveriam se envergonhar:

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de catorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade<sup>15</sup>.

Deixando os cantos do mundo para trás e caminhando em direção ao centro, constatamos a existência, agora mais do que nunca, de um discurso em favor da paz. Ontem era Gandhi, hoje são as ONGs. Todos clamam pela paz. Alegam que paz é amor. Bem antes dos *hippies* a humanidade já clamava por paz e amor. E, de modo geral, todas as religiões pregam a paz e o amor. Talvez fosse o caso de fazermos uma sugestão a quem imprime tanta velocidade aos dias que correm: a aposentadoria da velha pomba da paz, já nem tão branca assim. Em seu lugar, poderíamos impor um novo símbolo: o beijo na boca! Estou convencido de que o novo símbolo nos propicie a todos uma concepção antropológica mais acertada da alma.

A hominização conservou e desenvolveu no adulto humano a intensidade das afetividades infantil e juvenil. Os mamíferos podem exprimir essa afetividade através do olhar, da boca, da língua, do som. Tudo aquilo que vem da boca já se torna algo que fala do amor, antes mesmo de qualquer linguagem: a mãe que lambe o filho, o cão que lambe a mão; esses fatos já exprimem o que vai aparecer no mundo humano: o beijo. Aqui reside o enraizamento animal e mamífero do amor. (MORIN, 2003, p. 19)

No período em que eu escrevia esta dissertação, um amigo querido me relatou um caso digno de nota: em plena lua-de-mel, ele e sua esposa foram jantar num restaurante em Santo Antônio de Lisboa, na cidade de Florianópolis. No meio do jantar foram retirados do estabelecimento pelos garçons e pelo proprietário do restaurante. Motivo alegado da expulsão: beijaram-se na boca!

Mas esse não foi um episódio isolado na capital catarinense que no verão recebe mais de trezentos mil turistas inteiros, digo, com línguas e bocas. Caso semelhante de

---

<sup>15</sup> ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Abril Cultural, 1981. p. 19.

“preconceito labial”, ou repúdio ao gesto de amor, aconteceu à luz do dia no centro da mesma cidade. Agora é uma adolescente que participou do grupo de discussão da escola pública quem nos conta:

Ah, ali pra Felipe Schmidt, ali, não tem? Aí eu entrei numa loja pra comprar uma roupa, não tem?, aí o casal ficou ali fora me esperando. Aí chegou um guardinha, eles tavam se beijando, não tem?, se amassando ali em pé, aí chegou um guardinha e falou assim, ó: ‘Oh, dá licença, que aqui é um lugar público’, tipo, vão... entram numa... não sei... vão num motelzinho ali perto, não sei. Mas aqui no meio da rua...

Vivendo num mundo cada vez mais desencontrado, seja pela distância que separa ricos e pobres, autóctones e estrangeiros, patrões e empregados, governo e sociedade civil, seja pelo distanciamento entre homens e mulheres, com todo o conflito histórico que a diferença de gênero implica, exaustivamente denunciada por nomes respeitáveis do meio científico, o beijo na boca pode traduzir também a aproximação, ou mesmo o encontro, entre sujeitos tão distantes entre si. Pois o que é a paz senão a amálgama entre corações e mentes?

O beijo na boca, que o Ocidente popularizou e mundializou, concentra e concretiza o singular encontro de todos os poderes biológicos, eróticos e mitológicos da boca. De um lado, ele é o analogon da união física e, de outro, representa a fusão de duas respirações, que é também uma fusão de almas.” (MORIN, 2003, p. 26)

Além da repulsa diante do beijo na boca adulto, acusada por estes alunos, foi possível perceber também o ciúme em suas falas:

Eu acho que eu fico, assim, com vergonha, acho... de ver assim minha mãe... é porque eu também tenho meu padrasto, ele mora com nós [sic]. Só que daí de vez em quando ela pega, abraça ele, dá beijo nele, assim, daí eu não gosto. E tem vez que eu até falo pra ele: ‘É, se tu... se tu trair a minha mãe, se não levar a coisa a sério com a minha mãe, tu vai ver só!’ Eu tenho bastante ciúme da minha mãe, daí a gente começa a brigar.

Sentimento análogo foi encontrado na escola particular:

Eu, tipo, tenho a sensação que se meu pai se separasse da minha mãe e tipo, ou meu pai, ou minha mãe e tivesse uma namorada eu tenho a sensação de que ele, tipo... ah, de que ele ou ela vai ta, tipo, roubando o lugar do meu pai ou da minha mãe.

E na escola particular temos uma justificativa para o ciúme:

Eu não aceitaria porque eu acho que o meu pai é único pra mim. O meu pai é uma pessoa que... ah, eu não sei, por que, tipo, a minha mãe também...

Na escola pública, além do ciúme manifesto, e da vergonha diante do beijo na boca dos pais, os codinomes que os casais inventam para se referirem um ao outro de forma carinhosa, foram ridicularizados pelos próprios filhos: “Pior os apelidinhos, né, ô? Ô, neguinha”. Uma jovem emenda: “Ui, e os apelidos que eles colocam são muito antigos, não tem? Ui, eu nunca me pensaria falando isso prum menino, não tem? ‘Chuchuzinho’”. Outro adolescente, zombeteiro, dispara: “Queijinho”. Tudo isso foi dito em meio a gargalhadas.

Repulsa, ciúme, ironia. Eis aí um tempero sentimental que é jogado no caldo cultural onde ferve o preconceito. Penso que o trabalho com mídia-educação possa se converter num excelente momento para desconstruir tais preconceitos.

### 3.1.3.3 Quando o outro é a cena

Tzvetan Todorov (1993, p. 3), preocupado com a questão do outro, escreveu um belíssimo livro para “falar da descoberta que o *eu* faz do *outro*”. Ao nos narrar o encontro fatídico entre os espanhóis do século XVI e os habitantes da Meso-América, Todorov analisa com brilhantismo a conquista da América, centrado que está na problemática do “outro exterior”.

Diferente de Todorov, mas utilizando o mesmo raciocínio, desejo discutir o “eu interior”, não o interior psíquico, mas o social. Estou preocupado com aqueles sujeitos que dividem conosco a mesma língua, costumes, cultura, moral e história. Estes sujeitos nos são semelhantes em tudo, exceto no padrão de beleza inventado: são feios!

Sabemos todos que a invenção da beleza não é um fenômeno atual. As estatuetas femininas, conhecidas como Vênus pré-históricas, constituem-se como as primeiras representações da Grande Deusa, associada à fertilidade e cultuada em diversos núcleos do Neolítico. A Vênus de Wilendorf não atesta apenas o desenvolvimento de crenças religiosas do Neolítico. Também as imagens de Afrodite nos dizem algo a mais do que o mito dessa deusa do amor.



Essas representações femininas nos dão notícias, ainda que modestas, do padrão de beleza inventado na pré-história e na Grécia antiga. Isto leva a crer que a história nos dá indícios de que religiosidade e beleza, desde os tempos mais remotos, caminharam lado a lado.

Mesmo com o advento da modernidade, com a supremacia da razão sobre a fé, beleza e religiosidade parecem ainda ser companheiras. Expressões como “Rodrigo Santoro é um Deus grego”; “Gisele Bundchen é a deusa das passarelas” são empregadas com naturalidade para exprimir beleza, desejo e admiração.

Em que medida a deificação da beleza pode ser útil a esta pesquisa? O questionário aplicado em ambas as escolas confirma que a beleza física é, para os adolescentes pesquisados, um traço de atração fundamental. A “receita” já foi dada por Vinicius de Moraes: “As muito feias que me perdoem, mas beleza é fundamental.”

Se esta máxima fosse gerada num Congresso de Cirurgia Plástica, dificilmente causaria surpresa a alguém. O que é verdadeiramente surpreendente é o fato de esta “receita de mulher”<sup>16</sup> ir à mesa pelas mãos de um poeta e agradecer o paladar cultural a tal ponto de se transformar num adágio popular.

Mas as feias não devem perdoar apenas o poetinha. Elas devem estender o perdão também aos nossos adolescentes. Na produção de cena de um grupo da escola particular, o outro é exatamente o feio: “Olha, Floffy, que horror, aquele feio do Victoriano achou alguém.”

Vê-se nesta frase que o feio causa a um só tempo surpresa e horror. É claro que a cena produzida é fictícia. Mas esta ficção pode muito bem nos falar da mentalidade desses jovens. Pode-se muito bem suspeitar, a partir desta frase dramática, novelística e ficcional, que no imaginário dos autores da mesma é vedado aos feios estabelecerem um relacionamento. Assim sendo, “ficar”, namorar e casar é um privilégio apenas dos que possuem a beleza física padrão. Aos que carecem de tal beleza, os outros, toda vez que transgredirem a ordem, causarão surpresas: “Aquele dos peitos caídos (Daí os três [amigos que assistem a cena à distância] vão lá e são surpreendidos vendo Jeny e Victoriano se beijando...)”

O que Todorov (1993, p. 21) comenta acerca de Colombo, pode, por analogia, servir de comentário sobre o adolescente que participou da pesquisa: “sua convicção é sempre anterior à experiência”. Assim, quando o outro, a cor e/ou o adulto entram em

---

<sup>16</sup> Título do poema de Vinicius de Moraes onde se lê a frase citada acima.

cena, uma espécie de convicção, ou seja, a ação de convencer, já opera obedecendo a um padrão de relacionamento amoroso cristalizado no imaginário social.

A “descristalização” de tal pensamento entre estes jovens poderá acontecer. Entretanto, terá que passar por um processo de educação cuidadoso e por quebras de muitas “certezas”. Até lá, o preconceito é o ator que representa seu papel, lota teatros, clubes recreativos, ocupa espaços públicos e privados e desfila nas diferentes mídias, seja em trajes de gala, ou em roupas carnavalescas.

#### 3.1.4 Relação ficar/namorar

Todo relacionamento traz em seu bojo uma forte ambivalência. Assim, relacionar-se implica, por um lado, desfrutar dos prazeres da companhia do ser amado, e, por outro, na perda da liberdade, na clausura (BAUMAM, 2004).

É o sociólogo polonês mais uma vez, Zygmunt Bauman (2004, p. 12), quem alega que as pessoas estão trocando termos como “relacionar-se” e “relacionamentos” por outros como “conexões”, “conectar-se” e “ser conectado”. Ele escreve: “Em vez de parceiros, preferem falar em redes”. Bauman concebe a palavra “rede” como “momentos nos quais se está em contato intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolhas”.

Bauman nos diz que os laços que se estabelecem na rede são frouxos. Para romper uma relação eletrônica (conexão) basta excluir a pessoa, ignorá-la ou simplesmente deletá-la. O mesmo não ocorre num relacionamento “antiquado”, “presencial”, onde o compromisso assumido torna muito mais difícil e delicado o rompimento da relação.

O autor de “Amor Líquido” aponta ainda a dificuldade de imaginar uma maior felicidade nas relações virtuais do que nas relações reais, uma vez que em ambas

existem problemas: nas relações virtuais perde-se a habilidade de “fazer a coisa funcionar”<sup>17</sup>; nas relações reais, estar em movimento representa privilégio e conquista, ao passo que nas relações virtuais movimentar-se é uma necessidade; confusão e incerteza fazem parte tanto das relações reais como das virtuais.

Poderiam as relações virtuais estabelecerem o padrão que orienta os demais relacionamentos?

Quando da oportunidade de realizar as discussões em grupo com os jovens das duas escolas aqui referidas, foi possível perceber a distinção que eles fazem entre “ficar” e “namorar”. O termo “conectar”, apontado por Bauman, é o correspondente direto do termo “ficar”, registrado nesta pesquisa. E o termo “rede” mantém uma relação muito estreita com o termo “balada”<sup>18</sup>. Assim, ficar com alguém na balada é algo tão efêmero e descompromissado quanto conectar-se pela internet (rede) com uma ou mais pessoas. A adolescente Mpub confirma: “Também pode ficar também numa noite, tipo, tu vai numa balada, tu pode ficar: “ah, eu vou ali pegar uma bebida”, tu pega um, vai na fita e fica com uma, vai na fita, fica com outra.”

Perguntados sobre a diferença entre “ficar” e “namorar”, a adolescente Vpub explica: “Ah, porque ficar é só dar uns pega e namorar é ficar mais tempo.” A estudante Jpub, explica que namorar não é apenas uma questão de tempo:

Não, não é só a questão do tempo. É que ficar, tu fica com a pessoa porque ela tem um corpo bonito, ela é... chegou e te fez ficar a fim. Namorar, não. Namorar tu se encantou, não pela aparência da pessoa, mas o que ela é por dentro. Tu pensa: ‘o, com aquela pessoa eu queria uma coisa séria, eu queria, sabe? Eu queria apresentar ela como minha namorada e aquela outra eu queria apresentar pros meus amigos como “ficante”, como a gostosa da rua, não tem?’

E a adolescente Mpub completa:

Ficar também agora, assim, tipo: eu vou lá numa festa, fico com ele, dou uns beijos nele e tal só que daí não fica aquela coisa “namorando”, “tem que ser fiel”, não tem? Porque o lance de ta namorando tu já tem aquele pensamento: ‘ah, to namorando, tal, não

<sup>17</sup> “Fazer a coisa funcionar” pode ser entendido como a habilidade de lidar com a complexidade das relações reais.

<sup>18</sup> Balada: “danceteria”, “festa”, “noitada”. Expressão muito usada pelos jovens pesquisados. Interessante notar que essa gíria guarda ainda muito da etimologia da palavra, pois “balada”, de acordo com o Dicionário Houaiss significa em sua gênese “música para festa e dança”.

vai dar, não sei o que’. Ficar, não: ‘Ah, fiquei com um cara ontem, eu posso ficar hoje, amanhã eu posso ficar com outro’ e vou ficando até...

Na escola particular, diante da pergunta “quem é que já namorou aqui?”, o estudante Gpart disse ter namorado uma vez e relata assim sua experiência: “É, foi [legal], mas, tipo, preferia mil vezes ficar, sabe? Porque eu sou muito novo pra assumir um relacionamento. Eu acho que depois dos dezesseis, dezessete, você começa a namorar mesmo.”

Todas essas falas parecem confirmar as reflexões de Bauman acerca das “conexões” e parecem confirmar também a frouxidão nos laços das relações estabelecidas pelos jovens pesquisados. Isso pode ser um indício de que o fenômeno não seja endêmico e sim global, uma vez que as constatações de Bauman foram feitas a partir de pesquisas realizadas na Europa.

As conseqüências dessas “relações liquefeitas”, para aproveitarmos a expressão baumaniana, só poderão ser avaliadas em profundidade a longo prazo. Por enquanto, o mais sensato é observá-las e apontar algumas tendências que possam desenhar um retrato compósito para estudos futuros.

Namorar e ficar são posturas distintas no relacionamento. Enquanto “namorar” implica em firmar compromisso, encantar-se e trocar sentimentos por um tempo considerável, capaz de criar uma história cotidiana, “ficar” sugere um encontro efêmero, descompromissado e de certa forma a-histórico. Quem “fica” estabelece apenas um breve encontro que dificilmente acarretará em troca, aprendizado ou experiência. Os “ficantes” são como as estrelas azuladas que, intensas e cheias de promessas, acendem nas noites, mas apagam com o calor das primeiras cabeleiras douradas das manhãs, para ressurgirem logo mais, indefinidamente.

Num mundo tão pródigo em imagens como o que vivemos, poder-se-ia arriscar mais uma: se “ficar” é um *flash*, dada a instantaneidade da relação, “namorar” é uma fotografia guardada com carinho num álbum de recordações.

#### 3.1.4.1 O amigo-namorado

Dentre as acepções da palavra “amigo” que o Dicionário Houaiss estampa, uma me é particularmente digna de nota: amigo é aquele “que ama”, “que demonstra afeto”.

Ora, isso posto, não é de estranhar de todo que os jovens pesquisados trouxessem à tona a curiosa, mas compreensiva composição: o “amigo-namorado”.

O autor deste trabalho acadêmico, que já está na ante-sala da terceira idade, já é capaz de dar testemunho de algumas mudanças que ocorreram nos hábitos e costumes, nos modos de ser e de fazer, na habilidade de tecer e desmanchar laços na sociedade complexa que o abriga.

Lembro-me, por exemplo, de um casal que morava ao lado da minha casa e que de repente se separou. Em casa, meus pais comentaram o motivo: ela, a cômjuge, tinha um “amigo”. “Amigou-se”, diriam os vizinhos com certo desdém.

Criança à época, eu não conseguia entender porque um “amigo” haveria de separar aquele casal. Anos mais tarde, já na adolescência, pude compreender que o “amigo” a que dera um novo curso na vida conjugal alheia, consubstanciava-se, em verdade, no “amante”, envolto numa relação sexual-afetiva-amorosa com a mulher casada. Ele era o “outro”. Do ponto de vista do marido, o cavaleiro negro; do ponto de vista da esposa, o príncipe encantado. E do ponto de interrogação retornamos à acepção da palavra: “amigo” é aquele que ama? Aquele que demonstra afeto?

Ouçamos a voz da adolescente Jpub: “Não, é tipo assim: se viram os melhores amigos... tipo: se tu tem um amigo, não tem?, ele já quer “algo a mais”, não tem?, hoje não tá assim...”

Logo em seguida, Jpub faz uma observação interessante acerca da relação menino/menina:

É. Uma coisa que ta acontecendo muito hoje é que não ta tendo muito relação amigo e menina, menino e menina, não tem?, amizade versus menina e menino. Porque, tipo, se acontece isso os meninos já querem se aproveitar, não tem? É mais é colega: “Oi, tudo bem?”, ou ficante ou namorado, mas é...

A adolescente Bpub contesta:

Eu acho que não porque o meu, a minha melhor amizade, assim, é com menino e todo mundo acha, assim, que eu fico com ele, quando eu tô assim pra baixo falo tudo pra ele. Eu prefiro conversar com ele do que com uma menina. Aí todo mundo fala: “Ah, tão namorando, tão ficando... e não sei o que...” Daí ele fica, assim, todo envergonhado.

Também a adolescente Mpub opina na questão:

E também, assim, a gente vê isso, tipo, os amigos assim dando em cima, que no meu orkut tem um monte de menina, não tem? E eles começam a cantar, não sei o que, não sei o que. Aí a gente vai perder a amizade, né? Mas eles já chegam assim perguntando: “tem namorado?”, não sei o que, não sei o que. Eu digo: “Ah, eu não tenho, mas, tipo, só rola amizade com a gente”, não sei o que. Aí eles já pegam, vão lá, nem mandam mais recado, também, tipo: “oi”, assim, sei lá, sabe? Tipo, eles...

Apesar da contestação de Bpub, o “amigo-namorado” é confirmado na fala desses jovens. Ele aponta para um estado sentimental que oscila entre o lugar do amigo e o lugar do namorado, inaugurando, portanto, um terceiro lugar. Talvez esse terceiro lugar seja uma espécie de terceira margem rosiana, um lugar que se habita sem ser incomodado. E assim, longe dos olhos do mundo e das perturbações ordinárias, o amigo-namorado possa lançar sua condição no rio e observar o que nada e o que se afoga...

#### 3.1.4.2 Transgressão

O professor Ruy Cezar do Espírito Santo, ao escrever a “Pedagogia da Transgressão”, tinha em mente romper com a “prática estritamente racionalista nas escolas” (SANTO, 1996, p. 10). Tal rompimento implicava em *ir além* do que até então se praticava na escola, atravessá-la, numa palavra: violá-la. A questão que surge é a seguinte: qual o motivo da transgressão? Por que se transgride?

No caso do Espírito Santo (e também do pai e do filho, como se verá adiante), a transgressão consiste em fazer caminhar do lugar em que se está na Educação para outro, não necessariamente concreto, mas um lugar a ser construído com as crisálidas contemporâneas que aguardam novas asas e novos vôos. O professor transgride por necessidade de responder às urgências impostas pela fragmentação do saber, procurando superá-las através da interdisciplinaridade.

Para além da educação formal, a transgressão também atravessa a educação imposta por outras instituições, como, por exemplo, a familiar. Pais e filhos estão constantemente disputando poderes, conquistando espaços, tempos, direitos,

liberdades. Mas essas disputas nem sempre são realizadas com regras claras, com “armas” visíveis, com leis ortodoxas, com data marcada. E muito embora as disputas por poderes ocorram entre seres unidos pelo amor e pelo sangue, nem sempre são disputas leais.

Por prazer se vai ao longe. Por amor e liberdade se transgride. Assim, na quarta cena mostrada aos grupos de discussão, que são na verdade três cenas gravadas na seqüência, vê-se o seguinte:

a) Primeira cena: na casa do Formigão, ele e a Cigarra conversam amorosamente no sofá, na presença do Lucas, filho do Formigão. Quando Lucas vai dormir, cigarra lembra que Cauã, filho adotivo de Formigão, e Manuela, filha adotiva da Cigarra, estão a sós no apartamento ao lado namorando e beijando. Então, Cigarra e Formigão se beijam na boca.

b) Segunda cena: Cauã e Manuela se beijam no sofá, na casa da Cigarra. Manuela pede para o Cauã “segurar a onda” na frente das pessoas, porque acabou de terminar com Eduardo. Cauã concorda, apesar de não achar que Eduardo mereça qualquer consideração. Manuela lembra que namorar escondidinho é bom. Cauã concorda e a beija novamente.

c) Terceira cena: Na casa de Formigão, ao lado, os beijos continuam. Ele pede para namorar com a Cigarra, mas ela se pergunta sobre a reação dos filhos. Então Formigão pergunta se eles não podem namorar escondidinhos. A Cigarra concorda e diz que gostava de namorar escondidinho. Os dois se beijam novamente.

Interessante notar nesta seqüência de cenas algo que também ocorre no cinema e na literatura: a exposição dos pormenores de uma trama que é plausível de acontecer nos bastidores da vida real.

Malhação é uma obra ficcional que traz em sua diegese acontecimentos similares à vida real dos adolescentes pesquisados. Não é por acaso que a maioria dos jovens, quando instigados a revelar o que tem em Malhação que os leva a assisti-la, elencaram uma série de motivos que correspondem ao cotidiano concreto onde se movimentam, quais sejam: presença de jovens, o retrato da adolescência, diversão, e, sobretudo, porque “é a novela que se parece mais real, se parece mais com a gente”<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Vide a questão número 18 no Anexo B, p. 110.

Não obstante, o que é revelado sobre os jovens em *Malhação*, ou seja, os bastidores onde são tecidas as tramas, permanecem ocultos na vida real.

Observo ainda que no cotidiano concreto é comum perceber o esmero com que os pais repassam valores de toda ordem a seus filhos, valores que, no julgo dos pais, são imprescindíveis à boa convivência, à formação intelectual, ao sucesso pessoal de seus filhos, etc. Entretanto, o discurso que lhes sai da boca não leva consigo a obscenidade de práticas e ações contrárias ao discurso proferido. O que está fora da cena discursiva dos pais raramente é revelado aos filhos na vida real.

Em contrapartida, no universo ficcional da telenovela, em particular a *Malhação*, o que está fora de cena (o obsceno) vem a lume com riquezas de detalhes, com requintes que vão da mais pura beneficência a mais cruel perversidade. Poder-se-ia dizer que a telenovela *Malhação* é um produto aonde a transgressão (o ir além) transita legitimada pela audiência e pela aproximação real, do cotidiano concreto, do público jovem?

Os jovens pesquisados nos dão notícias das transgressões que se lhes afiguram oportunas, necessárias, urgentes. Indagados sobre o porquê da desobediência aos pais quando na hora do namoro, Bpub é a primeira a se manifestar: “Ah, depende, porque eles também fizeram isso! Eles fizeram a mesma coisa e já falaram pra gente, mas não querem que a gente faça, entende?” E complementa:

Minha mãe falou que quando eles tavam namorando, que já tava super sério, ficando com ele, a mãe dela chegou e arrancou ela de perto dele, sabe? Nunca mais ela teve coragem de olhar pra cara do garoto, né? Por que ela pagou um micão! Mas ela não deixou de namorar, mesmo que ia acontecer tudo isso.

Vê-se claramente na fala de Bpub o que assinalei linhas acima acerca da incoerência entre o discurso e a prática dos pais frente a educação de seus filhos.

As estratégias da transgressão são muitas. Mpub nos diz como transgride:

Aí, tipo assim, eu fico, não tem?, aí... até esses tempos aí eu tava ficando com um guri, não tem? Só que daí... aí pra dar, assim, a desculpa pra ela, não tem?, porque a gente vai pra frente da igreja, não tem? (gozação dos outros alunos) É por causa que a gente sempre vai. A gente sempre ia com ela. Só que agora, como ela trabalha à noite, a gente faz que vai na Igreja, não tem? Fala que vai pra Igreja e tipo, marca pra se ver na rua, tipo, aí a gente se encontra em algum lugar e é isso.



O movimento da transgressão, o modo de transgredir, cria também uma cena romântica. A solidão da obscenidade revela-se como o lugar de uma afirmação que valida o sentimento mútuo de afeto, carinho e risco assumido pelos amantes. O que vale aqui ressaltar é que o ato de se esconder é, para o par romântico, não uma transgressão, mas uma “legalidade”, ou seja, é legal, está de acordo com o “código do amor”, como atesta Ipub: “Eu acho assim, que namorar escondidinho, assim, ou ficar escondido assim é mais legal, porque daí, assim, ninguém pode ficar sabendo, fica um clima mais romântico...”

### 3.1.5 Sexo

A sexualidade hoje não é mais o lugar do prazer e da felicidade. Também não é mais o lugar da transgressão. A mística que paira sobre a sexualidade tem conotação negativa: opressão, desigualdade, violência, abuso e infecção mortal parecem ter trazido à sexualidade uma dose significativa de racionalidade (BAUMAN, 2004). Como resultado, o sexo virou um assunto que “hoje todo mundo está por dentro e ninguém tem a mínima idéia” (BAUMAN, 2004, p. 56).

No grupo focal da escola particular foi possível constatar que alguns pais têm dificuldades para falar sobre sexo com os filhos, seja “porque é uma intimidade”, seja porque “os pais têm vergonha de falar disso”.

Apesar de o sexo ser um assunto que desperta bastante interesse na faixa etária dos adolescentes entrevistados (com idade entre 14 e 16 anos), e, por isso mesmo, constituir-se num tema “quente” entre eles, há fortes indícios de que nenhum deles tenham ainda passado por uma experiência sexual propriamente dita, com parceiros ou parceiras. Tanto é, que o adolescente Lpub desabafa: “A camisinha que eu tenho ta aqui na carteira, já ta velha...”.

Devido ao comportamento ainda um pouco imaturo dos rapazes e das garotas em questão é bem possível que o sexo não passe mesmo do plano verbal, restando-lhes apenas o desejo, este sim, manifesto desde o momento da sedução.

#### 3.1.5.1 Sedução

*Cantar, é mover o dom  
do fundo de uma paixão*

*Seduzir, as pedras, catedrais, coração  
 Amar, é perder o tom  
 nas camas da ilusão  
 Revelar, todo o sentido  
 Vou andar, vou voar, pra ver o mundo  
 Nem que eu bebesse o mar  
 Encheria o que eu tenho de fundo  
 (Djavan. Seduzir)*

Atrair alguém para o enlace amoroso não é apenas uma questão de companhia, de conforto para um coração solitário, de construção e realização de uma vida a dois. Muito antes de todo o romantismo pueril, está, como assinalou Schopenhauer (p. 83-4), a necessidade de compor a próxima geração:

Por muito desinteressada e sublime que possa parecer a admiração pela pessoa amada, o fim último é tão-somente a criação de um novo indivíduo, determinado na sua natureza: isso é confirmado pelo fato de não bastar o sentimento recíproco, mas sim exigir a posse, isto é, o gozo físico. A certeza de ser amado não nos poderia consolar da ausência do gozo físico; e em casos como esse, muitos amantes já se suicidaram. Ao contrário, há pessoas muito apaixonadas que, não logrando ser correspondidas, contentam-se com a posse, isto é, com o gozo físico. Incluem-se neste caso todos os casamentos obrigados, os ‘favores’ de uma mulher, malgrado sua aversão, obtidos à custa de presentes, ou nos casos de estupros. Que uma criança determinada seja gerada, é este o verdadeiro alvo de todo o romance de amor, embora os envolvidos não tenham consciência disso: a intriga que leva ao desenlace é coisa acessória.”

Se o impulso sexual, para Schopenhauer, tem o nome de amor, ouçamos, pois, a voz de nossos entrevistados a procura de argumentos que se aproximem do pensamento do filósofo do século XIX, ou, decorrido quase duzentos anos da escrita de tal texto, constatemos uma dissonância cognitiva aguda e intransigente.

Foi possível observar que o grupo focal da escola pública confirma que o poder de sedução feminina é maior do que a masculina. Todos dão testemunho de que é mais fácil para as mulheres seduzirem os homens do que o contrário.

A respeito da sedução, transcrevo um trecho bastante curioso, proferido por Gpart:

É, o homem já sabe quando uma garota tá a fim, ele... ele que escolhe se quer ficar ou não, só que aquela tava muito desesperada (muito riso). O que que ela fez? Pegou minha mão: ‘Ah, vem cá que eu quero falar com você!’ Eu quase derrubando o meu café. ‘Dá licença aí, pessoal’. No meio do caminho ela virou a cabeça e ‘quer ficar?’ Eu, puuuuta, né?! Eu não queria ficar com a menina.

Aí veio a primeira coisa na minha cabeça, né? ‘Não, é que eu tô namorando... não vai dar’. (risos) Quando tu quer... quando tu quer escapar das meninas, assim, que tu acha meio “casqueira”...

‘Casqueira’ é aquela menina que... uma menina casqueira é uma menina... não é pobre, sabe? Mas é uma menina que vem, que chega em todo mundo...

Eu não gosto de menina assim, entendesse? Quando ela vem, eu sempre tenho essa desculpa, né? Porque eu não fico com uma menina, a menina pode ser muito gatinha, eu acho mal.

O que Gpart observa, em verdade, o que lhe é desconfortável, é justamente a ausência do jogo de sedução. A cantada da menina à queima roupa “quer ficar?” não funciona com ele. A cena relatada está em acordo com os fundamentos da psicanálise, uma vez que o relato satisfaz o que comentei anteriormente em relação “às condições ideais de amor”. Não é Freud quem assinala que uma mulher sem pretendentes não se enquadra como objeto de desejo?

Continuemos, pois. Jpub nos fala sobre seu jogo de sedução:

tipo assim: se uma menina tá sentada aqui e o menino tá sentado ali ela olha de lado, assim, tipo, ela fala: ‘Não, eu vou jogar um olhar de tal jeito, assim, pegar e mexer o cabelo, isso é a paquera minha, né?’

Ato contínuo, Lpub aproxima-se bastante do que escreve Schopenhauer:

Comigo já é diferente já, elas colocam um (faz gesto com a mão indicando uma saia curta) e pa... (muito riso) eu já penso assim: “ah, maluco!” (mais risos)...

Vem com aqueles vestidinhos assim, daí tu acha que eu vou dar uma olhadinha no cabelo?

O impulso sexual de Lpub o impede de “dar uma olhadinha no cabelo”. O alvo é, por certo, o que guarda o vestido. Se depender dele, provavelmente a espécie estará garantida e a próxima geração, composta.

Mpub lembra a roupa como um adereço sedutor:

Não, tipo assim, a menina demonstra que tá dando em cima também, né? Ela fica olhando. Tipo assim: É... ela às vezes, antes era só amizade, ela chegava, conversava com o guri e falava: “o, cara, to a fim de ficar com o guri”, senão: “O, minha amiga tá mal, vai lá e

conversa com ela”. Agora não, agora ela já: “ai, to com medo de conversar com ele”. Tipo assim: ela não se arrumava tanto, agora ela... ela já vem com roupas, tipo, que antes era só de sair, não tem? Tipo, ela vem toda de efeito, moda, aquelas roupas assim, tenta se arrumar mais pra ele...

Se voltarmos à cena da telenovela *Malhação*, ocasião em que Roberta pede Cleiton em namoro, teremos o seguinte diálogo:

Cleiton

Você ta muito filé, gatinha!

Roberta

Ai, Cleiton, eu só resolvi me arrumar um pouquinho.

Aqui, o universo ficcional se aproxima bastante do universo real, onde Mpub relata as armas da sedução, ou seja, olhares e indumentária.

### 3.1.5.2 Homossexualidade

Assim como aponteí o preconceito manifesto pelos jovens pesquisados em relação à cor, ao beijo na boca adulto e ao “outro”, a homossexualidade poderia muito bem ser abordada naquela ocasião, vítima que é do preconceito. Ocorre, porém, que o tema surgiu na escola pública devido a uma pergunta improvisada, feita por mim, que sinto a necessidade de comentar por julgá-la pertinente à pesquisa.

A homossexualidade fora tratada em vários capítulos de *Malhação* no ano de 2006. Eu decidi colocá-la neste tópico por entender que além do preconceito ele provoca sobretudo uma discussão sexual.

Não faço coro às vozes moralistas que em nome do pudor execram a homossexualidade, nem tampouco a vozes que tomam a questão como uma doença, perversão ou uma “opção” sexual. Esta última, proferida por “especialistas” em

inúmeros artigos<sup>20</sup>, traz consigo a falsa impressão de que o sujeito num dado momento de sua vida fez uma opção parecida a que o levou a cursar medicina, biblioteconomia ou engenharia elétrica.

Os homossexuais estão na sociedade desde sempre e foram silenciados ao longo da história assim como os escravos, as mulheres e as crianças. Embora meu trabalho não tenha a preocupação de restituir-lhes a voz, o que se pensa deles torna-se precioso na medida em que hoje, de maneira mais incisiva do que antes, os homossexuais vêm conquistando espaço na sociedade. A conquista desses espaços implica em direitos, respeito e reconhecimento. Implica também em assumir publicamente o homossexualismo.

Apesar de a homossexualidade, no primeiro momento, despertar repulsa a nossos jovens entrevistados, uma vez que o homossexual é identificado como o “outro”, o diferente, o fora do padrão, o transviado, foi possível constatar uma simpatia, por parte das meninas, pela homossexualidade masculina e, por parte dos meninos, pela homossexualidade feminina.

Logo no primeiro momento, quando os entrevistados foram perguntados como encaram a homossexualidade masculina e feminina, Vpub soltou o seguinte texto: “Oh, é, de mulher é nojento, mas de homem é legal”. (p. 20) E em seguida ela completa: “Ah, sei lá, mulher é muito nojento! Sabe aquela “Parada Gay”? É... meu Deus, tem um monte de mulher se beijando, que nojo que é aquilo lá! E um monte de gay gostoso, meu Deus! (Gargalhada geral!)”

Bpub também confirma:

Eu acho legal, assim, dos homens, porque eles são engraçados. E de mulher eu acho nojento porque, assim, eu sendo menina, sendo mulher, assim, eu acho inaceitável eu beijar uma menina, ui, eu beijar uma menina, como é que vai ser? Daí eu não gosto, eu gosto mais de menino, daí... os homens é engraçado, agora, mulher, eu acho que...

Os rapazes, por sua vez, não tomam por nojento o fato de duas mulheres se beijarem. Epub diz: “Eu não acho [nojento] não. Ô, muito massa, ô! (gargalhadas).

Mpub também confirma não ter nojo da homossexualidade masculina: “Igual eu. Eu não acho homem nojento”.

---

<sup>20</sup> Jussara Hadadd, terapeuta holística, usa o termo “opção sexual” em seu artigo. Disponível em: <<http://www.acesa.com/mulher/arquivo/sexualidade/2006/07/14-jussara>>. Acesso em: 6 nov. 2007.

À parte, ao pé do ouvido do amigo, Lpub comenta que “todas elas [lésbicas] usam *piercing* na língua”, mas diz, zombeteiro, não saber o porquê... Em seguida, Lpub relata uma experiência que, se por um lado o denuncia como preconceituoso, por outro, reafirma, ao menos no plano discursivo, sua indubitável, irrepreensível e inquestionável heterossexualidade:

Uma vez, assim, eu tava a fim de ficar, de ganhar aquelas gatinha, daí eu: ‘Opa! Agora!’, né?, ela chegou pra mim e perguntou assim, tu vê: ‘Tu é gay?’ Daí, eu: ‘Maluco!!! Eu não sou gay, não, o, que que é isso?!’ Daí, ela: ‘Ai, tem um amigo lá que quer te conhecer’(risos). O, mas era muito feio, cara, tinha um monte de *piercing* no olho! O, manda ele sair de perto de mim, o! Hã-hã! Jamais!

Jpub, num único fôlego, trouxe um relato que ajuda a perceber o estranhamento que lhe causam os pares românticos *gays* ao dividirem com ela os mesmos espaços públicos, provocando-lhe reações como risadas e questionamentos acerca da conduta social:

Esses dias eu tava no shopping, não tem?, eu e a minha prima, a gente tava subindo a escada rolante, e na nossa frente tinha um casal de lésbicas, e elas começaram a se beijar na escada rolante. Eu e minha prima, a minha prima só me cutucou assim, a gente olhou pra elas e começou, não tipo, ah, não tem?, mas a gente, assim, deu risada. E já era senhoras, não tem?, do nada, e se agarrando ali, pegando a mão, dando altos beijão. Outra vez eu tava no carro, tava passando pela rua ali, um casal super novo, as meninas acho que da minha idade, lindas, as meninas, eu fiquei de cara com aquilo. Pensei: ‘Nossa, elas podiam ta com um namorado tão bonito, tão lindo’, tavam lindas ali se beijando, as meninas de mãos dadas, no maior amasso. Outro dia, na praia, eu vi as meninas com um corpo espetacular, nossa, as meninas perfeitinhas, andando na praia de mãos dadas, se beijando. E elas no mercado, também, olhei pra elas, assim, não por, ah, não pelo fato de ter preconceito, mas não sei, sabe?

Faço questão de frisar que nos grupos focais aqui trabalhados, nenhuma das cenas mostradas versou sobre a homossexualidade. Entretanto, foi um assunto recorrente no ano de 2006 na telenovela *Malhação*. Como a maioria dos jovens que participaram dos três momentos da pesquisa (preenchimento do questionário, grupo focal e produção de uma cena escrita de uma telenovela imaginária) confirmaram ter acompanhado *Malhação* naquele ano, é bem possível que eles assistiram as cenas e perceberam o modo como a homossexualidade foi levada ao ar.

Toda vez que um personagem homossexual desfilava na tela, repulsa, chacota, desrespeito, ironia e preconceito vinham juntos. Só depois de muitos capítulos os autores aliviavam, procurando dar à questão uma certa naturalidade, o que, no meu entendimento, servia apenas para ocultar a irresponsabilidade com a qual haviam abordado a homossexualidade até então.

Não ter trazido à luz da provocação argumentativa dos jovens entrevistados cenas relativas à homossexualidade causa-me uma dor estranha: é-me desconfortável, sobretudo num texto que se pretende científico, comentar sobre cenas das quais guardo apenas na memória e que não foram trabalhadas nos grupos focais. Lanço-me de repente todas as dúvidas: o que seria de um cientista das ciências ditas humanas se não pudesse validar suas lembranças líquidas da mesma maneira que valida um objeto de estudo sólido?! Acaso a solidez, nos dias que correm no rio da pós-modernidade, não é um porta-aviões em naufrágio? Marshall Berman já havia observado: “Tudo que é sólido desmancha no ar”.

Se Walter Benjamin discursou sobre a própria infância, analisando sua experiência infantil, validar cientificamente a memória não é de todo descabido. Em favor da lembrança é sempre bom saber que ainda se cabe em algum cabide. Abram os, pois, o armário embutido de nossos dias inocentes e cheios de vida!

### 3.1.5.3 Fidelidade

Eis aqui uma questão subjetiva sobre a qual não me será possível discorrer com segurança. Tentarei abaixo explicar tal impossibilidade.

A atenção despendida à fidelidade pelos jovens pesquisados é tamanha, que sobrepujou qualquer “tema quente” entre eles, como festas, drogas, violência ou música, quando da aplicação do questionário, da realização dos grupos focais e da produção da cena escrita de uma telenovela imaginária.

Frente a esta constatação, uma grave questão se impõe: a telenovela *Malhação*, de maneira particular, e também as outras telenovelas, de maneira abrangente, estariam chamando a atenção para o binômio traição/fidelidade? Em caso afirmativo, como a questão vem sendo veiculada? Como é recebida por esses jovens? Que sentido se lhes imprime?

No questionário aplicado surgiu de imediato uma dificuldade alpinista, o píncaro inescrutável que haveria de modificar toda a paisagem romântica da pesquisa: a fidelidade como um traço psíquico com poder de atração.

Exigir fidelidade dentro de um relacionamento estável sempre foi, de modo geral, natural e aceitável (LINS; BRAGA, 2007). Entretanto, o fato de a fidelidade exercer atração sobre um desconhecido, despertando nele interesse em estabelecer uma relação (ficar/namorar) com a pessoa supostamente fiel, traduz-se numa inquietante surpresa intelectual.

Se, no afã de me livrar dos antolhos, eu me deixasse guiar pela luz primeva que seduz a pupila e ludibria a razão, ser-me-ia simples extrair Thomas Edison dos pirilampos alvissareiros que se apresentam alegres para alumiar o breu da questão e com ele inventar nova lâmpada para tão novo problema. Bastar-me-ia, para tanto, raciocinar na esteira do mal-estar que assola a pós-modernidade.

A resposta poderia ser dada considerando toda a incerteza que se nos apavora no momento, com as ideologias que caíram por terra, a inversão dos valores, “a força da grana que ergue e destrói coisas belas”<sup>21</sup>, a aceleração do tempo, o encurtamento do espaço, o excesso de tudo na letal litania do consumo que pede mais de si mesmo, o caos que se instaura nas sociedades contemporâneas espalhadas por todo o planeta, a náusea, o tédio, o vazio. Ocorre, porém, que a obviedade de tal resposta não me é convincente.

Vivendo num mundo que nega quase tudo que oferece, que torna importante o supérfluo<sup>22</sup> e desimportante o que importa<sup>23</sup>, os jovens de hoje não precisam imitar Alice para descobrirem o mundo ao avesso (GALEANO, 1999). Nada de espelhos! Basta-lhes ganhar as ruas, ligar a TV ou o computador. Ameaçados, solitários e anestesiados, aí vêm nossos jovens.

O mundo ao avesso nos adentra para ver o próximo como uma ameaça e não como uma promessa, nos reduz à solidão e nos consola com drogas químicas e amigos cibernéticos. Estamos condenados a morrer de fome, a morrer de medo, ou a morrer de tédio, isso se uma bala perdida não vier abreviar nossa existência.

---

<sup>21</sup> Referência à música Sampa, de Caetano Veloso.

<sup>22</sup> A publicidade tabagista há muito explicava o que era importante: “O importante é ter Charm”; o Jornal Nacional já noticiou o final do BBB; a Rede Globo de Televisão narrou a queima de fogos de 2008; ... e eu não estou me sentindo muito bem...

<sup>23</sup> A julgar pelos telejornais brasileiros não existem livros no mundo. Não se escreve, não se publica, não se consome, exceto quando a matéria jornalística versa sobre alguma feira de livros, o que ocorre uma vez por ano.



Cabem aqui algumas indagações: quais mecanismos poderão ser usados pelos educadores para desvirar o mundo que, de certa maneira, está de pernas pro ar? Os estudos em mídia-educação serão capazes de mostrar aos jovens que o tempo presente não é padecimento, mas transformação? Que o passado não é esquecimento, mas audição? Que o futuro não é assentimento, mas imaginação? (GALEANO, 1999).

Enquanto aguardamos que os “Atlas da Educação”<sup>24</sup> voltem a sustentar o firmamento, imprimindo-lhe um sentido, reorganizando velhas e novas estrelas na escuridão das noites subtropicais, torna-se imprescindível não nos convenceremos de que tudo que reluz se traduza numa clara certeza. Mais acertado seria pensar que nos dias apressados, que diminuam ainda mais as alamedas do agora, os equívocos fulguem como grandes constelações.

Por isso, para evitar equívocos, a lapidação da fidelidade e todo o seu significado simbólico, deverá se demorar um tempo a mais na oficina científica, a espera de que o tempo lhe traga grandes faróis. Ao pé de onde estou, imerso no turbilhão do qual emergiu a questão da fidelidade, não me é possível aclarar nem cena nem cenário. Esforço-me, todavia, em noticiar tal evento.

Além de aparecer no questionário (questão de número 32) como um traço psíquico de atração e, nos grupos focais, como uma questão calorosa, na produção das cenas escritas de ambas as escolas a fidelidade ganhou um destaque importante conforme atestam as falas dos personagens criados pelos adolescentes.

O grupo 02 da escola pública termina a cena escrita narrando o seguinte:

Chegando lá eles conversam normalmente. Carlos faz várias perguntas à Karla. Ele pega na mão dela e dá um abraço e tenta beijá-la à força. Ela dá um tapa no rosto dele e o empurra. Ele pergunta: ‘O que foi?’ Ela diz que tem namorado e que podem ser amigos. Ele concorda. Bate o sinal e eles retornam para a sala de aula’.

Se lembrarmos da primeira cena mostrada nos grupos focais, podemos notar as semelhanças ficcionais (ou seria mais apropriado pensar aqui em semelhanças reais, considerando que o universo ficcional tem sua partida no universo real, sobretudo quando se trata de telenovelas?). O que é realmente importante notar é que as produções de cenas aconteceram antes das discussões em grupo, onde a primeira cena

---

<sup>24</sup> Atlas, na mitologia grega, filho de Posêidon, era um Gigante que ao desafiar Zeus, foi condenado a sustentar eternamente o firmamento sobre seus ombros, sob pena de destruir todo o universo se não o fizesse. Atlas da Educação, por analogia, são todos os educadores e também todos aqueles que “apóiam” a Educação, por concebê-la uma necessidade imprescindível à formação e desenvolvimento humanos.

mostrada deixava ver o seguinte: Manuela e Cauã estão presos num enorme buraco. Manuela namora com Eduardo. No entanto, sem ter como sair no momento daquele local, ambos são forçados a passarem a noite ali, a sós. Então, depois de uma conversa, o amor entre eles é celebrado com um beijo na boca. Ato contínuo, Manuela diz que isso está errado, pois ela namora o Eduardo e pede para Cauã não beijá-la mais até que ela resolva a situação.

Na cena da escola pública, a fidelidade de Karla impede o beijo em Carlos e se resolve numa amizade, apesar do tapa no rosto de Carlos. Na cena de Malhação, a fidelidade de Manuela a faz dizer que o beijo foi um erro. Ela pede a Cauã para que não “role” nada entre eles até ela terminar com Eduardo.

Volto, pois, às indagações que abriram este tópico para respondê-las ainda que parcialmente. Sim, a telenovela Malhação, como sugere a cena trabalhada nas discussões em grupo, está chamando a atenção para o binômio traição/fidelidade. A questão é veiculada obedecendo a padrões culturais vigentes, corroborando uma fidelidade exigida dentro das relações amorosas. A julgar pelos resultados da pesquisa, a fidelidade é muitíssima bem recebida, uma vez que ela responde a uma necessidade “vital” para a realização de um relacionamento estável entre os jovens pesquisados.

Eu ousaria dizer que a construção de sentido da fidelidade por parte dos jovens a que esta pesquisa se esforçou em analisar as respostas e se viu obrigada a formular novas perguntas, tem importância maior do que a veiculada na cena mostrada. E minha ousadia não é gratuita, pois traz o âmbar freireano das manhãs delicadas que acordam um educador aqui, outro acolá...

Mais acordada ainda estava Amanda, personagem criada pelo grupo 04 da escola pública. Amanda, vítima de um mal-entendido, acredita no que seus olhos viram: Fernando, namorado dela, está a sós dentro da sala com uma prima que ela, Amanda, desconhecia. Enciumada e desesperada, Amanda desabafa: “Seu... safado! Cafajeste! Homem é tudo igual! Vê se me esquece, garoto!”

Na outra ponta da corda da fidelidade está a traição. A dor de Amanda se traduz nos improperios flambados pelas labaredas da raiva. Incauta, ela ainda não sabe que a falta de fidelidade não se recompõe com os gritos seus nem de ninguém. Todo seu emocional se desnuda com a visão do que realmente partiu dentro de si: a idéia de exclusividade!

Toda essa cena, e também toda a importância dada pelos jovens à fidelidade parece se constituir como um contraponto amoroso das tendências apontadas pela sexóloga Regina Navarro Lins (2007, p. 117):

O amor que conhecemos começa a sair de cena, levando consigo a idealização do par romântico, com a idéia de os dois se transformarem num só e, conseqüentemente, a idéia de exclusividade. Mas ainda são poucos os que aceitam a possibilidade de ter um casamento aberto.

Leia-se o diálogo criado pelo grupo 04 da escola particular, onde Carol e Patrícia protagonizam uma cena tensa e reveladora:

Luciana

Ah, gente, vocês duas não vão brigar agora, né?

Carol

Lu, cala a boca, a conversa ainda não chegou no chiqueiro!

Patrícia

Nossa, que estresse, gente! Carol, deu de barraco, meu! Tá se achando toda, né?

Carol

Pelo menos eu posso me achar, sua corna, não tá sabendo? A Lu ficou com ele [seu namorado] ontem. (Patrícia sai chorando)

O choro é conseqüência da quebra da fidelidade do namorado de Carol, que é pichada de “corna”, ou seja, a que agora foi traída. A traição, então, resulta em humilhação perante o outro. A tendência dessa cena é perpetuar o que está cristalizado na cultura, ou seja, uma “fidelidade desleal”. Esta pode muito bem ser traduzida numa hipocrisia histórica, posto que ao mesmo tempo em que todo mundo afirma como fundamento a fidelidade conjugal, no mundo todo sempre houve relações extraconjugais (LINS; BRAGA, 2007).

As relações extraconjugais também foram abordadas pelo grupo 02 da escola particular: “Aquilo [que você viu] não foi um beijo, eu nunca iria te trair. Por favor, volta pra mim! (Tenta dar um beijo, Júlia o segura com os braços)”. O fato, ou seja, a infidelidade dentro das relações amorosas sempre existiu. Portanto, acerca da

fidelidade, deve-se levar a discussão para o que pretende confirmá-la à força: a hipocrisia coletiva (LINS; BRAGA, 2007).

Os estudos em mídia-educação poderão prestar um grande serviço auxiliando as novas gerações a transformar o presente, ouvir o passado e imaginar um futuro capaz de lhes dar respostas às novas necessidades. Um trabalho de grande monta seria pensar as relações amorosas veiculadas nas telenovelas e o significado simbólico de tal veiculação. Inserir o amor como disciplina curricular (não para ensiná-lo, mas para pensá-lo) não seria resgatar a vida sentimental dos alunos há muito relaxada pelas instituições escolares? Não seria também resgatar a vida sentimental de todo o corpo docente? Não seria, ainda, um esforço para resgatar a afetividade usurpada pelos dias frios da cientificidade que não vê no coração nada mais que um órgão do corpo humano? Não vejo outro meio de aprofundar a questão do amor e da fidelidade a não ser inserindo-as numa discussão dentro da Educação.

#### 3.1.5.4 Preocupação dos pais

No questionário aplicado ficou claro que a maioria dos pais permitem que seus filhos namorem. Mas em relação ao sexo, qual seria a grande preocupação deles? Afinal, quais seriam seus temores ao permitirem que seus filhos namorem?

Reproduzo abaixo um trecho da transcrição do grupo focal da escola pública que responde à questão:

Pesquisador: ta bom. Quem quer falar? Qual é o grande medo dos pais?

J. Que o guri se aproveite ali na hora, né?, já que tão sozinhos e tão namorando...

Pesquisador: O que que é “aproveitar?” Beijar bastante?

J. Sei lá, ter um namoro mais assim... já que tão namorando os pais têm aquele medo assim: “Ah, só porque ela acha que ta namorando, aí o guri vai começar a enrolar ela, ela vai pegar e vai transar com o guri”, não tem? Aí, os pais têm esse medo, já que tão sozinhos e tão namorando.

Pesquisador: O grande medo que os pais tem, que as meninas transem, como ela falou, é... é perder a virgindade, ou é a gravidez?

Todas as meninas: a gravidez.

Pesquisador: hoje já não tem mais esse tabu?

I. A gravidez e doenças, nada de perder a virgindade. Perder a virgindade é normal, tipo: uma vez eu fui a uma festa com a minha mãe, na Oktoberfest, chegou lá na entrada tinha um grupo de jovens distribuindo camisinha, que tavam trabalhando lá. Eles pegaram e me deram. E ela: “Por que que eles te deram isso?” Daí eu falei: “Ah, não sei, né?” Daí... Sempre, assim, sabe? É normal, todo mundo tem. Ela pegou... esses dias ela assim pra mim: “Por que tu não dá pro teu irmão?” Daí eu falei: “Não, deixa aqui, né?, ta aqui”.

Também na escola particular foi possível encontrar resposta semelhante:

Pesquisador: qual é o grande medo dos pais?

H. Engravidar.

Pesquisador: a... o grande medo é a gravidez, vocês acham?

R. É, eu acho que o medo é que... role alguma coisa...

H. Role alguma coisa a mais, porque ela é muito nova, entendeu?

Pesquisador: mas vocês também são novos!

H. Ah, mas... isso pra mulher é diferente. (risos) Será que eu posso falar isso?

Pesquisador: pode falar.

H. pra isso que existe garota de programa.

Pesquisador: como é que é?

H. pra isso que existe garota de programa. (risos) Vai dizer: tu não enjoa de comer só arroz e feijão? (gargalhada geral) É verdade... um macarrão, tal...

Pesquisador. Ta. Então vocês acham que o grande medo dos pais é a gravidez, então?

G. Hã-hã, com certeza.

R. Eu acho que eles têm um pouco de medo, ah, tipo, ta querendo se aproveitar...

H. da minha filha...

R. Não, tipo, não só da filha: se o cara for rico.

Tudo indica que o velho tabu da virgindade já se recolheu ao passado, ao menos, no que diz respeito à realidade desses jovens. Onde havia tabu há agora duas preocupações que parecem emperrar as pálpebras maternas e paternas: gravidez indesejada e doenças provenientes da relação sexual.

Na escola particular a garota de programa foi lembrada como alternativa à gravidez das meninas em tenra idade: “Pra isso que existe garota de programa” (p.15).

Cabe aqui uma pergunta: se nas oitavas séries pesquisadas o namoro é permitido pelos pais ou responsáveis, o conhecimento acerca dos métodos anticoncepcionais é considerável, como administração de comprimidos e preservativos, o medo manifesto pelos pais e pelas mães não teria sua origem justamente na falta de diálogo em casa com seus filhos sobre o sexo, seja por pudor, timidez ou “falta de jeito” como assinalado páginas acima? O diálogo cria um discurso. Um discurso cria um poder. Poderes são negociados. Ao se negar o ócio de tal questão, impõem-se, no mínimo, um movimento em busca de uma solução.

### 3.1.6 Daí, pá, não tem? – os poréns do consumo

Eu, Etiqueta

Em minha calça está grudado um nome  
que não é meu de batismo ou de cartório,  
um nome... estranho.

Meu blusão traz lembrete de bebida  
que jamais pus na boca, nesta vida.

Em minha camiseta, a marca de cigarro  
que não fumo, até hoje não fumei.

Minhas meias falam de produto  
que nunca experimentei  
mas são comunicados a meus pés.

Meu tênis é proclama colorido  
de alguma coisa não provada  
por este provador de longa idade.

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
minha gravata e cinto e escova e pente,  
meu copo, minha xícara,

minha toalha de banho e sabonete,  
meu isso, meu aquilo,  
desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
são mensagens,

letras falantes,  
gritos visuais,

ordens de uso, abuso, reincidência,  
costume, hábito, premência,  
indispensabilidade,

e fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.  
É doce estar na moda, ainda que a moda  
seja negar minha identidade,  
trocá-la por mil, açambarcando  
todas as marcas registradas,  
todos os logotipos do mercado.  
Com que inocência demito-me de ser  
eu que antes era e me sabia  
tão diverso de outros, tão mim-mesmo,  
ser pensante, sentinte e solidário  
com outros seres diversos e conscientes  
de sua humana, invencível condição.  
Agora sou anúncio,  
ora vulgar ora bizarro,  
em língua nacional ou em qualquer língua  
(qualquer, principalmente).  
E nisto me comprazo, tiro glória  
de minha anulação.  
Não sou – vê lá – anúncio contratado.  
Eu é que mimosamente pago  
para anunciar, para vender  
em bares festas praias pérgulas piscinas,  
e bem à vista exibo esta etiqueta  
global no corpo que desiste  
de ser veste e sandália de uma essência  
tão viva, independente,  
que moda ou suborno algum a compromete.  
Onde terei jogado fora  
meu gosto e capacidade de escolher,  
minhas idiossincrasias tão pessoais,  
tão minhas que no rosto se espelhavam,  
e cada gesto, cada olhar,  
cada vinco da roupa  
resumia uma estética?



Hoje sou costurado, sou tecido,  
sou gravado de forma universal,  
saio da estampa, não de casa,  
da vitrina me tiram, recolocam,  
objeto pulsante mas objeto  
que se oferece como signo de outros  
objetos estáticos, tarifados.  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
de ser não eu, mas artigo industrial,  
peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem.  
Meu nome novo é coisa.  
Eu sou a coisa, coisamente<sup>25</sup>.

### 3.1.6.1 Dentro e fora da TV

A imagem que eu quero pintar agora para fazer valer mais do que mil palavras é a de um fractal colorido e animado. Imaginemos que as particularidades da escola pública sejam representadas pela cor azul; as da particular, amarela; o ponto de encontro entre as duas, isto é, as particularidades comum entre as duas escolas, verde. A movimentação das cores dentro do fractal lembraria um corpo vivo, pulsante. Poder-se-ia chamar este monstro camaleônico, que se alimenta de estímulos e respostas coloridas, que produz e é produzido por significados, de “mediação”.

A mediação implica um movimento de significado de um texto para o outro, de um discurso para o outro, de um evento para o outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para a sua produção. (SILVERSTONE, 2005, p. 33).

---

<sup>25</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. **O corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984, p.85-7

Tudo o que tenho escrito até aqui não é mais do que parte do processo de mediação (SILVERSTONE, 2005). O fato de eu estudar a TV, especificamente a telenovela *Malhação*, não me reporta a uma distância segura como o faz um pré-historiador ao se debruçar sobre os requintes das pinturas rupestres de Chauvet.

A aproximação com o meu objeto de estudo cria possibilidades reais de ele falar de mim e de minha coletividade ao mesmo tempo em que me propicia tecer considerações sobre ele. Assim, de alguma maneira, eu estou na telenovela e ao mesmo tempo, estou fora dela, falando sobre ela. Não obstante, estou certo de que mantenho certa distância crítica entre mim e a telenovela de minha predileção.

O mesmo se dá com os jovens que participaram da pesquisa. Eles possuem, todos, uma experiência midiática, que é, por assim dizer, uma experiência real capaz de desenvolver neles visões críticas sobre várias questões como, por exemplo, relações amorosas. Eles dão pistas fortes de não viverem num mundo exclusivamente de imagens e simulacros, o que contraria o pensamento pós-moderno. Eles parecem perceber que suas vidas não se restringem a espaços simbólicos, uma vez que se utilizam da realidade empírica ao distinguirem o que se passa na TV e o que se passa no cotidiano concreto por onde se movem. É possível que eles percebam que o que se passa na TV não seja uma expressão total da realidade, mas uma parte da realidade vivida por eles.

Assim, conseguem aproximar e afastar o universo ficcional de dentro da TV com o universo real fora da TV. Não estou querendo dizer que o universo ficcional não faça parte do universo real. O consumo da ficção é parte significativa do universo real. Entretanto, a distinção entre o que é ficção (oferta de significados) e o que é realidade (produção de significados), bem como o momento onde ficção e realidade se afastam e se aproximam, foram observados pelos adolescentes.

É o caso da cena em que Roberta pede Cleiton em namoro. Esta cena foi recebida por Hpart. com espanto: “Nossa! Isso aí é uma em mil, foi bem fictícia”. Contudo, o que foi fictício para Hpart. foi bem real para Gpart, ou dito de outra maneira, o que foi levado em cena na telenovela *Malhação* aconteceu de forma semelhante na vida de Gpart.: “No meio do caminho ela virou a cabeça e ‘quer ficar?’”.

Na escola pública, ao comentar a primeira cena mostrada no grupo focal, Mpub. usou de criticidade ao constatar que

Também ali, ali naquela cena mostrou que não é isso, isso aí não é uma coisa que acontece agora, a pessoa vai, fica, gostou, chega lá e acaba com a pessoa assim e dá qualquer desculpa, mas isso não acontece assim, de chegar e tal.

Para além das cenas que dizem respeito ao relacionamento amoroso, privilegiadas aqui nesta pesquisa, foi possível observar também uma aproximação da realidade de Mpub com o universo ficcional:

Esses dias eu tava vendo Malhação, eu tava vendo a professora sair da sala... Não. Na hora que ela tava chegando, que tinha acabado de bater o sinal todo mundo jogando bolinha de papel, né?, desenhando no quadro... Eu tava lembrando que às vezes eu faço isso, de escrever no quadro, né? O pessoal começa a tacar bolinha de papel... eu acho legal (risos) Ah, não legal, mas eu achei engraçado, eu comecei a dar risada, não tem? Lembrar da... Eu achei legal: ‘o, legal, amanhã tem aula, amanhã eu vou fazer isso’ (risos)

Na escola particular, a percentagem de credibilidade, isto é, o que é veiculado em Malhação, tudo o que é representado pelos atores e levado ao ar no final das tardes de segunda a sexta-feira, chega a marca de 70%. Logo, para Hpart, apenas 30% do que vai ao ar em Malhação é ficção. Apesar do percentual de credibilidade elevado, quando a questão se volta para a maldade dos personagens, Hpart. opina: “Então a ficção é muita, eles botam muita maldade em excesso, é muito exagerado”.

Rpart, também numa postura crítica, aponta algo muito fictício: “Ah, uma coisa que eu acho que é muito fictício na Malhação é, tipo, é que tem muita armação, tipo, ah...”.

Essas críticas manifestas pelos adolescentes de ambas as escolas pesquisadas fazem parte da “textura geral da experiência coletiva<sup>26</sup> (SILVERSTONE, 2005)” e individual. Tal criticidade pode ser tomada por mediação, posto que em cada crítica feita opera uma circulação de significado.

### 3.1.6.2 Pedagogia midiática

---

<sup>26</sup> Experiências corriqueiras sem as quais seria muito difícil estabelecermos comunicação uns com os outros.

*Até mesmo um pé de nabo*

*tem alguma coisa boa!*  
(Sandra Peres/Paulo Tatit)

Aprender. Ensinar. Aprender... e lá vai a eternidade entre luas e sóis! Aprender a ensinar. Ensinar a aprender. Crescer! Para que se cresce? Dentre tantas outras coisas, talvez até mais importantes, crescemos para cuidar melhor dos que nascem. Cuidar é pensar. Pensar é aprender, ensinar, aprender... Afinal de contas, sem o crescer, como explicar os fenômenos às crianças? Como explicar que o vento também dá pernas miúdas a coisas inanimadas? Que o tempo e o vento esculpem pessoas e objetos? Aprender, ensinar, aprender...

Talvez o parágrafo acima diga nada ou muito pouco à razão. Uma leitura rigorosamente científica do que acabo de escrever poderia atestar inclusive a insanidade do autor. Ou, na melhor das hipóteses, lamentar a postura acadêmica de um “ser romântico”, cuja compleição frágil e o espírito perturbado o impedem de coalescer pensamentos científicos genuínos.

Acontece, porém (e o *porém* é algo que sempre acontece), que a pedagogia midiática, informal, implica em subjetividades de ensinamentos e de aprendizagens complexas, ou seja, ensinamentos e aprendizagens subjetivos que se tecem em conjunto. Daí a dificuldade de a pedagogia midiática ser abordada. Diante da TV, para cada mensagem há uma multiplicidade de escutas, posto o caráter idiossincrático de cada indivíduo um universo singular. Este indivíduo, apreciador de imagens televisivas, examina o que vê e ouve embasado no que conhece e acredita (SILVERSTONE, 2005).

Diante disso, esforço-me para não cair na armadilha ingênua de que um texto genuinamente científico, ao tratar de questões subjetivas, possa explicar com maior acuidade complexidades profundas que perpassam toda minha pesquisa. Sim, as subjetividades podem ser explicadas à luz da ciência. Mas a explicação não é garantia de compreensão:

Explicar não basta para compreender. Explicar é utilizar todos os meios objetivos de conhecimento, que são, porém, insuficientes para compreender o ser subjetivo.

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e

suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. (MORIN, 2006, p. 51)

Se Rubem Alves (2005, p. 15) está certo em afirmar que “A vida não se justifica pela utilidade. Ela se justifica pelo prazer e pela alegria”, meu parágrafo pode ser melhor justificado pela vontade de compreender, não de explicar. Nisso consiste todo meu prazer e toda a minha alegria.

Ao sentir e conceber o ser humano como sujeito embebido ora em sofrimentos, ora em alegrias, e ora nos dois sentimentos simultaneamente, permito-me também compreender que sua razão subjetiva pode subjazer mesmo quando tomado por fortes emoções, como as advindas dos relacionamentos amorosos, que tanto afrouxam quanto apertam o coração com as poderosas mãos do amor. Entretanto, tomada pela emoção, sobretudo aquela que nos toca o coração, por exemplo, a razão subjetiva desencadeia outra lógica: perder-se de si, “enlouquecer por amor”, o que vale dizer: ser si mesmo em sentido máximo. Daí advém a experiência da plenitude de todo amante.

Ao dispor-se aberto ao outro, pelo amor, o amante se torna aberto ao que não possui, ao que somente se dá a ele em conjunto com o agir, pensar e viver do amado; através do amor, o amante se experimenta doado ao outro, este manifesto como possibilidade de ser, como o que não se é nem se possui, como aquilo que é, de antemão, inapreensível e incalculável. Este estar fora de si, aberto para a pura possibilidade ofertada ao outro, trazido pelo amor, constitui a felicidade do amante, a dimensão de plenitude que lhe pertence, e que não se confunde com a modalidade plena antevista no amado.<sup>27</sup>

Racionalizar as próprias ações é-me ao mesmo tempo científico e cômico. Científico, porque tal racionalização exigiria um método para analisar tais ações e explicar a frequência com que essas ações ocorrem, bem como suas causas, contextos e coerências. Cômico, porque voltar-se para si resulta constantemente em grandes surpresas, como a constatação de tiques, cacoetes, atos mecânicos, surpresas, revelações, incoerências. E foi justamente numa comédia que Woody Allen alertou: “Coerência é o fantasma das mentes pequenas”.<sup>28</sup>

Organizo, pois, o que foi dito até aqui. A palavra é um processo; a mídia é um processo; a mediação é um processo; o amor é um processo; a vida é um processo.

<sup>27</sup> FRANCALANCI, Carla. Amor, filosofia, fundamento. V. nota 9.

<sup>28</sup> ALLEN, Woody. **Adultérios**. Tradução de Cássia Zanon. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 23

Processos são ações contínuas, inconclusas, posto o fim, quando acontece, traduz-se em verdade num novo começo. Flagrar esses processos dentro de um espaço e de um tempo que escoam, servindo-se não de uma, o que seria um erro, mas de várias teorias da mídia, o que não garante o acerto, é confirmar não uma, mas muitas “verdades”; não uma, mas muitas “coerências”. E, muito embora essas “verdades” e “coerências” possam aparentar contradições entre si, elas coexistem e de certa forma harmonizam-se, como um casal que se ama ardentemente depois de uma discussão violenta, onde foi dito que o ódio era mútuo.

Talvez, por isso, como pesquisador, sinto-me construindo um castelo, não de areia, mas de fumaça. Também por isso, passo agora a expor, não as cinzas, mas o que o fogo eterno da compreensão consumiu e continua consumindo nas labaredas deste estudo.

Conforme o questionário aplicado, o meio de comunicação mais usado pelos participantes desta pesquisa para obter informações é a TV. A maioria deles dispõe de mais de um televisor em casa. Apesar de na escola particular todos terem TV a cabo (na escola pública apenas sete jovens possuem esse serviço), a emissora mais assistida é a Rede Globo de Televisão.

A aplicação do questionário tornou evidente que esses jovens gostam de assistir na TV, por ordem decrescente de preferência: filme, novela, desenho, telejornal, programa de auditório e propaganda. Esta última não pode nem mesmo ser tomada por “preferência”, uma vez que quase não foi assinalada.

A telenovela de maior predileção entre esses jovens é mesmo a *Malhação*. Segundo esses adolescentes, são muitos os motivos pelos quais eles assistem *Malhação*: “presença de jovens”; “romance”; “retrata a adolescência”; *Malhação* aborda “temas bacanas”; “é a novela que parece ser mais real, se parece mais com a gente”.

A maioria dos adolescentes pesquisados admite que a televisão influencia de alguma forma suas vidas. Quando perguntados sobre a influência de *Malhação* em suas vidas, metade dos jovens da escola pública confirmou tal influência. Não obstante, na escola particular, apenas uma pessoa admitiu que a referida telenovela influencie sua vida.

A julgar por algumas diferenças pontuais nas respostas do questionário, poder-se-ia afirmar que os jovens da escola pública sofrem maior influência da telenovela *Malhação* do que os jovens da escola particular. Metade dos jovens da escola pública, por exemplo, já usaram roupas ou acessórios utilizados pelos personagens de *Malhação*, ao passo que apenas três adolescentes da escola particular confirmaram ter

usado. Também seis jovens da escola pública disseram ter se apaixonado por algum personagem de *Malhação*, enquanto apenas dois jovens da escola particular confirmaram tal paixão.

Mas é preciso olhar a pesquisa, outro processo, em toda a sua abrangência. As outras técnicas de pesquisa das quais lancei mão não apontaram para uma maior influência sofrida por adolescentes de uma ou de outra escola. Ao contrário, planificaram<sup>29</sup> essas influências e confirmaram, sobretudo, uma pedagogia midiática muito parecida nas duas escolas.

Independente de dezoito adolescentes da escola pública confirmarem que aprenderam algo assistindo *Malhação* e vinte adolescentes da escola particular afirmarem não ter aprendido nada, foi possível observar uma aprendizagem bastante significativa em ambos os grupos.

Na escola particular, os jovens disseram ter aprendido “como chegar nas garotas”, “sobre valores e comportamento”, “sobre falsidade”, “coisas com adolescentes e com meninas”. Apesar dessas “aprendizagens”, um jovem escreveu que não aprendeu nada e que não entende “porque tanta gente vê essa merda!” Tomei tal colocação por singular devido ao fato de ela se constituir mais do que uma voz dissonante entre os jovens. Trata-se, em verdade, de uma confirmação indireta e espontânea de um dos adolescentes sobre o cotidiano concreto onde circulam as práticas: “tanta gente vê!” Tal afirmação, travestida de indignação, legitima substancialmente a prática de assistir *Malhação* entre esses jovens.

Os alunos da escola pública aprenderam com *Malhação*: “ser honestos”; “que fazer o mal não levará a nada”; “que não podemos desistir dos nossos sonhos”; “ser mais adolescente”; “como as pessoas se relacionam e se conhecem”; “triunfo do bem sobre o mal”; “que não importa o que você faz para as pessoas, sempre dá tempo de voltar atrás”; “sobre os pensamentos dos jovens e o seu modo de se expressar”; “que no final de tudo perdoar é o essencial da vida”.

Todo esse aprendizado não é senão uma evidência da mediação. A telenovela *Malhação* oferece o significado. A audiência (os jovens) produz significado a partir do que lhe é oferecido. Então, uma ampulheta silenciosa é disparada: todo esse processo irá resultar em tantos discursos quantas forem as pessoas nele envolvidas. Os discursos

---

<sup>29</sup> Julgo que em ambas as escolas os adolescentes sofrem influências e negociam o que vai ao ar, aceitam e refutam o que vêem de maneira semelhante. As diferenças são pontuais e apontá-las, mesmo num estudo de caso, seria mais um preciosismo do que uma evidência na pesquisa.

que ganharem destaque em todo esse processo irão de alguma forma modelar o pensamento e o comportamento da audiência. Dessa forma, o comportamento amoroso desses jovens poderá ser modelado por um desses discursos resultantes da mediação, da aprendizagem: “como as pessoas se relacionam e se conhecem”. Caberá a cada jovem ajustar ora o discurso em sua vida, ora sua vida no discurso.

### 3.1.6.3 Clandestinidade adolescente

*Qual o clã desse menino clandestino,*

*Qual o clã?*

*(Chico César)*

Quero falar das práticas ocultas, das ações “ilegais” praticadas pelos adolescentes aqui considerados e que infringem a ordem social vigente, os costumes. Essas práticas ocultas (raras vezes tornadas públicas) denunciam uma clandestinidade que parece operar, sobremaneira, nas relações amorosas desses adolescentes.

Ao comentar a primeira cena mostrada no grupo focal da escola particular, aquela em que Cauã e Manuela se encontram presos no interior de uma cratera, e, devido às circunstâncias, acontece um beijo proibido entre eles (pois Manuela tem um namorado), o adolescente Rpart. deixa uma pista, através de seu discurso, da clandestinidade que opera em seu mundo real. Rpart. diz que se ele estivesse no lugar do namorado da Manuela, Eduardo, ficaria chateado ao saber do beijo dado na cratera. Mas... e é isso que é revelador, ao inverter, ele mesmo, a situação, isto é, ao se colocar no lugar do Cauã, ele afirma: “mas no lugar do Cauã eu gostava”.

Diante desta fala, o que me vem à mente é uma infração milenar, que apesar de advertida no livro sagrado dos cristãos há mais de dois mil anos, gravada em pedra e disposta entre um dos decálogos divinos, continua insolúvel, latejando eternamente nas cabeças religiosas e profanas: “Não cobiçarás a mulher do próximo”. A origem deste mandamento é, por certo, muito mais antiga, pois se este mandamento data da época de Moisés é porque a mulher do próximo vinha sendo cobiçada anteriormente, criando conflitos sociais mais longínquos do que se possa imaginar. É possível, pois, pensar o adultério como uma herança atávica.



Mesmo que o atavismo de Rpart. não seja validado aqui, uma vez que falo em nome da “possibilidade” e não disponho de apoio de antropólogos ou sociólogos acerca dessa herança atávica, mesmo que eu seja tentado a ver aí uma hipótese válida para meu propósito, o discurso desse adolescente me credencia a supor que numa situação real, numa situação da sua “cotidianidade”, no sentido empregado por Martín-Barbero, ele não hesitaria em lançar mão de duas verdades: a primeira diz respeito à boa convivência, aos bons costumes. Essa verdade afirma que é preciso respeitar uma mulher comprometida, posto que ele mesmo não gostaria de ser traído. A segunda verdade diz respeito às urgências do amor. Essa segunda verdade afirma que, observada as circunstâncias, é possível “ficar/namorar” a mulher do próximo. Se lembrarmos-nos das condições ideais do amor, daremos razão a Freud uma vez mais.

Mover-se no limbo da clandestinidade é muitas vezes fazer brilhar a liberdade, desejando um brilho perene, mas em momento algum descartando o brilho efêmero. Aliás (e os apaixonados amariam ler isto), minha observação acerca do universo ficcional das telenovelas e também no cotidiano concreto onde vivo me leva a crer que a efemeridade clandestina é o que há de mais perene nas relações amorosas e, de uma maneira muito especial, nas proibidas. Deixarei aqui, como um exercício para o leitor *não apaixonado*, o problema de se compreender a importância vital da efemeridade clandestina nas relações amorosas permitidas e proibidas. Ao leitor apaixonado, deixarei uma dieta para repor as energias. Ele já se exercitou em demasia.

De modo geral, o que é proibido desperta em qualquer idade uma atração, um fascínio, um desejo de desafiar tal proibição. Assim, pisa-se a grama, para o desespero do jardineiro; beija-se no shopping, para o desagrado dos seguranças; dirige-se alcoolizado, para a preocupação dos pais; cobiça-se a mulher do próximo, para a tristeza do marido... e a alegria dos amantes!

Os exemplos são muitos. Não é difícil perceber que as regras sociais são linhas imaginárias que separam por afinidade as pessoas, criando grupos distintos: os que aplicam as regras para si e para os outros; os que aplicam apenas para os outros; os que não aplicam regra alguma pré-estabelecida, mas inventam a todo instante novas regras; os que, munidos de uma hermenêutica singular, causam-nos surpresas agradáveis e desagradáveis, conforme se lhes dá a interpretação dos códigos sociais.

Linhas imaginárias não são vistas a olho nu. Desconfio de que exista um número expressivo de pessoas que mesmo auxiliadas por lentes de aumento poderosas a lhes ampliar o pensamento, compreenderiam muito pouco o que se passa em volta.

Essas pessoas pouco ou nada compreendem sobre as forças que as movem por se deixarem absorver pelas urgências da vida, pela instantaneidade dos acontecimentos, por tudo aquilo que se faz visível no presente, no agora. Esse foco no imediatismo constitui-se como antolho que, privando a visão, leva as pessoas a cometerem incoerências de toda sorte.

Os jovens pesquisados, muito embora possam surpreender na elaboração de pensamentos, no uso das palavras e na forma de suas ações, trazem consigo uma boa dose de coragem, mas são desprovidos de experiência. Coragem sem experiência pode render um romance, mas dificilmente renderá um romance coerente, isto é, científico. Mas não é a História (a ciência, portanto) que prova que a vida não é mais que a alternância de ações coerentes e incoerentes? Guerra e paz, religião e poder, direito e dinheiro, acordos, desacordos, amor, ódio, vingança...

Assumindo a vida como o espaço onde ações coerentes e incoerentes coexistem, é possível vislumbrar um dos papéis da ciência: dar coerência à vida através de teorias que visam explicar os fenômenos. Mas uma vida totalmente coerente, científica, explicada, não tocaria as instâncias do artificial, ou, no dizer de Morin, não seria loucura?! É justamente nesse sentido que afirmo ser esta dissertação não uma produção de verdade, mas uma aproximação do fenômeno que me propus estudar.

Analisando os dados de tal estudo, por exemplo, na ocasião do grupo focal realizado na escola particular, os adolescentes, quando perguntados se deixariam suas filhas de treze ou catorze anos ficarem a sós com supostos namorados, responderam em uníssono com um grande e sonoro “não”. “Principalmente se ele [o suposto namorado] fosse mais velho (Hpart). Antes, porém, desta pergunta, uma outra havia sido feita: “E aí, quando o pai da menina não deixa [namorar] o que acontece?” Rpart. responde: “Ah, daí é escondido”.

Disso depreende-se que, na qualidade de pais, os rapazes não deixariam suas filhas adolescentes sozinhas com seus respectivos namorados. Na qualidade de namorados, namorariam escondidos, clandestinos. Conforme os bons costumes, os rapazes parecem saber cumprir o papel de pai. Entretanto, contrariando os bons costumes, reclamam para si o papel de adolescentes, corajosos, românticos, inconseqüentes e encontram na clandestinidade de seus atos o sabor da liberdade.

Num ponto equidistante entre a clandestinidade e a publicidade adolescente, ou seja, entre o proibido e o permitido que eles se delegam, é possível obter uma pequena amostra do uso que eles fazem das imagens que consomem. Através das ferramentas

metodológicas empregadas nesta pesquisa, foi possível notar que os adolescentes tanto aprovam quanto reprovam o comportamento dos pares românticos levados ao ar em *Malhação*.

Ao comentar sobre o término do namoro entre os personagens de *Malhação*, Manuela e Eduardo, Gpart. usa de empatia para confirmar o que vê na TV: “Quando tu gosta muito da menina e ela vem e te dá um pé na bunda tu fica bem assim”. Entretanto, tal confirmação não acontece no comentário de outra cena mostrada no grupo focal da escola particular. Hpart., diante da cena mostrada, onde Roberta pede Cleiton em namoro, mostra toda sua desconfiança: “Nossa! Isso aí é uma em mil, foi bem fictícia”.

Também na escola pública, ao comentar a primeira cena mostrada na discussão em grupo e analisar a postura da personagem Manuela, Mpub. Avalia: “pra mim, pelo que eu vejo assim, não, não acontece. A pessoa dá um tempo ali, fala que tem que acabar com o namorado, isso não acontece”. Logo, Mpub rejeita a cena. Ocorre, porém, que é a mesma adolescente que confirma que *Malhação* “se parece com a vida da gente” e cita um exemplo:

Na sala de aula. Esses dias eu tava vendo *Malhação*, eu tava vendo a professora sair da sala... Não. Na hora que ela tava chegando, que tinha acabado de bater o sinal todo mundo jogando bolinha de papel, né?, desenhando no quadro... Eu tava lembrando que às vezes eu faço isso, de escrever no quadro, né? O pessoal começa a tacar bolinha de papel... eu acho legal (risos) Ah, não legal, mas eu achei engraçado, eu comecei a dar risada, não tem? Lembrar da... Eu achei legal: ‘o, legal, amanhã tem aula, amanhã eu vou fazer isso’ (risos)

Todas essas falas podem ser tomadas como exemplos vivos de mediação. Confirmar ou infirmar o que se vê, no plano discursivo, é tornar visível algo que está além da criticidade: o uso que se faz do que vai ao ar. E é justamente nisso que reside toda a dificuldade dessa pesquisa, posto que para além do discurso dos adolescentes pesquisados muitas outras negociações podem acontecer. Outra vez a imagem do fractal, que muda de cor e continuará mudando conforme forem as matizes da negociação. Um cataclismo na produção de sentidos.

Assim, tomando como exemplo o discurso de Mpub. transcrito linhas acima, torna-se, para mim, perfeitamente plausível pensar que Mpub, por razões pessoais (charme, insegurança, pressa, medo, etc.) poderá agir de forma semelhante à personagem Manuela. Talvez outra pesquisa pudesse aprofundar melhor esse ponto.

## **4 EDIÇÃO**

### **4.1 O que foi ao ar**

Aqui neste ponto eu deveria concluir. Deveria. Penso, porém, que concluir seria quebrar as setas com as quais o meu texto se insere nos estudos em recepção. Pelas setas do coração, mas que ferem, deverão se lançar outros pesquisadores a fim de aprofundarem o que me propus analisar parcialmente, como quem junta as primeiras peças de um quebra-cabeça.

Indubitavelmente, a complexidade intrínseca aos poréns do amor e do consumo, à luz das teorias da recepção, não poderia se esgotar nesta dissertação. Isso porque cada ponto privilegiado na pesquisa penetra num mundo de penumbras, num mundo que acolhe menos o explorador que caminha a passos largos do que o explorador que tateia cuidadosamente.

Assim, perscrutar o consumo de imagens, considerando a audiência de dois grupos de adolescentes, que produzem significados ora distintos, ora semelhantes, sobre temas delicados como amor, relação, sexo e preconceito, implica num trabalho artesanal. Habilidade, paciência, tempo e experiência são precondições para um bom artesão.

Por entender o trabalho intelectual como um artesanato refinado, deixo aqui apenas a matéria-prima e algumas ferramentas como estímulo a outros artesãos acadêmicos. O resultado final, que poderá ser a composição de livros científicos ou obras de arte, muito me alegrará, “nem tanto pelo encanto da palavra, mas pela beleza de se ter a fala”<sup>30</sup>. Contudo, foi através da palavra que quis me aproximar de meu objeto de estudo. A beleza da fala da pesquisa ficará como um ideal.

Julguei necessário mostrar aqui algumas concepções da palavra amor. Assumi, para a realização deste trabalho, que o amor é um acordo e constitui-se como uma experiência única, não cumulativa. Mostrei também algumas peculiaridades da relação amorosa dos adolescentes que se dispuseram a participar desta pesquisa, como ficar/namorar, a emergência do amigo-namorado e a transgressão na relação.

Também me foi possível suspeitar de que o sexo entre esses adolescentes é verbal, ou seja, há uma conversa constante sobre o sexo, mas não foi obtido nenhum indício de prática sexual. Não obstante, a sedução, sobretudo das meninas, aflora com notável pujança.

Foi possível constatar que os rapazes aprovam a homossexualidade feminina e reprovam a masculina. Em contrapartida, as meninas aprovam a homossexualidade masculina e reprovam a feminina. Coexistem, então, duas verdades: aprovação e rejeição em relação à homossexualidade. De modo geral, vê-se uma certa aceitação ao movimento *gay*, que nos últimos anos conquistou direitos significativos como adoção, casamento civil, partilha de bens, etc.

Não me foi possível responder porque a fidelidade constituiu-se como um traço psíquico com poder de atração para os adolescentes de ambas as escolas pesquisadas. Talvez estudos futuros venham expressar opiniões mais balizadas acerca de tal problema.

---

<sup>30</sup> Referência à música “O maior Mistério”, de Renato Teixeira.

A substituição, por parte dos pais, do medo antigo de a filha não ser mais virgem pelo medo da gravidez indesejada e das doenças também ficou evidente nesta pesquisa.

O preconceito em relação ao “fora do padrão” e o preconceito em relação à cor, também se constituíram como obstáculos às relações amorosas desses jovens. Nesse sentido, constatei que frente às carícias dos adultos existe certo constrangimento por parte dos adolescentes.

No que diz respeito ao consumo das cenas de Malhação, os jovens se demonstraram críticos, mantendo um distanciamento entre o mundo ficcional da telenovela e o mundo real por onde se movem. Talvez por isso, acusaram uma pedagogia midiática e deram notícias de um mundo clandestino, um mundo de ações controversas, práticas que contrariam os códigos sociais vigentes, mas que, apesar de tudo, revelam-se em práticas que visam à liberdade.

#### 4.1 Últimas imagens

Eu gostaria ainda de puxar alguns fios, não para amarrá-los, mas para acusar o balanço com que se entregam ao vento.

Cenas de amor, preconceito, relação amorosa e sexo<sup>31</sup> são veiculadas em Malhação. Independente do perfil sócio-econômico dos dois grupos de adolescentes, o consumo dessas cenas se mostrou muito semelhante pela audiência em questão. Isso sugere que no plano amoroso, na maneira de amar, a interferência do meio onde a relação amorosa se dá não é uma força determinante. O mito do amor é comum a todos.

---

<sup>31</sup> Refiro-me às cenas de conversa sobre sexo, não de sexo em si.

Se Morin (2003) está certo em afirmar que “não se pode viver sem mitos, e eu incluiria, entre os ‘mitos’, a crença no amor, um dos mais nobres e poderosos e, talvez, o único mito ao qual deveríamos nos apegar”, talvez seja possível afirmar também que o apego ao amor desconsidere as condições sócio-econômicas dos amantes. Assim, o consumo das cenas amorosas de *Malhação* pelos adolescentes da escola particular e da escola pública, traduz-se num esboço de uma produção de sentido que, de certa forma, torna os dois grupos de adolescentes, neste ponto, bastante semelhantes.

Tanto na escola particular, quanto na escola pública, os adolescentes acreditam e desconfiam do que assistem, aprendem “lições” parecidas, negociam com a moeda da juventude paisagens românticas que se deslindam pelos trilhos líquidos por onde deslizam suas vidas.

Por fim, a julgar pelas respostas obtidas dos dois grupos de adolescentes pesquisados, estou inclinado a pensar que este estudo entrou em contato com uma audiência muito ativa, isto é, uma audiência produtora de sentidos. Ao consumir as cenas de *Malhação*, essa audiência dá mostras de que produz novos significados, posto que a tensão negociadora de aceitar/rejeitar, em todo ou em parte, as cenas românticas, implica em formular, reformar, resgatar e acrescentar novos discursos e, conseqüentemente, novas práticas individuais e coletivas.

Embora eu não tenha encontrado certezas indelévels, percebi indícios de que os adolescentes pesquisados fazem uma mediação entre as relações amorosas das cenas mostradas em *Malhação* e as relações amorosas de suas vidas reais. É possível, então, que a telenovela *Malhação*, situada nas instâncias do entretenimento, desempenhe uma força pedagógica em algo não pedagógico, ou seja, no amor. A telenovela não ensina a amar, mas oferece situações muito próximas da vida real desses jovens, que, a partir do que assistem, dão início a uma variedade de discursos sobre o amor, sobre as relações amorosas nas quais ferem e curam seus corações.

Quanto às relações amorosas, “nunca se sabe se o que chamamos de amor é desamparo, solidão doentia ou desejo incontrolável de dominação” (TREVISAN, 1997). E é nesse lugar, no não-saber, que se ergue o mito do amor entre os jovens... entre os adultos... entre os idosos... Não importa a idade. Uma vez envolvido pelo mito do amor, o amante precisa devorar o amado, ser devorado por ele, ou lamentar, na solidão de seus dias, por não ter se permitido à devoração. Quem ama pode até não

saber explicar, mas compreende bem os sinais do seu objeto de desejo :“Teus sinais, me confundem da cabeça aos pés, mas por dentro eu te devoro!”<sup>32</sup>

## 5 PRODUÇÃO

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais**. São Paulo: Verus Editora, 2005.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

ANTUNES, Celso. **Como transformar informações em conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2001 (Coleção na sala de aula – 2).

---

<sup>32</sup> Referência à música “Eu te devoro”, de Djavan.



ARIÉS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação: polêmicas do nosso tempo**. Campinas: Autores associados, 2001 (Coleção Polêmicas do nosso tempo – 78).

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução**. Trad. José Lino Grünnewald. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

COGO, Denise; GOMES, Pedro Gilberto. **Televisão, escola e juventude**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O mito na sala de jantar: leitura interpretativa do discurso infanto-juvenil sobre televisão**. Porto Alegre: Movimento, 1993.

\_\_\_\_\_. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1999.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise e contribuições à psicologia do amor.** Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso.** Tradução de Sérgio Faraco. 8. ed. Porto Alegre: L&PM, 1999.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado: a sociedade na telenovela.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

JACKS, Nilda. **Tendência latino-americanas nos estudos da recepção.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 5 nov. 1996 semestral. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/5/nilda\\_jacks.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/5/nilda_jacks.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2007.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação.** Trad. de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito.** Petrópolis: Vozes, 1986.

LINS, Regina Navarro; BRAGA, Flávio. **Fidelidade obrigatória e outras deslealdades.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

MAGALDI, Sylvia. **A TV como objeto de estudo na educação: idéias e práticas.** In: FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. 349p. (Tese, Doutorado)

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MATTIUZZI, Alexandre A. **Mitologia ao alcance de todos – os deuses da Grécia e Roma antigas.** São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

MORÁN, José Manuel. **O vídeo na Sala de Aula**. In: Comunicação e Educação, São Paulo: (2): 27 a 35, jan./abr.1995.

MOTTER, Maria Lourdes. **Telenovela e educação: um processo interativo**. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: Editora Segmento, n. 17, jan./abr. de 2000. p. 54-60.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Amor, poesia, sabedoria**. Tradução: Edgar de Assis Carvalho. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e escola: conflito ou cooperação?** São Paulo: Cortez, 2000.

PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. **Gerundismo e Gerúndio**. Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=104&rv=Gramatica>>. Acesso em: 1 ago. 2003.

PLATÃO. **Banquete**. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. Tradução: Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2003.

SANTO, Ruy Cezar do Espírito. **Pedagogia da Transgressão: um caminho para o autoconhecimento.** São Paulo: Papyrus, 1996.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução de Milton Camargo Mota. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A Metafísica do Amor.** In Coleção A Obra Prima de Cada Autor. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** Tradução: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TREVISAN, João Silvério. **Troços e Destroços.** Rio-São Paulo: Record, 1997.

VEYNE, Paul. **Acreditaram os gregos nos seus mitos?** Tradução: António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1983.

## ANEXOS

ANEXO A – Descrição das cenas mostradas no grupo focal

Cena 1

Cauã e Manuela se encontram isolados dentro de uma cratera numa fazenda. Cauã caiu primeiro na cratera e machucou o pé, por isso não consegue subir. Manuela, ao tentar ajudá-lo, também cai no buraco e os dois passam a noite aí. Cauã diz que é louco por ela e os dois se beijam na boca. Manuela diz que isso está errado, pois ela namora o Eduardo e pede para Cauã não beijá-la mais até que ela resolva a situação.

#### Cena 2

De volta às acomodações da fazenda, Manuela conversa com Eduardo e propõe o término do namoro. Eduardo, desesperado, tenta uma reconciliação, mas Manuela diz que não é apaixonada por ele e que não vale à pena insistir nesse erro.

#### Cena 3

Esta cena mostrada é na verdade a junção de duas cenas do mesmo capítulo. Na primeira, diante de um “poço dos milagres”, Cleiton joga uma moeda e faz um pedido. Roberta se aproxima dele e pergunta qual foi o pedido que ele fez. Ele não revela. Roberta diz que ficou preocupada com ele, pois ele poderia ter se machucado ao ajudar Cauã e Manuela a saírem da cratera. Comovido e surpreso com a preocupação da Roberta, Cleiton diz que pediu ao poço ela, Roberta. Os dois se beijam na boca. Na segunda cena, Cleiton espera Roberta na lanchonete do Colégio Múltipla Escolha, local onde ambos estudam. Roberta chega e Cleiton a cobre de elogios. Ele diz que achava que ela morria de vergonha do negão do morro que ele é. Mas Roberta diz não ter vergonha alguma dele e diz que ele pode cumprimentá-la na frente de todo mundo. Roberta também diz que se ele quiser eles podem “ficar pra valer” e o pede em namoro.

#### Cena 4

As três cenas mostradas foram ao ar na seqüência. Primeira cena: na casa do Formigão, ele e a Cigarra conversam amorosamente no sofá, na presença do Lucas, filho do Formigão. Quando Lucas vai dormir, cigarra lembra que Cauã, filho adotivo de Formigão, e Manuela, filha adotiva da Cigarra, estão a sós no apartamento ao lado namorando e beijando. Então, Cigarra e Formigão se beijam na boca.

Segunda cena: Cauã e Manuela se beijam no sofá, na casa da Cigarra. Manuela pede para o Cauã “segurar a onda” na frente das pessoas, porque acabou de terminar com Eduardo. Cauã concorda, apesar de não achar que Eduardo mereça qualquer consideração. Manuela lembra que namorar escondidinho é bom. Cauã concorda e a beija novamente.

Terceira cena: Na casa de Formigão, ao lado, os beijos continuam. Ele pede pra namorar com a Cigarra, mas ele se pergunta sobre a reação dos filhos. Então Formigão pergunta se eles não podem namorar escondidinhos. A Cigarra concorda e diz que gostava de namorar escondidinho. Os dois se beijam novamente.

## ANEXO B – Resultado do questionário aplicado nas escolas pública e particular

Legenda: PA = Padre Anchieta; CE = Colégio Energia

### **PA:1) Sexo:**

feminino: 12;      masculino: 16      Total: **28 adolescentes pesquisados.**

### **CE:1) Sexo:**

feminino: 7;      masculino: 18      Total: **25 adolescentes pesquisados.**

**PA:2) Idade:**

5 alunos com 13 anos; 8 alunos com 14 anos; 8 alunos com 15 anos; 4 alunos com 16 anos; 2 alunos com 17 anos; 1 aluna com 18 anos.

**CE:2) Idade:**

12 alunos com 13 anos; 11 alunos com 14 anos; 1 aluno com 15 anos; 1 aluna com 21 anos.

**PA:3) Natural de Florianópolis:**

20 alunos nascidos na capital; 8 nascidos em outra localidade.

**CE:3) Natural de Florianópolis:**

9 alunos nascidos na capital; 16 nascidos em outra localidade.

**4) Pergunta excluída do questionário antes da aplicação do mesmo.****PA:5) Já viajou para algum outro país?**

Os 28 alunos não viajaram.

**CE:5) Já viajou para algum outro país?**

16 alunos já viajaram; 9 alunos não viajaram.

**PA:6) Já viajou para algum outro estado brasileiro?**

14 alunos já viajaram; 14 alunos não viajaram.

**CE:6) Já viajou para algum outro estado brasileiro?**

24 alunos já viajaram; 1 aluno não respondeu.

**PA:7) Esportes que pratica com frequência:**

Futebol: 14 votos

Vôlei: 14 votos

Natação: 3 votos

Dança, Skate e Tênis: 2 votos cada

Nenhum esporte: 2 votos

Caminhada: 1 voto.

**CE:7) Esportes que pratica com frequência:**

Futebol: 12 votos

Vôlei: 6 votos

Tênis: 5 votos

Basquete: 5 votos

Arte marcial: 3 votos

Musculação: 3 votos

Natação: 2 votos

Atletismo: 2 votos

Skate; Surf; pingue-pongue; hipismo; caminhada: 1 voto cada.

Nenhum esporte: 1 voto

Não respondeu: 1 aluno

**PA:8) Qual o meio de comunicação mais usado por você para obter informações?**

TV: 24 votos

Jornal: 13 votos

Internet: 12 votos

Rádio: 10 votos

Revista: 6 votos

**CE:8) Qual o meio de comunicação mais usado por você para obter informações?**



TV: 20 votos

Internet: 18 votos

Revista: 5 votos

Jornal: 4 votos

Rádio: 2 votos

**PA:9) Qual o estilo de música que você ouve?**

Hip hop: 22 votos

Funk: 17 votos

Pagode e rap: empataram com 15 votos cada um

Rock e pop: 9 votos

Reggae: 7 votos

Samba: 5 votos

Axé : 4 votos

Sertanejo, Blues, MPB e Hard Rock: 2 votos cada.

Música clássica: 1 voto

Marcha e Chorinho: zero voto

**CE:9) Qual o estilo de música que você ouve?**

Rock: 19 votos

Hip hop: 16 votos

Pop; rap; MPB e Tecno: empataram com 12 votos cada um

Funk: 10 votos

Reggae: 9 votos

Pagode e hard rock: 8 votos cada um

Blues: 5 votos

Samba: 4 votos

Axé e sertanejo: 3 votos cada um

Música clássica: 2 votos.

Marcha: 1 voto

Chorinho: zero voto

**PA:10) Quantos aparelhos de televisão tem na sua casa?**

1 aluno tem mais de cinco aparelhos.

1 aluno tem cinco aparelhos.

Nenhum aluno tem quatro aparelhos

6 alunos têm três aparelhos

17 alunos têm dois aparelhos

2 alunos tem um aparelho

**CE:10) Quantos aparelhos de televisão tem na sua casa?**

5 alunos têm mais de cinco aparelhos.

4 alunos tem cinco aparelhos

9 alunos têm quatro aparelhos

3 alunos tem três aparelhos

2 alunos tem dois aparelhos

2 alunos tem um aparelho

**PA:11) Na sua casa tem TV a cabo?**

7 alunos têm TV a cabo; 19 alunos não têm TV a cabo.

**CE:11) Na sua casa tem TV a cabo?**

25 alunos têm TV a cabo (ou seja, todos possuem TV a cabo)

**PA:12) Das emissoras abaixo, qual a que você mais assiste?**

Rede Globo: 23 votos

SBT: 11 votos

Rede Record: 9 votos

TV Cultura: 4 votos

Mix TV: 3 votos (Esta opção foi incluída pelos alunos. Não constava no questionário).

Rede Bandeirantes: 2 votos

MTV Brasil e Rede TV: 1 voto cada

TVE Brasil; TV Gazeta; CNT; Rede Mulher e Canal Universitário: zero voto.

**CE:12) Das emissoras abaixo, qual a que você mais assiste?**

Rede Globo: 21 votos

MTV Brasil: 8 votos

SBT: 3 votos

TV Cultura; Rede Record e Rede TV: 1 voto cada uma

TVE Brasil; Rede Bandeirantes; TV Gazeta; CNT; Rede Mulher e Canal Universitário:  
zero voto.

**PA:13) O que você mais gosta de assistir na TV?**

Filme: 24 votos.

Novela: 14 votos.

Desenho: 13 votos.

Telejornal: 4 votos

Programa de auditório: 1 voto

Propaganda: 3 votos

**CE:13) O que você mais gosta de assistir na TV?**

Filme: 20 votos.

Novela: 10 votos.

Desenho: 9 votos.

Telejornal: 7 votos

Programa de auditório: 5 votos

Propaganda: zero voto

**PA:14) Qual a novela que você mais assistiu no ano passado (2006)? (Marque apenas uma)**

**Obs.: 12 alunos marcaram várias novelas; uma aluna disse não conhecer novela alguma.**

Malhação (Globo): 14 votos

Páginas da Vida (Globo): 9 votos

Cobras & Lagartos (Globo): 6 votos.

Bang Bang (Globo) e Belíssima: 4 votos cada uma.

América (Globo); Alma Gêmea (Globo) e Vidas Opostas: 2 votos.

Bicho do Mato (Record); O Profeta (Globo): 1 voto cada uma

**CE:14) Qual a novela que você mais assistiu no ano passado (2006)? (Marque apenas uma)**

**Obs.: 12 alunos marcaram várias novelas; uma aluna disse não conhecer novela alguma.**

Malhação (Globo): 11 votos

Cobras & Lagartos (Globo): 9 votos

Bang Bang (Globo); Páginas da vida (Globo); Pé na Jaca (Globo): 6 votos cada uma

América (Globo): 5 votos

Belíssima (Globo): 3 votos

Alma Gêmea (Globo); O Profeta (Globo): 2 votos cada uma

Floribella (Bandeirantes); Rebelde (SBT); Sinhá Moça (Globo): 1 voto cada uma

**PA:15) Você assistiu Malhação no ano passado?**

23 alunos assistiram; 5 alunos não assistiram.

**CE:15) Você assistiu Malhação no ano passado?**

18 alunos assistiram; 7 alunos não assistiram.

**PA:16) Continua assistindo Malhação?**

22 alunos continuam assistindo; 6 alunos não assistem mais.

**CE:16) Continua assistindo Malhação?**

13 alunos continuam assistindo; 12 alunos não assistem mais

**PA:17) Quantas vezes por semana você assiste Malhação?**

Nenhuma vez: 6 alunos.

Cinco vezes: 7 aluno.

Quatro vezes: 5 alunos.

Três vezes: 6 alunos.

Duas vezes: 2 alunos

Uma vez: 1 aluno

**Obs.: Um aluno não respondeu a questão.**

**CE:17) Quantas vezes por semana você assiste Malhação?**

Nenhuma vez: 9 alunos.

Cinco vezes: 1 aluno.

Quatro vezes: 3 alunos.

Três vezes: 6 alunos.

Duas vezes: 5 alunos

Uma vez: 1 aluno

**PA:18) O que tem na Novela Malhação que faz você assisti-la?**

a) Presença de jovens (4 alunos afirmaram isso)

b) Romance (3 alunos afirmaram isso)

c) Retrata a adolescência.

d) Não assiste porque a história é sempre a mesma.

e) Os personagens, os lugares mostrados, as músicas, os casais.

f) garotos bonitos.

g) temas bacanas (leucemia, temas divertidos)

h) Pessoas engraçadas, esportes e como as pessoas se comunicam.

- i) Boas histórias, encrencas.
- j) Mostra casos da vida real e ensina a enfrentá-los.
- l) fala sobre a amizade.
- m) o horário.
- n) É a novela que parece ser mais real, se parece mais com a gente.
- o) mulheres bonitas.
- p) tramas interessantes.
- q) os jovens
- r) O centro de judô.
- s) Drama e confusão.
- t) Para jovens
- u) engraçada.
- v) a história da novela.

**CE:18) O que tem na Novela Malhação que faz você assisti-la?**

- a) três alunos não responderam a questão.
- b) Vida sobre jovens e adolescentes (rolo, namoro, briga). 4 alunos confirmaram isso.
- c) Coincide com o horário que o aluno vê TV. 3 alunos confirmaram isso.
- d) “Não sei”. 3 alunos confirmaram isso.
- e) Atualidade
- f) Histórias iguais e idiotas. Assisto para rir.
- g) Problemas entre amigos e inveja
- h) Diferente realidade da adolescência.
- i) Programa jovem que aborda assunto do meu interesse.
- j) A maioria dos atores adolescentes e é uma novela divertida.
- l) O vocalista da banda.
- m) Diversão.

**PA:19) Qual o personagem de Malhação com o qual você se identificou em 2006?**

Manuela, João, Siri, Cabeção, Cauã, Kiko, Jaque e Rafa.

**CE:19) Qual o personagem de Malhação com o qual você se identificou em 2006?**

Cauã, Manuela, André, Urubu, João, Cabeção

**PA:20) Você aprendeu algo assistindo Malhação?**

7 alunos disseram que **não aprenderam**; 18 alunos disseram que **aprenderam**.

**Obs.: 3 alunos não responderam a questão.**

**CE:20) Você aprendeu algo assistindo Malhação?**

20 alunos disseram que **não aprenderam**; 5 alunos disseram que **aprenderam**.

**PA:21) O que você aprendeu assistindo Malhação?**

- a) Ser honesto.
- b) que fazer o mal não levará a nada (3 alunos disseram isso)
- c) que não podemos desistir dos nossos sonhos.
- d) Ser mais adolescente; maturidade
- e) Como as pessoas se relacionam e se conhecem.
- f) questão racial; sobre a violência; importância da água.
- g) Triunfo do bem sobre o mal.
- h) Nada
- i) que vingança não leva a nada; ajudar os amigos.
- j) Não importa o que você faz para as pessoas, sempre dá tempo de voltar atrás.
- l) Os pensamentos dos jovens e o seu modo de se expressar.
- m) que no final de tudo, perdoar é o essencial da vida.

**CE:21) O que você aprendeu assistindo Malhação?**

- a) Como chegar nas garotas.
- b) Valores e comportamento.
- c) Sobre a falsidade.
- d) Nada. E eu não entendo porque tanta gente vê essa merda!
- e) Coisas com adolescentes e com meninas.

**PA:22) Já usou alguma roupa ou acessório que os personagens de Malhação usam?**

**14** alunos disseram que **não usaram**; **14** alunos confirmaram que **já usaram**.

**CE:22) Já usou alguma roupa ou acessório que os personagens de Malhação usam?**

**22** alunos disseram que **não usaram**; **3** alunos confirmaram que **já usaram**.

**PA:23) Você fala as gírias que os personagens de Malhação falam?**

23 alunos disseram que falam pouco.

3 alunos disseram que nunca.

2 alunos disseram que falam muito.

**CE:23) Você fala as gírias que os personagens de Malhação falam?**

13 alunos disseram que nunca.

11 alunos disseram que falam pouco.

1 aluno disse que fala muito.

**PA:24) A vida dos personagens de Malhação se parecem com a sua?**

**Obs.: um aluno não respondeu.**

15 alunos disseram que não tem nada a ver.

9 alunos disseram que pouco.

4 alunos disseram que muito.

**CE:24) A vida dos personagens de Malhação se parecem com a sua?**

**Obs.: um aluno não respondeu.**



14 alunos disseram que não tem nada a ver.

10 alunos disseram que pouco.

Nenhum aluno disse que muito.

**PA:25) O seu colégio é parecido com o Colégio Múltipla Escolha?**

27 alunos disseram que não; 1 aluno disse que sim.

**CE:25) O seu colégio é parecido com o Colégio Múltipla Escolha?**

**Obs.: um aluno não respondeu.**

22 alunos disseram que não; 2 alunos disseram que sim.

**PA:26) Já se apaixonou por algum personagem de Malhação?**

**Obs.: dois alunos não responderam.**

20 alunos disseram que não; 6 alunos disseram que sim.

**CE:26) Já se apaixonou por algum personagem de Malhação?**

**Obs.: um aluno não respondeu.**

22 alunos disseram que não; 2 alunos disseram que sim.

**PA:27) A televisão influencia de alguma forma a sua vida?**

**Obs.: Um aluno não respondeu.**

22 alunos disseram que sim; 5 alunos disseram que não.

**CE:27) A televisão influencia de alguma forma a sua vida?**

21 alunos disseram que sim; 4 alunos disseram que não.

**PA:28) A novela Malhação já influenciou de alguma forma a sua vida?**

**Obs.: um aluno não respondeu.**

14 alunos disseram que não; 13 alunos disseram que sim.

**CE:28) A novela Malhação já influenciou de alguma forma a sua vida?**

**Obs.: um aluno não respondeu.**

23 alunos disseram que não; 1 aluno disse que sim.

**PA:29) Seus pais permitem que você namore?**

20 alunos disseram que sim; 5 alunas disseram que não.

**Obs.: Uma aluna escreveu que não sabe; uma aluna escreveu “mais ou menos”; uma aluna escreveu “depende com quem”.**

**CE:29) Seus pais permitem que você namore?**

24 alunos disseram que sim; Uma aluna disse que não.

**PA:30) Já ficou com alguém?**

25 alunos responderam que “sim”; dois **alunos** responderam que “não”.

**Obs.: Um aluno na respondeu.**

**CE:30) Já ficou com alguém?**

24 alunos responderam “sim”; uma aluna respondeu “não”.

**PA:31) Já namorou com alguém?**

16 alunos responderão “não”; 10 alunos responderam “sim”.

**Obs.: Dois alunos na responderam.**

**CE:31) Já namorou com alguém?**

14 alunos responderão “não”; 10 alunos responderam “sim”.

**PA:32) Para uma pessoa atrair você ela precisa ter os seguintes traços (marque quantos quiser)**

Traços psíquicos: (votos)

**Legenda:**

**Alegre** \_\_\_\_\_ **25**

**Amiga** \_\_\_\_\_ **24**

**Fiel** \_\_\_\_\_ **23**

**Divertida** \_\_\_\_\_ **23**

**Compreensiva** \_\_\_\_\_ **16**

**Inteligente** \_\_\_\_\_ **13**

**Agitada** \_\_\_\_\_ **10**

**Esportista** \_\_\_\_\_ **6**

Culta \_\_\_\_\_ 3

Infiel \_\_\_\_\_ 0

Parada \_\_\_\_\_ 0

Depressiva \_\_\_\_\_ 0

Triste \_\_\_\_\_ 0

Violenta \_\_\_\_\_ 0

Falsa \_\_\_\_\_ 0

Traiçoeira \_\_\_\_\_ 0

Fofoqueira \_\_\_\_\_ 0

**Vermelho: traços determinantes**

**Azul: traços significativos**

**Verde: traços leves**

Preto: traços imperceptíveis

Traços físicos:

**Bonita** \_\_\_\_\_ **20**

**Cabelo comprido** \_\_\_\_\_ **10**

<b>Olho azul</b> _____	<b>10</b>
<b>Morena</b> _____	<b>10</b>
<b>Magra</b> _____	<b>9</b>
<b>Loira</b> _____	<b>9</b>
<b>Olho verde</b> _____	<b>8</b>
<b>Olho castanho</b> _____	<b>6</b>
Alta _____	5
Olho preto_____	4
Baixa_____	3
Forte _____	2
Tatuada_____	2
Musculosa_____	2
Cabelo curto_____	2
Careca_____	1
Feia _____	0
Gorda _____	0

Traços sociais

Rica _____	2
Pobre _____	2

**CE:32) Para uma pessoa atrair você ela precisa ter os seguintes traços (marque quantos quiser)**

Traços psíquicos: (votos)

<b>Fiel</b> _____	<b>20</b>
<b>Divertida</b> _____	<b>20</b>
<b>Alegre</b> _____	<b>20</b>
<b>Amiga</b> _____	<b>18</b>

**Vermelho: traços determinantes**

**Inteligente** \_\_\_\_\_ **14**

**Compreensiva** \_\_\_\_\_ **12**

**Esportista** \_\_\_\_\_ **8**

**Agitada** \_\_\_\_\_ **7**

Culta \_\_\_\_\_ 3

Infiel \_\_\_\_\_ 0

Parada \_\_\_\_\_ 0

Depressiva \_\_\_\_\_ 0

Triste \_\_\_\_\_ 0

Violenta \_\_\_\_\_ 0

Falsa \_\_\_\_\_ 0

Traíçoeira \_\_\_\_\_ 0

Fofoqueira \_\_\_\_\_ 0

**Azul: traços significativos**

**Verde: traços leves**

Preto: traços imperceptíveis

Traços físicos:

**Bonita** \_\_\_\_\_ **21**

**Cabelo comprido** \_\_\_\_\_ **13**

**Olho azul** \_\_\_\_\_ **10**

**Loira** \_\_\_\_\_ **9**

**Morena** \_\_\_\_\_ **9**

**Magra** \_\_\_\_\_ **8**

**Olho castanho** \_\_\_\_\_ **8**

**Olho verde** \_\_\_\_\_ **8**

Olho preto \_\_\_\_\_ 5

Alta \_\_\_\_\_ 5

Forte \_\_\_\_\_ 2

Tatuada \_\_\_\_\_ 2

Feia \_\_\_\_\_ 1

Baixa \_\_\_\_\_ 1

Musculosa \_\_\_\_\_ 1

Cabelo curto \_\_\_\_\_ 1

Careca \_\_\_\_\_ 0

Gorda \_\_\_\_\_ 0

Traços sociais

Rica \_\_\_\_\_ 2

Pobre \_\_\_\_\_ 0

**PA:33) Você já teve aula de orientação sexual?**

26 alunos responderam “sim”; 1 aluno respondeu que “não”.

**Obs.: Um aluno não respondeu.**

**CE:33) Você já teve aula de orientação sexual?**

19 alunos responderam “sim”; 6 alunos responderam “não”.

**PA:34) Você prefere dividir assuntos pessoais com...**

Mãe: 10 votos

Amigo: 6 votos

Amiga: 6 votos

Com ninguém: 6 votos.

Irmã: 4 votos

Pai: 3 votos.

Prima: 3 votos.

Primo: 1 voto

Professora: 1 voto.

Com todo mundo; Professor; coordenadora: zero voto.

**CE:34) Você prefere dividir assuntos pessoais com...**

Amigo: 14 votos

Amiga: 12 votos

Mãe: 8 votos

Pai: 6 votos

Primo 4 votos

Irmão: 3

Irmã: 3

Prima: 2

Com todo mundo: 1 voto

Professor; professora; coordenadora; com ninguém: zero voto.

**PA:35) Você está contente com o seu corpo?**

18 alunos responderam “sim”; 9 alunos responderam “não”.

**Obs.: Um aluno não respondeu.**

**CE:35) Você está contente com o seu corpo?**

18 alunos responderam “sim”; 7 alunos responderam “não”.

**PA:36) Se você pudesse deixar seu corpo mais bonito você faria...**

Ginástica: 18 votos.

Não faria nada: 5 votos.

Plástica: 2 votos. (1 homem e uma mulher)

Mágica: 1 voto.

Tomaria remédio: 1 voto.

**CE:36) Se você pudesse deixar seu corpo mais bonito você faria...**

Ginástica: 16 votos.

Plástica: 4 votos. (3 homens e uma mulher)

Não faria nada: 3 votos.

Mágica 3 votos.

Tomaria remédio: 2 votos.

**PA:37) Você se considera bonito(a)?**

15 alunos marcaram “sim”.

11 alunos marcaram “mais ou menos”.

1 aluno marcou “não”.

1 aluno não marcou nada.

**CE:37) Você se considera bonito(a)?**

15 alunos marcaram “mais ou menos”.

7 alunos marcaram “sim”.

2 alunos marcaram “não”.

1 aluno não marcou nada.

**PA:38) Se você for convidado para assistir a algumas cenas da novela Malhação na parte da tarde, na sua escola, qual o dia da semana que você poderia?**

Qualquer dia à tarde: 15 votos.

Segunda: 7 votos.

Sexta: 5 votos.

Terça: 2 votos.

Quarta: 2 votos.

Quinta: 4 votos.

**CE:38) Se você for convidado para assistir a algumas cenas da novela Malhação na parte da tarde, na sua escola, qual o dia da semana que você poderia?**

Segunda: 9 votos.

Qualquer dia à tarde: 8 votos.

Sexta: 7 votos.

Terça: 6 votos.

Quarta: 4 votos.

Quinta: 4 votos.



ANEXO C – Transcrição do grupo focal – escola particular

Transcrição do grupo focal – Colégio Energia – 28 de junho de 2007

Participaram deste grupo focal 4 adolescentes, todos com 14 anos e do sexo masculino.

Pesquisador: Estamos começando a gravação no Colégio Energia e meu nome é Charles. (Para um dos adolescentes): Aí tu te apresentas...

R: meu nome é R.

G: meu nome é G.

V: meu nome é V.

H: meu nome é H.

### Sobre a Cena 1:

Pesquisador: Então, o que que rolou ali? É, na verdade, a pergunta que eu faço pra gente começar a conversar é a seguinte: do ponto de vista da Manuela, ela foi correta quando o Cauã dá um beijo nela, vocês acham que ela foi correta em falar assim “pô, não, vamos segurar a onda, porque eu tenho um namorado, tal...” ou ela já começou errando porque primeiro ela beijou e depois ela segurou a onda?

H: Cara, eu acho que ela tava sentindo um sentimento muito forte por ele e não conseguiu resistir o beijo, só que ao mesmo tempo ela ficou com peso na consciência pelo namorado dela.

Pesquisador: Mas, assim... tu achas que ela agiu certo?... errado?...

H: agiu certo.

Pesquisador: ela agiu certo? Legal.

H. Eu acho que ela agiu certo.

G. Eu acho que ela agiu errado, primeiro, em ter ficado com ele, ela devia ter pensado antes que ela tem um namorado.

Pesquisador: também. Legal. Quer comentar mais alguma coisa? Por exemplo: se fosse a namorada de vocês e tivesse acontecido isso? Se vocês fossem o Eduardo, qual seria o sentimento de vocês?

R. Eu acharia uma traição...

Pesquisador: Consideras uma traição aquilo ali?

R. Claro.

Pesquisador: Ou pra vocês não é traição?

G. Eu ia ficar “p” da vida.

R. Assim, né, cara, eu acho, tipo: eu acho que tu entende porque, tipo, tu não ta ali dentro, mas se tu tivesse no lugar do cara eu acho que...

Pesquisador: Que cara? No lugar do Eduardo?

R. No lugar do Eduardo.

Pesquisador: ia ficar... (risos de todos) ia ficar chateado?

R. Ia, mas se eu tivesse no lugar do Cauã eu gostava (mais risos)

H. Eu no lugar do Eduardo ia encher o Cauã de porrada.

Pesquisador: Não, mas aí no caso não tinha como encher porque ninguém sabe.

H. Ah, ninguém sabe, se soubesse...

Pesquisador. Certo. Bom, enfim, pelo que eu entendi ninguém gostaria de passar por uma situação assim. No caso, se qualquer um de vocês namorasse a Manuela, vocês iam ficar brabos.

H. Muito!

Pesquisador: E se ela chegasse e falasse assim: “Olha, rolou um beijo e tal... se ela contasse? Vocês iriam entender?

H. Não!

R. Se ela fosse um pouco sincera...

H. Eu acho melhor ela, tipo, ela contar pra mim do que eu ficar sabendo por outra pessoa.

Pesquisador: ah, legal...

H. Eu acho melhor. Tipo, eu ia continuar junto dela.

G. Se eu tivesse com meu sentimento também entre eu e ela tivesse meio fraco também, se ela me contasse e eu não soubesse por outra pessoa, pra mim não ser tido como “chifronésio” (risos)

Pesquisador: “chifronésio” é ótimo! (risos) É, porque o grande medo... ser traído é punk! Legal, vamos ver a outra cena.

### *Sobre a Cena 2*

Pesquisador: sem eu perguntar nada, quem quer comentar a cena?

H. Ah, eu acho que... o cara é idiota (risos). Eu vi a Malhação ano passado, ele não sa... ele... o cara mais idiota que tem é esse cara e ele merece demais um pé na bunda e... assim, ó, se...

Pesquisador: Se a gente for... observar bem, parece que ele insiste, né? É...

H. Porque ele ama muito ela.

Pesquisador: É, e aí? Vocês acham que ele está certo em insistir? É assim mesmo que acontece na vida da gente?

V. Eu acho que é.

Pesquisador: A gente quando ta a fim a gente quer...

G. Quando a gente quer a coisa tem que insistir, né?

R. Eu ia insistir se eu tivesse no lugar dele.

G. Eu também, eu não ia desistir.

Pesquisador: mesmo quando ela disse na cara: “Ó, nunca fui apaixonada por ti”.

H. (risos) Ah, daí, tchau, tchau, amiga.

Pesquisador: daí a fila anda, né? (risos)

R. Foi uma bomba no cara.

Pesquisador: Foi, né? Vocês viram a cara dele? Interpretou legal, ali, né? Interpretou legal, né?

R. É, acho que tem que se por no lugar dele. Se ele fizesse a mesma coisa?

Pesquisador: sim, sim. É, o que a gente vê ali é isso: é... parece que ele... que ele tenta reatar um namoro, mas parece que nunca teve uma paixão, né?

R. É, eu acho que também nunca dava certo porque... ah, não sei, mas é que ele era tipo um vilão, né?

Pesquisador: Escuta: quem de você aqui que já levou um pé na bunda? De verdade, que tava a fim da menina e a menina mandou um...(risos) Quem é que fala pra gente? Assim, a sensação é mais ou menos aquilo que ele interpretou ali?

V. É.

Pesquisador: É?

G. Quando tu gosta muito da menina e ela vem e te dá um pé na bunda tu fica bem assim...

Pesquisador: Perdido?

G. Fica perdido. Sabe quando tu não sabe se... tu não acredita naquilo, sabe? Tu acha que vai durar pra sempre.

R. Quando tu gosta de uma gurria que tu ta, tipo, ah, que tu ta apaixonado e no final tu vê que ela só te viu como amigo é foda! (risos)

Pesquisador: Pior coisa, né? “Eu gosto muito de ti...como amigo!” Pô, como amigo é cruel! (risos) Terrível, né? E aí, vocês acham mais complicado os homens ou as mulheres? Quem é que é mais complicado?

H. As Mulheres.

Pesquisador: Pra namorar?

V. Mulheres.

R. Mulheres.

G. Com certeza.

Pesquisador: É? Mas por que, por quê?

G. O homem é fácil de entender.

Pesquisador: Por que que elas são ao complicadas, por quê?

G. O homem acho que é fácil de entender, por que o homem é o...

V. Ele é simples.

G. É, ele é simples.

Pesquisador: A mulher é complicada, então?

V. Mas a mulher é cheia de frescura.

Pesquisador: Eu queria saber também. Às vezes eu fico pensando: mas por que que elas são complicadas?

G. Porque elas são cheias de frescura e... não tem como entender elas.

H. É, complicado.

Pesquisador: parece que às vezes querem uma coisa e depois já não querem mais...

H. Acho que hoje em dia as mulheres são muito mais... é... diferentes que os homens em termos de... de traição e dessas coisas.

Pesquisador: Quando vocês tão numa festa, assim, pra chegar numa menina, vocês acham que é fácil? É difícil? E se é fácil ou difícil, por que que é fácil ou difícil? A mulherada hoje ta mais fácil, ta mais difícil, como é que é?

Todos: depende dá menina. (risos)

H. Depende muito!

Pesquisador: então vamos falar da menina que é fácil. Como é que é?

G. Tu chega, olha pra ela e beija. (risos)

Pesquisador: Pronto? Não precisa falar nada?

G. Menina muito fácil é assim. Só que tem umas que é assim: tu já chega e ela fica...

Pesquisador: E a que é difícil?

G. Ah, tu leva pro canto, conversa, vai insistindo. Insistindo, não, mas tu vai conversando, tal, daí depois se tu vê que ela quer mesmo tu fica.

Pesquisador: Aí mete um beijão?

G. Claro.

Pesquisador: Ta. E... na fase de vocês e mais comum namorar ou ficar?

V., H., R. Ficar.

G. Com certeza.

Pesquisador: é?

R. tu vai ficando, tu vai ficando e, tipo, tu só vai namorar mesmo quando tu gosta de verdade dessa pessoa. E ficar é só pra se divertir, né? Com a pessoa naquele momento que tu quer ficar com ela.

Pesquisador: Quem é que já namorou aqui?

G. Uma vez.

Pesquisador: É? Foi legal?



G. É, foi, mas, tipo, preferia mil vezes ficar, sabe? Porque eu sou muito novo pra assumir um relacionamento. Eu acho que depois dos dezesseis, dezessete, você começa a namorar mesmo.

R. E também, tipo, uma coisa que eu acho ruim, tipo, tipo, ah, não sei explicar, tipo: tu namora com uma amiga tua, mas ta. No momento ali tu gosta, mas quando tu acaba esse relacionamento acaba, tipo, acaba se afastando dela.

Pesquisador: acaba a amizade também.

H. Às vezes, às vezes.

G. Amizade não fica...

Pesquisador: não fica mais a mesma coisa.

H. Não fica mais a mesma coisa.

R. é, não fica a mesma coisa.

Pesquisador: É, no começo não, mas acho que mais pra frente... acaba ficando normal, né?

R. É, acho que daí tu, daí tu volta a se entender, mas acho que no começo é mais... mais difícil.

### *Sobre a Cena 3*

Pesquisador: Ó, pode falar!

R. Ele falou isso porque ele acabou...

Pesquisador: Será que isso não rola na vida real?

R. Ficando a fim dela, daí...

Pesquisador: A gata já chega e pergunta pro cara...

H. Ah, raro, hein? Raro! (risos) É mais difícil.

G. Geralmente é os homens.

R. É mais difícil, que é o homem que tem que tomar a iniciativa e...

G. Geralmente é os homens.

Pesquisador: E vocês viram alguma coisa de preconceito nessa cena?

G. Vi. Quando ele pegou e falou: “Ah, o negão lá do morro”, porque, tipo, é... no começo eu acho que eu lembro que eles tinham um pouco de preconceito com ele. Porque ele no começo ficou amigo do Cauã, ele trouxe pro... é... apresentou pro... pessoal e o pessoal começou a ter um pouco de preconceito, mas depois foi aceitando, daí eu acho que.. sei lá...

Pesquisador: Então vamos lá, vamos inverter a situação: você namorariam com uma negra?

G. Eu namoraria.

H. Eu namoraria.

V. Eu namoraria.

R. Eu namoraria.

Pesquisador: Tranqüilo?

G. Claro!

Pesquisador: principalmente se fosse aquela... que passa na televisão lá (risos) com a... da escola de samba, né? Quando tem carnaval eles passam.

R. Po, claro!

G. Opa!

Pesquisador: eles passam a vinheta. Como é que é? A...

G. A Globeleza.

Pesquisador: A Globeleza, a Globeleza, isso.

R. (para G.) Gostas de carnaval?

Pesquisador: Então vocês não tem nenhum preconceito, mas vocês reconhecem que...

G. Mas eu acho...

Pesquisador: que existe preconceito?

Todos: existe!

G. Eu acho que se eu tivesse uma namorada negra e viesse apresentar pro pessoal daqui o pessoal ia ter um pouco de preconceito.

H. Ah, ia, ia, ia.

V. ia.

G. com certeza um pouco de preconceito.

R. Eu acho que em Jurerê o pessoal é meio assim. É um bairro mais alto, assim...

Pesquisador: mais elitizado...

R. mais elitizado e eles tão acostumados...ah, não sei, acho que eles iam... eles iam achar estranho, eles iam achar que era da favela...

Pesquisador: Ah, legal. Não tem nenhum negro estudando aqui?

V. Tem.

G. Eu acho que tem.

H. Tem, eu acho que tem.

G. deve ter.

Pesquisador: tem? Vocês já viram?

R. O amigo nosso não é muito negro.

Pesquisador: mas, assim, como esse aqui, ele não é também assim tão negro, né? Mas, enfim, legal, legal saber que vocês...

V. O maguila também?

H. Ah, ta, é.

G. pronto.

Pesquisador: Legal que vo... é... saber que vocês na... é... namorariam uma negra assim, sem, sem problema. E na família, assim, será que seria aceito?

G. Eu tenho uma... tipo...

H. Adotou.

G. Não adotou, ela namorou com um nego, daí teve, nasceu um filho, mas ela não continuou. Então, minha prima é nega.

Pesquisador: Ah, que legal. Uma tia na família...

G. A família chama ela de nega li, né? (para o H.) Você viu ela.

Pesquisador: É porque os negros...

H. ao modo carinhoso.

G. é, claro.

Pesquisador: os negros se chamam de negros: “E aí, negão, vamo bater uma bola e tal?” E isso não é ofensa nem racismo.

G. Tudo bem, mas eu acho que o branco, olha só...

Pesquisador: Se um branco falar e for amigo dele, também não é: “E aí, negão, vamo embora!” Mas, quando disser: “Po, tinha que ser um nego mesmo fazer isso aí!” Aí o cara...po.

H. Eu falo isso naturalmente, sempre. Claro.

Pesquisador: Mas, enfim, mas é legal que vocês ficariam, mas vocês reconhecem também que existe o preconceito, né?

H. Bastante!

Pesquisador: Que existe um preconceito. Em relação a Roberta, então, vocês acham que é muito difícil uma mulher chegar...

V. Ah, é difícil!

H. Nossa! Isso aí é uma em mil, foi bem fictícia.

Pesquisador: E se acontecesse?

G. Aconteceu comigo.

Pesquisador: qual seria a reação de vocês?

R. Eu acharia meio estranho, mas aceitaria na hora! Acharia estranho, mas, po, tipo, ah, sei lá, tu não pode perder uma oportunidade, né? A mulher pede pra namorar contigo...

G. Aconteceu comigo.

Pesquisador: Como é que foi?

G. Ah, eu estava...

H. no Shopping.

G. No Shopping, tomando meu cafezinho (risos) eu não tava com nenhum interesse. Eu já sabia, porque toda vez...

Pesquisador: mas tu já conhecias ela?

G. É, o homem já sabe quando uma garota ta a fim, ele... ele que escolhe se quer ficar ou não, só que aquela tava muito desesperada (muito riso). O que que ela fez? Pegou minha mão: “Ah, vem cá que eu quero falar com você!” Eu quase derrubando o meu café. “Dá licença aí, pessoal.” No meio do caminho ela virou a cabeça e “quer ficar?” Eu, puuuuta, né?! Eu não queria ficar com a menina.

Pesquisador: e aí?

G. Aí veio a primeira coisa na minha cabeça, né? “Não, é que eu to namorando... não vai dar”. (risos) Quando tu quer... quando tu quer escapar das meninas, assim, que tu acha meio “casqueira”...

Pesquisador: o que que é “casqueira”?

G. “Casqueira” é aquela menina que... uma menina casqueira é uma menina... não é pobre, sabe? Mas é uma menina que vem, que chega em todo mundo...

Pesquisador: fica com todo mundo, então. Tipo o que, “galinha”, uma “galinha”?

G. É, não, não é bem isso.

Pesquisador: Também não?

G. mas é quando a menina vem e pede pra ficar contigo, sabe? Aí é uma “casqueira”.

Pesquisador: casqueira é chegar e encarar, então.

G. É.

Pesquisador: Cara de pau?

G. Cara de pau. Eu não gosto de menina assim, entendesse? Quando ela vem, eu sempre tenho esse desculpa, né? Porque eu não fico com uma menina, a menina pode ser muito gatinha, eu acho mal.

H. Que ela vira assim e fala assim: “Hã? Ahhhhhhhh...”

Pesquisador: Peraí, peraí, ele falou uma coisa legal: é que ele ta dizendo que quando uma menina chega e diz: “Ó, eu to muito a fim de ti” Aí...

G. Não, não, não assim, mas vem: “Ah, quer ficar comigo?” ou “Quer ficar com minha amiga?” ou chega outra e fala assim.

Pesquisador: fazer esqueminha?

G. É, não gosto disso, porque... sei lá... não tem...

R. Um pedido, não, mas se fosse uma relação de sentimento de verdade, pra mim eu...

G. É, isso aí!

Pesquisador: Ah, entendi, porque chegou do nada... chegar do nada.

R. É.

G. É.

Pesquisador: só porque olhou a tua carinha, achou bonitinha...

G. “Ah, eu acho que vou ficar contigo, tu é fofinho”... (risos) Já to aumentando as coisas.

Pesquisador: Ta, legal. Vamos ver a última cena, então?

#### **Sobre a Cena 4:**

Pesquisador: E agora, gente? Por que que namorar escondidinho tem todo esse... esse glamour aí, esse mistério?

G. Sabe que eu não sei! (risos) sério mesmo!

Pesquisador: Hã? Porque olha só o que que aconteceu ali, né? A... Uma coisa que chama a atenção, da gente, é a Manuela e o Cauã sozinho, que eles são ainda de



menores, no apartamento da... da Cigarra, né? Essa cena, assim, no dia-a-dia, é uma cena comum, vocês acham, ou é difícil... qual o... os pais permitem? É difícil? Ou só escondido mesmo? (risos)

H. Sei lá, depende.

R. Depende.

H. tem pai que é liberal...

(Agora todos falam ao mesmo tempo por alguns segundos e não dá para transcrever)

Pesquisador: E aí quando o pai da menina não deixa o que que acontece?

R. Ah, daí é escondido (risos)

Pesquisador: Então, é mais ou menos o que rolou ali... (risos)

H. É, só que eles tão escondidos do ex dela, né?

Pesquisador: É, no caso...

H. Não da família.

Pesquisador: isso.

H. Não da família.

Pesquisador: isso. Mas e o pai e a mãe?

R. Ah, o pai e a mãe tão escondendo dos filhos, né?

Pesquisador: tão escondendo dos filhos e eles tão escondendo do... do outro ex... legal. É... a gente viu ali também, então, assim: são dois adultos se beijando e um casal de

adolescente. Como é que é a reação de vocês quando vocês vêem dois adultos se beijando?

G. É estranho, porque a gente tá mais acostumado a ver jovens

R. É estranho.

H. Nunca vira e...

Pesquisador: vai, deixa eu entender essa palavra “estranho”? O que que é “estranho”?

H. é...

G. Não é normal a gente ver, tipo, nossos pais...

H. É, pior que é, né? (Surpreso) É difícil de ver, assim, dois adultos se beijando, eu acho estranho.

Pesquisador: ma, ma, ma, mas quando vocês dizem estranho é, é... é só porque não é normal, ou vocês têm um certo respeito e...

H. aberração!

Pesquisador: Vocês acham aberração? (risos)

H. (risos) Tô brincando, tô brincando.

G. Não é que é aberração. É que é estranho, só por isso. A gente nunca vê.

R. É estranho. A gente nunca vê.

Pesquisador: é... mas, assim: é... por exemplo, os casais. Eu não sei como é a situação de vocês. Meus pais são separados, né? E eu tive que conviver com os namorados da minha mãe, por exemplo, a... as namoradas do meu pai, enfim, e isso hoje em dia é muito comum, assim, né? Quando, quem tem pai separados.

R. Eu, tipo, tenho a sensação que se meu pai se separasse da minha mãe e tipo, ou meu pai, ou minha mãe e tivesse uma namorada eu tenho a sensação de que ele, tipo... ah, de que ele ou ela vai ta, tipo, roubando o lugar do meu pai ou da minha mãe.

Pesquisador: ah...

H. Eu senti isso quando... eu quando eu era menor...

R. Eu não aceitaria! De jeito nenhum!

H. Quando eu era menor é... a minha mãe tinha se separado do... do meu pai e, tipo, eu nem lembrava direito só que depois quando tava acostumado só eu e ela, só eu e a minha mãe daí quando eu vi eu também fiquei assim: ah, deu saudade do meu pai e tal, mas depois eu fui me acostumando e agora, tipo, eu aceito, mas...

R. Eu não aceitaria porque eu acho que o meu pai é único pra mim. O meu pai é uma pessoa que... ah, eu não sei, por que, tipo, a minha mãe também...

H. É foda! Opa, desculpa pela palavra.

Pesquisador: E quando tu for... e quando tu fores maior, casar, não der certo, daí tu nunca mais vai casar? Tu tens um filho: aí o filho vai dizer: "não, pai, tu é só meu!" E agora? (risos) E aí tu vai mudar de teoria? (risos)

H. Mas é que a filosofia é outra, mas vai ser a mesma coisa.

Pesquisador: claro, tu vai pensar a mesma coisa, com certeza.

R. Não, mas é diferente, é diferente.

Pesquisador: é diferente?

H. È, o filho não existe, né? É você que vai ser diferente!

Pesquisador: É, claro, os filhos é... diferente. Bom, como é que é... se eu perguntasse assim, ó, se eu perguntasse pra vocês assim: a... em rela...

R. Se eu ficasse com uma mulher eu procuro não me separar.

Pesquisador: certo.

R. Procuro me casar com uma mulher e...

G. Não, se eu fosse casar eu ia casar com a mulher certa. Só se eu amar muito a mulher.

Pesquisador: Mas vamo, vamo combinar que todo mundo que casa... todo mundo que casa pensa que nunca vai separar, não é verdade? senão ninguém casaria.

G. Ah, mas tem gente que casa, assim, e não ama muito a pessoa. Vou casar quando tiver certeza.

V. é.

Pesquisador: certo, certo. Todo mundo aqui pensa em ter filho?

H. sim.

G. não.

Pesquisador: se vocês tiverem um filho, vocês têm preferência por homem ou mulher?

H. Eu quero ter homem.

R. Homem.

V. Homem.

G. Eu quero ter homem.

Pesquisador: por quê? Por quê?

H. Eu não quero ter filho.

G. Não, eu quero ter um homem e uma mulher.

R. Eu quero ter um casal também.

Pesquisador: quer ter um casal? Legal.

R. Ah, mas eu acho mais legal um homem, porque, tipo, tu também é homem, tu vai ensinar um monte de coisa pra ele.

H. Eu não quero ser pai.

Pesquisador: não? Por quê?

H. Não, ter filho é muito stress, vou ter ciúmes pro resto da vida.

R. Vou começar a ter ciúmes no dia dos namorados. Ia começar e...

G. É, ia cair encima.

Pesquisador: escuta: qual é o.. qual é o gran... vocês disseram que não é muito comum o... o pai permitir que a filha...

G. Não, depende do pai.

Pesquisador: fique com o namorado...Não, vou colocar numa situação de vocês. Vocês tem 13, 14 anos, certo? Por aí, né?

V. 14.

Pesquisador: Então, tá. É comum vocês ficarem com uma menina, por exemplo, de 14 anos, ham... sozinho na casa dela e os pais saírem?

R. Não.

Pesquisador: qual é o grande medo dos pais?

H. Engravidar.

Pesquisador: a... o grande medo é a gravidez, vocês acham?

R. É, eu acho que o medo é que... role alguma coisa...

H. Role alguma coisa a mais, porque ela é muito nova, entendeu?

Pesquisador: mas vocês também são novos!

H. Ah, mas... isso pra mulher é diferente. (risos) Será que eu posso falar isso?

Pesquisador: pode falar.

H. pra isso que existe garota de programa.

Pesquisador: como é que é?

H. pra isso que existe garota de programa. (risos) Vai dizer: tu não enjoa de comer só arroz e feijão? (gargalhada geral) É verdade... um macarrão, tal...

Pesquisador. Tá. Então vocês acham que o grande medo dos pais é a gravidez, então?

G. Hã-hã, com certeza.

R. Eu acho que eles tem um pouco de medo, ah, tipo, tá querendo se aproveitar...



G. Estranho.

R. ficaria estranho.

Pesquisador: É estranho, né?

R. Ah, sei lá, tu fica meio... travado.

H. Não, porque... eu acho que eu teria vergonha de falar o que meus pais tem vergonha de falar pra mim sobre o sexo, assim, ah, eu teria vergonha falar abertamente com a minha filha, assim...

G. Eu também.

Pesquisador: Isso. Falar nisso, eu ia, eu ia fazer a pergunta agora. É comum os pais de vocês conversarem com vocês ou, ou com a irmã sobre sexo?

G. Comigo é bem de, tipo, às vezes vem meu padrasto dar... vem me traz camisinha, sabe? Essas coisas, só que ele não vem e conversa.

Pesquisador: Ah, ele só chega e joga?

G. É. Tipo... mas ele... é que ele sabe que eu entendo um pouco, sabe?

H. Comigo é assim: minha mãe é... a minha mãe não tem vergonha nenhuma de falar comigo sobre isso. Meu pai que é muuuuito tímido. E com minha mãe também eu brinco assim: “ah, mãe, eu comi duas hoje, assim... (gargalhadas) Até to precisando mais de camisinha, mãe, eu não sei o que eu faço. (gargalhadas)

Pesquisador: (risos) Ai, que legal. Não, mas olha, tu, tu, tu, tu levantou uma coisa muito interessante, que eu suspeito também. Eu suspeito que tem pais que, que, que querem, especialmente quando é menina, é, eu acho que quando é menina eles querem falar mas eles são travados, parece que tem, como tu falou, parece que eles ficam sem jeito, parece que têm vergonha, né? E... e é uma coisa legal conversar, né?



G. Eu acho que é mais pela geração, porque, tipo, vocês é a geração de vocês, assim, que eu digo, mas...

Pesquisador: não, pode me chamar de velho, não tem problema (risos)

G. Não, não é, tipo, os pais não conversavam muito...

Pesquisador: É, meus pais nunca conversaram.

G. Então, daí, tipo, agora tu não vai ter essa idéia: “ah, vou conversar com meu filho sobre isso”. Já... tipo, porque teu pai nunca conversou, mas agora...

Pesquisador: E sobre droga eles conversam?

R. Conversam.

H. ah, conversam um pouco.

Pesquisador: Então é mais fácil... é mais fácil conversar de droga... É mais fácil conversar sobre droga do que sobre sexo?

H. Sim.

Pesquisador: Por que que o sexo é mais difícil de conversar? O que vocês acham?

G. Ah, porque é uma intimidade, né?

H. Com certeza.

G. os pais têm vergonha de falar disso.

Pesquisador: mas os filhos não são íntimos aos pais?

H. São, mas é outro nível de conversa, entendeu?

G. é algumas coisas.

H. você conversa com seus amigos sobre sexo é diferente com seus pais. Que eu acho por causa da convivência, não sei...

G. algumas coisas que eu converso com meus amigos eu não converso com meus pais. Muitas coisas.

R. é outro... e algumas coisas que eu converso com meus pais eu não converso com meus amigos.

Pesquisador: Quem que mais influencia vocês: os amigos ou os pais?

H. onde, no sexo?

Pesquisador: não, não, influencia de forma geral, na vida, assim...

V. Os amigos.

H. Ah, meus pais, com certeza.

R. meus pais.

G. É, eu acho que é meus amigos...

H. pula da ponte aqui! É massa pra caramba!

R. São eles que dizem o que eu tenho de fazer certo, de errado e meus amigos, assim, é da escola, tipo, é, não, tipo, os meus melhores amigos eles também costumam dizer não, porque eu sei que eu posso confiar neles.

Pesquisador: certo.

R. e eu sei que eles querem meu bem, tipo, da mesma forma que eu também quero o bem deles.

Pesquisador: hã-hã. A... Se a gente... hum, se a gente for fazer uma pergunta, assim, bem... bem clara, comparado com, com a novela, né? O que passa na Malhação, o que vocês já viram, ano passado, um pouco nesse ano também, a... se eu fosse falar assim, em percentagem, assim, quanto por cento vocês acham que é só ficção, que isso jamais iria acontecer...

R. Eu acho uma coisa na Malhação, que...

Pesquisador: e quanto por cento vocês acham que realmente acontece?

G. 50% de ficção, acho, uns 60.

H. 70!

Pesquisador: mas 70 o quê? Ficção ou verdade?

H. 70% de verdade.

Pesquisador: verdade?

G. tu acha?

R. Ah, uma coisa que eu acho que é muito fictício na Malhação é, tipo, é que tem muita armação, tipo, ah...

Pesquisador: Tem muita armação, por isso que é o nome (risos): a Malhação-Armação.

R. Ah, e tipo, toda hora, tipo, a história, tipo, na real ela é sempre a mesma: um casalzinho, tem um vilão que vai lá... que vai lá e é todos os anos.

H. não, mas é verdade.

Pesquisador: Gente, a história da maldade, vocês vêem é... quem são os personagens, ou quem foram os personagens maléficos na, na temporada passada?

R. Acho que foi o Eduardo.

H. O Eduardo.

Pesquisador: o Eduardo foi um? Tem mais outro?

G. tem.

H. o Urubu era da passada?

G. não, o Urubu era da retrasada.

Pesquisador: o Urubu é da retrasada.

R. O Urubu é da retrasada.

Pesquisador: é.

H. O, tu conhece bem Malhação!

Pesquisador: O Eduardo... é, porque eu estudo essa novela. O Eduardo e quem mais?

R. Tu estuda Malhação há quanto tempo?

Pesquisador: eu estudo Malhação há uns 3 anos, mais ou menos. Me diz uma coisa: a... a maldade que passa lá na, na, na, na novela Malhação é uma maldade parecida que passa no universo de vocês?

R. Eu acho que é uma maldade um pouco maior do que...

H. Acho maior...é, porque as pessoas assim, ó, do dia-a-dia podem fazer as maldades, só que elas não vão com, assim, bem com a intenção “ah, eu sou, eu sou mal, vou fazer aquilo”

R. é.

H. Então a ficção é muito, eles botam muito maldade em excesso, é muito exagerado!

Pesquisador: e vocês acham que isso influencia vocês?

H. a... a maldade na novela?

Pesquisador: maldade ou, ou...

G. Pode influenciar.

H.. 25% influencia.

R. eu acho que pode.

Pesquisador: é?

H.claro!

Pesquisador: mas, assim: não só a maldade, por exemplo: bons exemplos, vocês conseguem ver?

H. ah, não, isso influencia bastante, claro.

Pesquisador: roupa.

H. mais ou menos.

G. roupa, não, porque tu tem o teu estilo já.

H. roupa, não.

Pesquisador: gíria.

G. gíria, um pouco.

H. nossa!

G. já aconteceu de a gente falar assim, tal, ouvir na Malhação e pegar a mania.

H. é.

Pesquisador: eee, eee... vocês... vocês já aprenderam alguma coisa?

H. se a gente já o quê?

Pesquisador: vocês conseguiram aprender alguma coisa com a Malhação?

G. Ah...

Pesquisador: “ah, teve uma coisa que eu aprendi: isso aqui foi legal...” Assim, como eu aprendo uma outra disciplina como História, Matemática... Vocês aprenderam alguma coisa? “Pô, isso aqui eu vou usar pra, isso aqui eu vou usar na minha vida”. Algum... algum personagem que você diz assim: “Ó, isso aqui eu vou usar pra minha vida”; “Isso aqui achei legal”. Uma gíria, um chaveco...

R. acho que algumas situações, assim, que eu gosto, eu procuro... eu me espelho naquilo lá.

Pesquisador: hã-hã, tem coisas legais, daí vocês acham que...

R. Mas tem algumas coisas, em algumas, tipo, não sei explicar, em algumas maldades eu também não me espelho. Mas, tipo, em algumas coisas que eu acho legal, que vai servir pra mim futuramente, eu...

Pesquisador: as músicas que eles ouvem... vocês conseguem...

G. ah, eles escutam mais ou menos a mesma música que a gente. É, porque eles gostam mais ou menos do que os jovens hoje gostam.

H. é.

Pesquisador: Isso: eu fiz uma pergunta no questionário, agora eu vou fazer só pra vocês também. A... o que que tem nessa novela... porque essa novela é sucesso, gente, há mais de dez anos. O que é que ela tem hoje que, que dá essa vontade louca de ver, assim, o que que é isso? Exangue.

H. Atualidade da juventude... de dois mil.

Pesquisador: atualidade?

H. Eu acho que perdeu muita... eu parei de ver um pouco quando saiu o Cabeção. Que era o que eu mais achava legal.

Pesquisador: o Cabeção era engraçado, né?

H. Era muito engraçado. Eu achava o que era melhor, o interessante.

Pesquisador: Mas, assim, quando... aquela confusão toda que acontece no colégio e tal, acontece alguma confusão no colégio de vocês assim também?

H. Acontece, acontece. Às vezes.

V. Acontece.

R. Não, acho que não exageradamente.

H. não exageradamente.

R. Não sei, porque aqui é muito parado, assim, mas colégios maiores acho que pode acontecer.

Pesquisador: tem algum professor de vocês que se parece com algum professor de Malhação?

R. Tem, o M...

H. o M... com certeza. O M... é gente boa, tipo, ele conversa com o pessoal, assim, mas abertamente

R. Não é aquele negócio, assim, de só...

H. É, ele tem mais astral, tipo...

Pesquisador: Tá. E o tipo de, de professor ideal, pra vocês, assim... o que que ele tem que ter, o que que ele tem, como é que ele tem que ser?

H. ele tem que ser esperto, tem que ser amigo e tem que entender os jovens.

G. tu falou certo.

R. tem que ser amigo, tem que conversar... tem que procurar ajudar...

Pesquisador: Certo, certo. Tem que ser esperto, amigo e?

H. E tem que entender um pouco os jovens.

Pesquisador: tem que entender os jovens, legal.

R. ser uma pessoa normal e não...



Pesquisador: e vocês dão chance pros professores entender vocês?

H. sim.

G. sim.

H. Ah, se o cara for gente boa eu dou chance.

Pesquisador: (risos) vocês dão chance? Porque às vezes me parece que os professores falam, falam, falam, aí quando eles “Ok, entenderam?” Aí vocês: “o quê?”

H. mas tem professor que é muito chato, que não sabe ensinar.

R. é, tipo.

Pesquisador: Certo. Olha, eu sou professor também. Eu posso dizer, que nos bastidores, nós, professores, a gente quando senta pra tomar café, a gente também diz: “Olha, pota, naquela sala lá tem uns 3 chatos, hein?” (risos) Quer dizer, da mesma forma que vocês acham, a... e isso é muito legal na televisão, porque a televisão, não sei se vocês já repararam, ela... ela traz à tona algumas revelações. Por exemplo, na vida real, hã... raramente a gente vê hã... uma traição. Com a gente. Com os outros a gente vê.

G. é.

Pesquisador: então a gente acha que nunca acontece isso com a gente, né?

H. correto.

Pesquisador: mas daí, o que que acontece? Na... na, na novela, aí eles explicam comé que acontece a história. Por exemplo, agora, a gente de ver o namorar escondidinho. Os pais acham, que quando as meninas vão pro shopping, vão... elas vão pro Shopping com as amigas, tal e na verdade (risos) o que que acontece? Elas namoram...

G. escondidinho.

Pesquisador: escondidinho (risos)

H. Por isso que existe motel. (risos)

Pesquisador: (risos) Mentira, vai, na idade de vocês ninguém vai pro motel.

H. pode, sim!

Pesquisador: mentira! Só se for de bicicleta! (risos) Vocês não podem dirigir (risos)  
Vocês não podem dirigir...

H. vocês que pensam! (mais risos)

Pesquisador: então, rouba o carro, pega o dinheiro.

G. pega o carro quem sabe dirigir, muita gente rouba...

H. eu vou de motinha... (risos)

R. eu vou de triciclo.

H. eu vou de triciclo também.

Pesquisador: Hã... vocês têm preferência, assim, com o... é... já que a gente ta falando do perfil feminino, assim, teria preferência?

G. loira.

V. loira.

H. morena e baixinha.

Pesquisador: tem que ser... tem que ser alta, tem que ser... mais velha que vocês e legal?...

G. loira, alta.

H. mais alta que eu é ruim porque como é que eu vou...

R. mais nova pra eu poder... (risos)

Pesquisador: olha aqui, ó, olha o que o “safado” tá falando! Fala, fala!

R. tem que ser mais nova pra tu exercer um poder sobre ela (risos)

H. não.

Pesquisador: É... ele é o cara que quer ter o poder

R. E se ela for mais velha ela vai...

G. Eu não concordo, porque eu acho a mais nova é mais tímida e tal, mas a mais velha tem mais experiência, né? Eu só fico com menina mais velha.

H. A mais velha tem que ser mais divertida.

Pesquisador: o que que é mais velha pra ti, quantos anos?

G. 16, 15, tipo, um ano a mais, dois anos a mais, assim, ó, porque já tem um pouco mais de experiência.

Pesquisador: e uma de 20, assim, o que que tu acha?

G. Ah, porrada! (risos) Até 18.

Pesquisador: É mesmo? Daí depois já é coroa?

G. não é coroa...

H. mas panela velha é que faz...(risos)

G. na verdade... o que que você falou?

H. Mas panela velha é que faz comida boa. (risos)

Pesquisador: bom, gente, é... então, pra gente acabar, assim, sobre... sobre relacionamento, amor e tal, é... quem queria falar aí mais alguma coisa pra gente encerrar, então, a... a nossa entrevista.

H. tchau. (risos)

Pesquisador: sobre... não, sobre relacionamento, assim, quem quer contar uma história pra gente, alguma coisa engraçada que aconteceu, ou alguma pessoa muito chata que aconteceu, enfim...

R. Uma pessoa muito chata?

Pesquisador: que aconteceu no relacionamento de vocês.

H. Ah!

Pesquisador: Hã... se eu fosse perguntar, assim, mais objetivamente, é, é... qual é o motivo que hoje leva as pessoas a ter um relacionamento muito curto? Por que que os namoros duram muito pouco?

G. Quando a mulher é muito chiclete. Te liga o tempo todo, não deixa fazer nada... assim, não é que não deixa, mas fica encima, assim, sabe? Tem que ter uma distância, sabe?

Pesquisador: sei... o que mais?

R. E também porque quando tu é mais novo, tipo, tu não se liga muito ter... em ter um relacionamento mais longo. Tu é mais pra se divertir, assim.

G. É, mas as meninas, acho que mais novas, já pensam mais...

Pesquisador: certo.

R. As meninas já são mais maduras, então elas...

Pesquisador: E respondendo com sinceridade: quem é mais fiel no relacionamento?

H. Homem. (risos) To brincando, mulher.

Pesquisador: as mulheres são mais? Vocês assumem?

G. complexo, complexo. Tudo depende, mas hoje em dia mudou.

Pesquisador: hoje em dia mudou?

G. Hoje em dia as mulheres são bem mais safadas! (risos)

R. É, eu também acho.

G. terrível!

H. Verdade.

Pesquisador: é? Vocês acham? Elas têm mais liberdade?

H. tem.

R. Sim, mas tipo... tipo, tem mulheres que são muito fiéis e têm homens que também são muito fiéis.

G. tem homem que é.

Pesquisador: entendi. Ok, gente, então, a...o que eu tinha pra perguntar pra vocês era isso, né?

#### ANEXO D – Transcrição do grupo focal – escola pública

Transcrição do grupo focal Padre Anchieta - 26 de abril de 2007.

Participaram deste grupo focal 7 adolescentes, todos com idade entre 14 e 16 anos. L. e E. são do sexo masculino e J., M., B., I e V., são do sexo feminino.

#### **Sobre a Cena 1:**

Pesquisador: Primeiro, deixa eu ligar (o gravador). A primeira perguntinha, então, nessa cena, eu quero perguntar pra vocês o seguinte: o que que vocês acharam da postura da Manuela? Porque é o seguinte: ali, pra quem, só pra lembrar vocês, né?, ela namorava um cara chamado Eduardo, né?, que é o vilão da história, o cara que tava sempre arrumando confusão. E rolou que ela acaba ficando com o Cauã, mas aí vocês viram como é que ela ta cheia de dedos, né? Então, assim, quem quiser falar primeiro, que que vocês acharam da postura dela? É legal? Isso acontece, não acontece, como é que é? Pode falar:

J.: Ah, acho que ela ficou com ele porque ela tava a fim, se ela não tivesse a fim ela não teria ficado, né? Quando um não quer dois não fazem.

Pesquisador: certo.

J.: Se ela não gostasse dele ela não teria ficado com ele. Se ela ficou com ele é porque ela estava insatisfeita, né?, com o Edu, ou porque faltava alguma coisa além da que ela tava vivendo com o Edu, né?

Pesquisador: Legal. Mas, assim, na tua opinião, ela agiu certo ou não?

J.: Ah, não sei, né?, tipo assim, daí é da cabeça de cada um.

Pesquisador: Porque ela tava namorando, né?

J.: É, ela tava namorando. Ela deveria primeiro ter termin... se ela via que não tava feliz com ele, primeiro ela deveria ter terminado com ele e ver o que tava faltando pra ela ir procurar em outra pessoa, né?

Pesquisador: Legal. Fala, meu anjo!

M. Também ali, ali naquela cena mostrou que não é isso, isso aí não é uma coisa que acontece agora, a pessoa vai, fica, gostou, chega lá e acaba com a pessoa assim e dá qualquer desculpa, mas isso não acontece assim, de chegar e tal.

Pesquisador: Isso não acontece na vida real?

M. Pra mim, pelo que eu vejo assim não, não acontece. A pessoa dá um tempo ali, fala que tem que acabar com o namorado, isso não acontece.

Pesquisador: E os rapazes o que que acharam? (silêncio) Porque olha só o que que acontece ali, né? Na verdade é... ele ta a fim, por ele ficava, certo? Pelo que a gente viu, ele que tava a fim.

M. Desde o começo.

Pesquisador: E... mas ela disse: “não, tem um cara, tal...” A visão masculina qual é dessa... dessa situação? A Manuela agiu certo, agiu errado?

E. Eu vejo que ela agiu errado, porque ela deveria ter... com o ex-namorado dela primeiro pra depois namorar com ele.

Pesquisador: Ah, ta. Tu acha que ela deveria... primeiro...

E. Acabar o namoro dela pra depois começar com outro.

Pesquisador: encerrar o namoro pra depois... porque de certa forma, aqui entre nós, ela estaria chifrando ele, né? (todos concordam rindo) Porque, ah, ela deu um beijinho mas depois disse que não e tal, vou resolver, mas deu! (todos riem) Não foi? Então, é isso que eu quero saber. O que que tu acha dessa situação?

L. Ah, eu acho que na hora que rolou aquele clima ali ela deveria ter se afastado e ter dado uma desculpa, né? Que tinha namorado e pronto.

Pesquisador: E depois resolver a situação.

L. Claro! Dá um tempo e conversar, né?

Pesquisador: Claro, claro.



J.: Quando ela viu que rolou ela devia ter se afastado, né? Quando ela viu que tava rolando, né?, que tava rolando algo a mais.

Pesquisador: entendi. E vocês, o que vocês acham?

V. Hã, já falaram tudo (risos)

Pesquisador: Já falaram tudo? Então, tá. É... essa aqui... deixa eu fazer umas perguntas gerais aqui, que é legal, como é a primeira vez. Assim, ó: o que que tem, na novela Malhação, que leva vocês a assistir essa novela? O que que ela tem? Por que que vocês assistem?

E. Porque tem mais jovens.

Pesquisador: tem jovens? O que mais? Fala, meu anjo.

V. Porque... tem bastante parte assim que é engraçada, que é coisa que acontece na nossa vida... bastante coisa.

Pesquisador: Tu acompanhas? Ano passado acompanhasse bastante? (afirmação com a cabeça) Legal. Hã... o que que vocês aprendem quando assistem essa novela?

E. Aprende que tem que dar mais valor pros amigos, né? Não deixar... deixar assim de fazer “treta”, alguma coisa assim... tipo, trair o amigo pra... assim, né?, tipo... o cara tem um amigo. Daí tem um outro, né?, daí o outro quer prejudicar o outro amigo dele. Já tem que evitar, que nem assim o Eduardo com aquele... aquele outro guri lá, o Juan...

Pesquisador: Cauã.

E. Mulambo.

Pesquisador: Ah, o Mulambo. O Mulambo era amigo dele.

E. É, tipo, depois ficou amigo do Cauã, que já sabia das coisas que o Eduardo tinha feito, né? Ele ia ter dado um toque, né?

Pesquisador: Ele ta chamando a atenção pra uma coisa muito legal que é o seguinte: vocês conseguem ver a maldade na Malhação? Fala, meu anjo!

M. Sempre tem os do bem e os do mal, né? E na novela sempre mostra que os do mal sempre se dão mal. Só que os do bem sofrem, sofrem, sofrem só que no fim ganham.

Pesquisador: eles sofrem a novela inteira.

M. então não vale a pena ser mal.

Pesquisador: ã-hã, então é isso que na verdade tu aprendes, que não vale ser mal na...

M. Vale sofrer mesmo.

J. Tipo assim, desde o começo, é... desde o segundo capítulo, mais ou menos, a gente já sabe, né? Da, da, da nova temporada, quem vai ser os bonzinhos, os divertidos e os vilões da novela, né? Daí a gente já sabe que no final aqueles vilões sempre vão se dar mal. A gente fica esperando até o último capítulo da temporada pra ver o que vai acontecer, mas a gente já sabe que eles vão se dar mal, né? Isso a gente sabe que não... que já ta caindo na real, né? Que a pessoa deve...

V. E também ali a gente aprende que não deve confiar em tudo o que os outros falam, né? Por causa que é muita intriga, é muita gente querendo separar, porque sempre tem um querendo separar também, a gente deve achar assim que não pode ficar escutando o que os outros falam e tem que ter, sim, a certeza do que tá acontecendo.

Pesquisador: Certo. Hã... o que você condena no comportamento dos jovens em Malhação? Tem alguma coisa que a gente vê, que passa na novela, que a gente pode condenar? (Silêncio) Assim, ó: “Isso aqui eu não aprovo!” Vocês lembram? Alguma cena que vocês viram...

M. A... aquela questão racial lá do... ai, como é que é o nome dele?... Aquele moreninho...

Pesquisador: o Cleiton.

M. É, o Cleiton. Isso assim achei bem mal da parte da... acho que era a Priscila.

Pesquisador: Hum-hum.

M. da parte da Priscila.

Pesquisador: eu vou passar essa cena, vai ser legal, a gente vai comentar ela de novo. Mas... isso não seria legal. (Entra uma aluna atrasada, a aluna A.) Pode entrar. A gente já ta gravando, ta? Tudo que tu ta falando já ta gravando. Depois, em casa, eu vou rir com a tua chegada. (risos) Bom, então assim: a gente já passou uma cena, ta? Pode sentar ali, ó. Só abre um pouquinho pra ela. Hã... Mais uma perguntinha então pra gente passar pra outra cena. É o seguinte: hã... Então a gente condena essas coisas, ela falou do preconceito e tal. E o que que a gente aprova? Assim, ó: “pô, isso aqui que ele fez, eu aprovo!” Pensando na temporada passada, assim. Qual a situação que vocês aprovam de um... dos personagens... Tem alguém ali que dá um exemplo pra vocês?...

J. Ah, eu aprovo ali na parte que acho que ainda vai passar, não tem? Que a filha da Raquel... Hã...

Pesquisador: Manuela?

J. não, a outra.

Pesquisador: é... Priscila?

J. A Roberta, isso, a Roberta, tipo, ela tava tendo problema é... em obsessão por comprar, né?, só comprar, comprar, tipo, só quer ir em festa. E o Cleiton tava ali do lado dela, né?, querendo ajudar e tal. Ele reparou que ela tava com problema, tava querendo ajudar e na real ela não caía na real que ela tava com problemas, né? Depois

ela viu que além de ele ta sendo um amigão ele era o menino por quem ela tinha se encantado, né? Achei legal da parte dele ter tentado ajudar ela e não se aproveitar da situação, né?

Pesquisador: legal, legal, isso é bem legal. A... Malhação ela se parece com o meio que você vive? Ou seja, quando a gente vê Malhação, de alguma forma ela parece com a vida da gente? Tem situações na vida da gente que a novela passa, ou quando a gente vê novela a gente fala assim: “puta, que isso não tem... tudo isso que eu to vendo não tem nada a ver”? O que vocês acham? Tem a ver com a nossa vida ou não tem a ver?

Todos: tem, tem.

Pesquisador: todo mundo concorda? É unânime? Todo mundo acha que tem a ver?

Todos: tem.

Pesquisador: Alguém poderia dar alguma situação, assim, mais clara pra mim? Qual a situação real na novela que já aconteceu parecido contigo ou com alguém?... Queres dar um exemplo?

M. Na sala de aula. Esses dias eu tava vendo Malhação, eu tava vendo a professora sair da sala... Não. Na hora que ela tava chegando, que tinha acabado de bater o sinal todo mundo jogando bolinha de papel, né?, desenhando no quadro... Eu tava lembrando que às vezes eu faço isso, de escrever no quadro, né? O pessoal começa a tacar bolinha de papel... eu acho legal (risos) Ah, não legal, mas eu achei engraçado, eu comecei a dar risada, não tem? Lembrar da... Eu achei legal: “o, legal, amanhã tem aula, amanhã eu vou fazer isso” (risos)

Pesquisador: Legal. Então é o seguinte: legal, vocês responderam a... as perguntas dessa primeira cena e perguntas gerais também. Então, antes que eu me esqueça, eu queria agora assim... pra eu em casa é... entender quando um fala e o outro fala, eu queria que vocês pegassem o gravador e só falasse assim: “meu nome é Charles”. Aí, tu te apresentas.

L. Meu nome é L.

E. Meu nome é E.

J. Meu nome é J.

M. Meu nome é M.

B. Meu nome é B.

I. Meu nome é I.

V. Meu nome é V.

Pesquisador: Ok, legal. Então, agora, a gente vai pra perto do computador, vamos assistir a segunda cena, daí eu vou fazer outras perguntinhas. Já pra vocês ir pensando, né? A próxima perguntinha é o seguinte: “O Eduardo está certo em insistir no relacionamento com a Manuela?”

**Sobre a Cena 2:**

Pesquisador: E aí?

B. eu acho que não.

Pesquisador: Por quê? Fala pra gente. Por que que ele não ta certo?

B. Eu?

Pesquisador: é.

B. (risos): Deixa eu ver... por causa que ela não gosta dele. Aí não vai dar certo nunca.

Pesquisador: aí fica insistindo, insistindo, insistindo, aí vai ganhar outro pé na bunda?

B. é.

Pesquisador: e aí? Quem mais quer comentar essa cena? O Eduardo não é... fala.

J. Tipo, o Eduardo, o que ele sentia por ela não era tipo gostar, amar, ele tinha mais era uma obsessão, uma concorrência, porque ela amava o Cauã, o Cauã amava ela. Mas como o Eduardo tava namorando com ela. Ele não tinha aquele pensamento: “Não, vou perder praquela cara”, “Não, eu tenho que ficar com ela”, Ele tinha mais era uma obsessão, não um sentimento mesmo por ela.

Pesquisador: como é que acontece na vida de vocês, como é que vocês resolvem quando você tá a fim de alguém e a pessoa não tá a fim? Como é que é a tua situação? (silêncio) Como é que é a situação, a sensação de levar um pé na bunda como ele levou? Como é que vocês... vocês aceitam numa boa, ficam tristes, ou “ah, a fila anda!” Como é que é? (risos)

L. Ah, eu aceito numa boa, né?

Pesquisador: aceita numa boa?

J. Mas as meninas já é mais, tipo, fica mais na dela, meio triste, assim, pensando no que podia rolar, assim, também. É bem triste, assim, pra gente, menina, porque até praquelas mais folgadas, quando leva um fora fica meio recuada, fica bem... e não sei, assim, o menino, tem galera que acha que os meninos são legal, assim, pra dar altos fora, assim, tudo bem. Mas assim, quando a gente vai tentar uma separação com alguém, assim, eles nem dão muita bola também, né? “Ah, se é isso que tu quer, então, tudo bem”, não sei o que, pegam e nem ligam mais e esquece, né? Às vezes a menina faz isso pra ver se gosta realmente, pra ver se vai ligar depois, não tem?

Pesquisador: O que que vocês acham: quem é que “dá mais fora”, o homem ou a mulher? (risos. Todos concordam que é a mulher)

L. Ah, elas só querem se aproveitar do cara e... (risos)

Pesquisador: É isso, mulherada, o que que vocês acham? Ele ta certo?

J. Ele ta certo, por causa que os homens de agora nenhum quer namorar, é tudo ficar. Ficar e “coisa a mais”, não tem?

Pesquisador: Ah, pera aí: o que que é “coisa a mais”? Opa! (muitos risos)

M. tipo, e daí já vai ficar pensando: “não, vou dar um beijo e depois eu já vou tentar alguma coisa a mais pra ver se ela quer”. Eu vou lá, depois eu chego e falo: “O, peguei ela, cara, o, precisa ver”, né? E tipo, não vou falar os detalhes...

Pesquisador: Ah, tem isso? Fala, fala que eu sou fofoqueiro! (muito riso)

M. É que eles hoje não ficam mais com a guria, os meninos de hoje em dia não ficam mais com a guria.

Pesquisador: Olha, eu to entendendo que eles ficam e depois saem falando?!

Todas as meninas: ÉÉÉÉÉ!!!

Pesquisador: Ah, eu não acredito!!! (todos falam ao mesmo tempo) É verdade?

M. A maioria dos guri...

J. Quando ta na rua a gente passa...

Pesquisador: quer dizer: pegou na mão, diz que pegou no braço. Pegou no braço, diz que pegou em tudo?!

J. Pegou na cintura, diz que abaixou mais um pouquinho... (risos)

Pesquisador: sei, entendi...

M. tem semana que eles ficam, mas eles não ficam mais, é, tipo, ta a fim, tipo, pegou e se encantou pela menina, pela pessoa que ela é ou pelo menos pela beleza, não! Eles falam: “acho que eu vou pegar pra colocar mais uma na minha lista, pra depois chegar e falar pros meninos da rua: “eu já fiquei com ela”.

B. É, tipo assim, eu tenho um monte de amigo também. Tem um que tem atrás da porta da parede, assim, ele escreve o nome das meninas que ele fica e quando elas passam na rua, assim, eles falam: “Ó, já peguei aquela, já peguei aquela”.

Pesquisador: “ta na lista!” (risos)

B. E ele coloca estrelinhas pra marcar quantas vezes ele ficou com ela. (muito riso)

L. Minha porta não tem mais onde usar o código! (risos)

Pesquisador: viu o que que ele falou? “Minha porta não ta sobrando espaço”. Pegador, pegador!

M. muito convencido, ele. Os meninos de hoje em dia, tipo assim, quando as guria chegam pra... pede pra ficar com ele, às vezes eles dão o fora só pra dizer: “não, eu dei um fora nela”. Às vezes tava a fim de ficar, mas resolveu dar um fora só pra falar: “eu posso, né?” Mas depois ele: “po, devia ter dado uma chance”.

L. Eu só dou um fora nela quando é aquela estrelinha assim, né? (muito riso) Eu não sou... eu não tenho... a categoria, né? O, tipo, o homem não acha bonito não, o! A mulher chega e diz: “o, tu és feio, tu és enjoado!” Fico com a cara que é um negócio, o, ruim pra caramba!

Pesquisador: deixa eu perguntar pra ti: quem é mais fiel, o homem ou a mulher?

V. Ah, acho que é a mulher, né?

Pesquisador: tu achas que a mulher é mais fiel?



Pesquisador: e por que que tu achas que a mulher ela é mais fiel do que o homem? Só por causa de ti, ou por causa das amigas todas?...

V. é.

Pesquisador: no geral tu vê isso?

V. no geral eu vejo isso.

Pesquisador: e será que isso tem um motivo?

V. Não sei, não.

M. tem.

J. tem.

Pesquisador: por que que o homem é mais “galinha”?

B. Porque ele não vai ficar com a imagem dele “estragada”, alguma coisa. A mulher já fica “galinha”, isso, aquilo, aquilo... Homem já não...

Pesquisador: tu, o que que tu achas?

V. o quê?

Pesquisador: isso, que ela ta falando. Quem é o mais galinha e por que será que a gente diz: “ah, o homem é mais ‘galinha’”?

V. o homem é mais “galinha” por causa que ele pode chegar em todas as gurias, mulher não!

Pesquisador: ah, ele pode chegar?

V. é!

Pesquisador: deixa eu ver aqui... tu?

E. Quando eu já namoro sério assim, eu já pergunto, né? “Vai ser fiel?” Porque se já... senão pra mim...

Pesquisador: Bem “só vou ficar hoje, amanhã nem te conheço!”

E. Tipo, o, tu vai perder o domingo ali e “ah, vou pensar”. Daí já...

M. É, que o problema também é, tipo, se o menino fica com várias meninas ele fica com fama de “pegador”, “garanhão da rua” e tal. Agora, não, a menina já fica como uma...

Pesquisador: então pera aí: vocês estão me dizendo que existe um machismo, então?

M. Existe.

J. Claro. É concorrência. Entre os meninos e as meninas também, muita concorrência pra ver qual é a mais bonitinha, tipo, qual vai ficar com o menino mais bonitinho (todos concordam) . Os meninos é com quem, é com “quantas” eles vão ficar.

M. os amigos, assim, também colocam muita pressão, tipo assim: “ah, pau mandado, não quer ficar..”

J. Só porque ta namorando de verdade...

M. daí ele se revolta e vai lá e trai a namorada, fica com outra...

J. É, e na maioria das vezes, assim, quando ele sai só com os amigos, assim, aí que eles traem, né? Por que, tipo assim, a menina vai lá e fica dando mole e tipo, os guris vão falar: “Ah, tu não vai ficar? Seu que, não sei o que” Aí eles vão lá e ficam mesmo.

Pesquisador: Agora assim, ó: independente de fidelidade vocês acham... quem é que tem mais sedução? É o homem que consegue seduzir de uma forma mais fácil as mulheres, ou as mulheres conseguem seduzir de uma forma mais fácil?

Todos: Ah, as mulheres!!!

Pesquisador: Ah, é? Que legal!

J. tipo assim: se uma menina ta sentada aqui e o menino ta sentado ali ela olha de lado, assim, tipo, ela fala: “Não, eu vou jogar um olhar de tal jeito, assim, pegar e mexer o cabelo, isso é a paquera minha, né?”

L. Comigo já é diferente já, elas colocam um (faz gesto com a mão indicando uma saia curta) e pa... (muito riso) eu já penso assim: “ah, maluco!” (mais risos)

Pesquisador: decotezinho até o umbigo...

L. Vem com aqueles vestidinhos assim, daí tu acha que eu vou dar uma olhadinha no cabelo?

M. Eu vou andar de calça comprida e moletom, daí ele vai achar que eu to dando em cima dele. Não, tipo assim, a menina demonstra que ta dando em cima também, né? Ela fica olhando. Tipo assim: É... ela às vezes, antes era só amizade, ela chegava, conversava com o guri e falava: “o, cara, to a fim de ficar com o guri”, senão: “O, minha amiga ta mal, vai lá e conversa com ela”. Agora não, agora ela já: “ai, to com medo de conversar com ele”. Tipo assim: ela não se arrumava tanto, agora ela... ela já vem com roupas, tipo, que antes era só de sair, não tem? Tipo, ela vem toda de efeito, moda, aquelas roupas assim, tenta se arrumar mais pra ele...

Pesquisador: deixa eu colocar uma coisa pra vocês. Vocês sabiam que... eu tenho quarenta anos, né? Quando eu tinha a idade de vocês, aí treze, quatorze anos, é... deixa eu ver: quem é que tem treze anos aqui, levanta a mão?

B. eu

I. eu

M. eu

Pesquisador: a B. e a... I... e a M. têm treze. Quem tem catorze? O L. e a J. Quem tem quinze? a V. Deu, todo mundo levantou a mão? E. tem dezesseis. Então a gente tem aqui, então a gente tem treze, catorze, quinze e dezesseis. Ta, legal. Vocês sabiam que na... quando eu tinha essa idade aí de catorze anos não existia “ficar”, a palavra “ficar” não existia? “ficar” era assim: “vou ficar aqui”, pronto. Parado. Mas, “ficar”, para dizer: “eu fiquei com ela” não existia.

E. da uns pega, né? (risos)

Pesquisador: a pergunta que eu faço, eu sou curioso, eu quero saber...

E. “eu to namorando”

Pesquisador: é, exatamente, a gente fala assim: “to namorando”. Se eu peguei na mão, to namorando. Se eu beijei, eu casei. Era assim, era assim. E hoje, por que que vocês acham que... eu quero saber por que que essa juventude, que são vocês, inventaram essa palavrinha “ficar” pra diferenciar de “namorar”. Quem é que diz a diferença pra mim aqui?

V. Ah, porque ficar é só dar uns pega e namorar é ficar mais tempo. (risos)

Pesquisador: ah, então é questão do tempo, mesmo?

M. É.

J. não, não é só a questão do tempo. É que ficar, tu fica com a pessoa porque ela tem um corpo bonito, ela é... chegou e te fez ficar a fim. Namorar, não. Namorar tu se encantou, não pela aparência da pessoa, mas o que ela é por dentro. Tu pensa: “o, com aquela pessoa eu queria uma coisa séria, eu queria, sabe? Eu queria apresentar ela

como minha namorada e aquela outra eu queria apresentar pros meus amigos como “ficante”, como a gostosa da rua, não tem?

M. ficar também agora, assim, tipo: eu vou lá numa festa, fico com ele, dou uns beijos nele e tal só que daí não fica aquela coisa “namorando”, “tem que ser fiel”, não tem? Porque o lance de ta namorando tu já tem aquele pensamento: “ah, to namorando, tal, não vai dar, não sei o que”. Ficar, não: “Ah, fiquei com um cara ontem, eu posso ficar hoje, amanhã eu posso ficar com outro” e vou ficando até...

Pesquisador: Ta. Então, namorar tem compromisso, né?

Todos: é!

Pesquisador: É uma coisa mais séria. E ficar é uma coisa sem compromisso.

Todos: é!

Pesquisador: que eu posso ficar com ela um dia, passo uma semana sem ficar com ela, depois no outro dia eu posso ficar também.

Todos: é!

M. Também pode ficar também numa noite, tipo, tu vai numa balada, tu pode ficar: “ah, eu vou ali pegar uma bebida”, tu pega um, vai na fita e fica com uma, vai na fita, fica com outra.

Pesquisador: Pega a bebida e pega a galega! (risos)

M. vai lá na saída, tu encontra outro gatinho lá, né?, ela ta indo embora, tu pega e fica com ele também.

Pesquisador: certo, certo.

**Sobre a Cena 3:**

Pesquisador: ta, eu não vou nem falar nada agora, vocês vão falar. Pode começar, vão comentando a cena.

J. ah, eu achei legal porque mostrou que o preconceito que ela tinha contra ele tinha acabado, não tem? Pra ele ter ficado com ela e tal. E tem a cena da Manuela também que passou que ela tinha ido morar sozinha pelo fato da Roberta ter chamado ela de mulambenta, tal, um monte de coisa, né? Ela foi morar sozinha, ela acabou indo morar num morro, numa comunidade muito pobre e os amigos dela começaram a falar que ali não era lugar pra ela morar, porque era morro, tinha um monte de bandido e tal, mas acho que isso não é... por isso que ela vai deixar de morar num morro, né? Nada a ver, pode ter bandido e tem pessoas honestas também morando no morro. Eu achei mal da parte deles ter feito isso. E depois ainda ela pegou e saiu do morro, eu achei que ela deveria ter ficado lá até o final da novela.

Pesquisador: me diz uma coisa: por que que o Cleiton fica surpreso quando ela diz: “não, vamos namorar!” Por que ele fica surpreso? Ele diz bem assim: “Ah, não vai ter vergonha de ficar com o negão aqui?” Por que que ele que é negro, por que que ele é que pensa isso?

M. porque antes dela...ela assim, quando ela tava com a Priscila e passava por ela e cumprimentava ela e ela fingia que não via porque a Priscila sempre pegava no pé dela: “Ah, ta falando com esse pobre, com esse negro”. Daí, agora, ele ficou meio confuso, não tem muita certeza se ela queria mesmo isso.

Pesquisador: trazendo isso pra vida da gente... vocês sabiam que eu trabalhei num colégio, o Imaculada Conceição, quatro anos e tinha apenas um aluno negro, que ficou um ano e depois saiu? E aqui já é tranquilo, assim, né? Então, trazendo isso pra vida da gente, vocês acham que existe esse preconceito ainda hoje?

E. Bastante.

J. Eu acho que existe, porque minha mãe trabalha num coleginho particular, tipo, a mensalidade lá, meu Deus, eu acho que dá um salário inteiro de um professor, né?, mensalidade lá, e ela falou que em todo colégio só estuda um negro lá, entende? E o pai dele tem altos carros, altas casas, sabe? Só um negro no colégio, o colégio é de rico mesmo, não tem?

Pesquisador: Mas eu digo, vocês conseguem perceber aqui no colégio de vocês que existe esse preconceito ainda, a menina é branca ela não vai ficar porque o menino é negro, existe isso? Hoje?

Todos: não.

Pesquisador: no mundo de vocês, não?

Todos: não.

E. tem gente que xinga o cara de negão, assim na maldade, mas tem gente que xinga assim como amigo, não tem? “Daí, negão, pá”

Pesquisador: claro, dependendo da entonação, é uma forma carinhosa, né? Como alguém chega assim: “po, esse careca sacana!” – fiquei ofendido. “po, carequinha, beleza?” – po, aí já é uma coisa carinhosa, não é? A mesma coisa acontece com a gente.

M. é. E, tipo, lá na rua tem um... tem uns amigos do meu irmão que eles são negros e o meu irmão é loiro. Tem olho verde e tal. Daí, eles é que chamam o meu irmão de macaco, meu irmão também chama eles de macaco, não tem? Só que é assim na gozação. É tipo: “o, amigo, tu vai lá e tal?”, mas é: “o macaco, tu vai lá no shopping comigo hoje?”, não tem? Os meninos amigos dele pegam e falam: “vamos, macaco, vamos!” não tem? Tudo na gozação.

Pesquisador: nós temos dois rapazes brancos aqui, bem branquinhos. A pergunta é pra eles agora. E aí, vocês já ficaram com uma menina negra?

L. já.

E. Já, já.

L. eu já fiquei com uma mulata.

Pesquisador: negra mesmo, assim, não?

L. não.

Pesquisador: só mulata. E tu, já ficou?

E. já, já.

Pesquisador: e em casa, vocês dois que são branquinhos, em casa rola algum papo, assim, entre os pais: “ah, se ficar, tranqüilo” ou “se ficar, te mato!” (risos)

E. se ficar, tranqüilo.

J. eu tava lembrando agora, que esses dias eu tava ali no Koxixo com três amigos meus, eles são bem branquinhos, bem branquinhos, assim, bem aqueles alemãozinho. Aí passou duas mulatas, não tem? Aí eles bem assim... aí eles começaram a mexer, não tem? Aí eu bem assim: “vão lá e falem com elas!” “Quer que eu vá lá e fale com elas pra vocês?, não sei o que, aí eles bem assim, ó: “Ah, não, elas são muito negas, fica feio um cara bem branco com uma negona. O que que não vão achar?” Aí eu peguei e falei assim, ó: “Ah, mas o tipo não tem nada a ver, ela são umas negas bem bonitas”. Eles bem assim, ó: “A gente também achou, se não a gente não taria mexendo, né?, mas o que que não vão achar um cara bem branco? Vai ficar bem ridículo, né!” Falaram assim. Aí eu peguei e falei assim: “nada a ver, eu sou bem morena e você tão comigo!” Aí ele bem assim, ó: “Ah, mas, tipo, é amizade, não sei o que, não sei o que lá...”

Pesquisador: sei. O que que vocês acham disso que ela falou? Fala, anjo.



B. eu tenho uma amiga que o pai dela ele é... ele é racista. E ela tava namorando com o namora... o namorado dela e era negro.

Pesquisador: ela é branca?

B. é. E ele era bem negão, assim, daí o pai dela não aceitou, começaram a brigar, ela fugiu de casa, daí a mãe dela chamou ela de novo, ela voltou... mas assim, ela passou por um monte de coisa assim pra ficar com o negão, não deixou de ficar com ele por causa do pai dela.

Pesquisador: então, quer dizer que o preconceito existe?

J. Existe e não existe também, porque tem vários amigos também bem branco e assim ficam numa boa.

Pesquisador. Ficam numa boa.

M. O meu irmão ele é bem branco, ele é alemão e eu sou morena. Daí eles sempre falam: “Ah, tu não pode ser irmã dele, porque ele é branco”, não sei o que.

Pesquisador: ah, é?

J. É, meu irmão também, ele é loiro, tem os olhos verdes e eu sou morena.

Pesquisador: tu és mais morena, é. Tu no verão mesmo, com sol, assim...

J. não, eu fico dessa cor mesmo, no inverno eu fico mais branca, bem mais.

Pesquisador: mas o cabelo, encaracolado e tal... Legal.

#### **Sobre a Cena 4:**

Pesquisador: a gente viu muito beijo, muito beijo! A primeira pergunta é o seguinte: o que que dá... o que que passa pela cabeça de vocês quando vocês vêm assim na televisão muito beijo, muito beijo? O que que a gente pensa? O que que dá vontade de fazer? (muito riso e troca de olhares, denunciando cumplicidade) (silêncio) Quem fala? E aí? Porque essas cenas elas são passadas às cinco e meia da tarde. Poxa, vocês assistem, crianças de quatro, cinco anos, também assistem, todo mundo vê isso. Então, são cenas, né?, hã, assim, né?, hã... o que a gente tá pensando? (silêncio) Ah, ninguém vai falar? (risos)

J. não precisa nem falar, né?

Pesquisador: ah, eu não sei, daí eu não sei. Eu sei o que eu penso, mas... a pesquisa, a minha pesquisa é saber o que que vocês pensam... o que que vocês sentem...

J. ah, a gente não pensa, tipo, que dá vontade de beijar, mas daí a gente sabe que eles tão quanto namorar escondido. Eu acho que os meninos nem tanto, mas as meninas daqui, acho que a maioria, tipo, tem umas que já namoram sério, que o pai já sabe e tal, mas é claro que na hora que, né?, na hora que ele chegou lá pegou e falou que tava a fim de namorar com ela, é claro que os pais ficaram assim: “será que tu é o homem ideal pra minha filha? Será que você é digno de namorar com a minha filha? Merece o amor dela?”

Pesquisador: vocês namoram escondidos?

J. ah, as meninas, acho que sim, né?

M. professor, a primeira pergunta ali, tipo, “o que que dá vontade de fazer?”, esses dias eu tava com uma amiga, não vou falar o nome dela, né?, senão vai ficar mal, eu tava com ela e daí tava passando uma cena de beijo, não tem?, e já faz tempo que ela não fica com ninguém. Daí ela pegou e falou bem assim, ó: “O, cara, eu já tô na seca e ainda a TV fica mostrando beijo!”

Pesquisador: Hã, então ela ficou com um calor, né? Calor, calor, uma “gastura” como ele disse, né?, uma “gastura” (risos)

Pesquisador: É... então, a gente viu aquela cena, tem uma cena muito engraçada também... Alguém quer falar, assim, de uma... vocês já passaram por isso, de namorar escondido?

J. Eu passo.

B. Uh!!!

Pesquisador: tu tem cara de quem namorou escondido!

V. eu?! (risos) Eu sou santa. (risos)

Pesquisador: quem já namorou sério, aqui, levanta a mão. Só um rapaz namorou sério, ah, ela (J.) também namorou. E quem já ficou escondidinho? (todos se manifestam e dizem que sim, já ficaram escondidinhos)

J. Eu fico, não tem?

Pesquisador: por que que vocês namoram escondidos, conta pra gente?

V. pra não levar no couro! (risos)

J. Porque os pais não deixam, não tem? Eu, nem é problema do meu pai, que ele não mora aqui, mas é minha mãe, não tem?

Pesquisador: Só uma perguntinha: se os pais não deixam, por que vocês namoram?

B. Não, meu pai... é minha mãe. Meu pai também não deixa, mas é que ele não ta aqui pra ver, ele não mora aqui, eles são separados. Minha mãe, não tem?

Pesquisador: ela também não deixa?

B. ela é bem... porque ela ta sendo minha mãe e meu pai, sabe, ta tendo as duas funções, então ela tem mais preocupação. Agora meu irmão entrou no lugar do meu

pai, ele ta sendo pior que o meu pai. Ele chega e fala: “Ó, se eu souber que tu ta ficando com alguém, eu chego e falo pra mãe e deu, não quero nem saber!”

Pesquisador: sei, mas a gente não é educado para obedecer os pais? E por que que quando chega na hora do namoro a gente desobedece?

B. Ah, depende, porque eles também fizeram isso! Eles fizeram a mesma coisa e já falaram pra gente, mas não querem que a gente faça, entende?

Pesquisador: os pais fizeram isso?

B. minha mãe falou que quando eles tavam namorando, que já tava super sério, ficando com ele, a mãe dela chegou e arrancou ela de perto dele, sabe? Nunca mais ela teve coragem de olhar pra cara do garoto, né? Por que ela pagou um micão! Mas ela não deixou de namorar, mesmo que ia acontecer tudo isso.

M. Porque daí agora, assim, a minha mãe não deixa eu namorar, nem meu pai, né? Porque eu ainda sou muito nova, concordo com eles, nem eu quero.

Pesquisador: tu tens catorze?

M. treze. Aí, tipo assim, eu fico, não tem?, aí... até esses tempos aí eu tava ficando com um guri, não tem? Só que daí... aí pra dar, assim, a desculpa pra ela, não tem?, porque a gente vai pra frente da igreja, não tem? (gozação dos outros alunos) É por causa que a gente sempre vai. A gente sempre ia com ela. Só que agora, como ela trabalha à noite, a gente faz que vai na Igreja, não tem? Fala que vai pra Igreja e tipo, marca pra se ver na rua, tipo, aí a gente se encontra em algum lugar e é isso.

Pesquisador: Aí rola, aí rola, aí rola forte (risos) Só deixa ela falar um pouquinho que ela quase não falou. Fala, meu anjo.

I.Eu acho assim, que namorar escondidinho, assim, ou ficar escondido assim é mais legal, porque daí, assim, ninguém pode ficar sabendo, fica um clima mais romântico...

Pesquisador: Legal. Além dela, quem é que tem os pais separados, aqui? Um, dois, três. Ta, então, assim, a pergunta pra vocês: qual é a sensação, ou pra quem os pais não são separados também, a pergunta é assim: como é que vocês... uma coisa é vocês virem os amigos de vocês e as amigas se beijarem. Outra coisa é a gente ver os pais se beijando, ou a mãe que é separada... como é que vocês encaram, como é que vocês encaram isso?

L.O, de ver, o, quando eu vejo aquele clima lá eu já disparo! Vou pra dentro do meu quarto.

Pesquisador: tu não gostas de ver?

L. Não, muito...

V. Ah, eu saio de perto, eu não sou vela!

M. Ai, eu não gosto.

E. Eu acho terrível!

Pesquisador: Por que que é terrível?

E. Ah, porque sim, é minha mãe, pá... (risos) Eu olho assim, não é a mesma coisa, né?

J. Eu, quase não vejo isso, né?, porque minha mãe ela tem o marido dela, né?, meu padrasto, mas, tipo, eles não ficam é... se agarrando na frente dos outros tipo... fazendo altas cenas, não tem?

Pesquisador: Nem em casa?

J. É, em casa até rola, mas tipo...

Pesquisador: Mas o que que tu sentes quando tu vês? Tipo, “Po, o cara o cara ta beijando a minha mãe, o que é isso?”

J. Tipo, eu nem vejo muito, to quase sempre no meu quarto, mas aí quando eles tão é, tipo, um momento conversando, não tem?, beijando, eu pego e saio, vou lá pro meu quarto.

Pesquisador: tu te tocas, tu te tocas?

J. É, eu não quero ficar de vela, né? Não queria que eles fizessem isso comigo...

B. Eu acho que eu fico, assim, como vergonha, acho... de ver assim minha mãe... é porque eu também tenho meu padrasto, ele mora com nós. Só que daí de vez em quando ela pega, abraça ele, dá beijo nele, assim, daí eu não gosto. E tem vez que eu até falo pra ele: “É, se tu... se tu trair a minha mãe, se não levar a coisa a sério com a minha mãe, tu vai ver só!” Eu tenho bastante ciúme da minha mãe, daí a gente começa a brigar.

Pesquisador: E quem não tem os pais separados aí, quando vê alguma cena assim, como é que é?

L. Ah, eu saio fora!

V. É nojento!

Pesquisador: só um pouquinho! Como é que é? (risos) Fala!

V. É nojento.

Pesquisador: porque dois velhos se beijando! (Muita gargalhada!!! Gargalhada geral!!!)

Pesquisador: Velho tem que fazer outra coisa, não é beijar, né?

V. É. E dormir!

J. Velho também é diferente, eles não precisam ficar se beijando, assim, eles podem fazer alguma coisa mais...

M. No quarto, entende?

Pesquisador: Sim, sim. Na frente é estranho, então?

V. É.

Pesquisador: Meu Deus!...

B. Eu não acho nojento, assim, nada, eu acho legal, assim, que ainda existe um carinho pelo outro. Porque a minha mãe e meu pai, assim, mas de vez em quando eles brigam, assim, não tem?, é uma coisa meia... aí...

Pesquisador: É melhor ver eles se beijando do que eles se espancando... (risos)

Todos: É.

B. É, mas, tipo, eu fico com vergonha, assim, não tem?, eu penso em fazer alguma coisa e saio dali, não tem?

J. Ah, ali vendo os dois se beijando, assim, mas eu acho legal.

L. Pior os apelidinhos, né, o? “O, neguinha”

V. Ah, é o pior, é o pior! (gargalhadas. Todos falam ao mesmo tempo)

M. Ui, e os apelidos que eles colocam são muito antigos, não tem? Ui, eu nunca me pensaria falando isso prum menino, não tem?

B. “Chuchuzinho” (risos)

L. “Queijinho” (gargalhadas)

J. Quando a minha mãe fala pro namorado dela assim, pro meu padrasto: “cheiro”, daí eu começo a falar: “Ah, cheiro ruim”, ele fica todo sem graça. (risos)

Pesquisador: Ai, que ótimo! O, ah, outra coisa, já que a gente tá no assunto dos pais, é... eu notei que os meus alunos lá no Imaculada Conceição, eles tinham, a maioria tinha vergonha que o pai levasse até o colégio... Por quê? Como é que é?

E. Qual é, o? Eu com a minha idade, no meu lado! Orra! Ah, não, né? Se é pra parada assim, eu não gosto de ir com a minha mãe, o.

Pesquisador: Já pensasse: “Ah, mãe, eu vou pro Planeta!”. Aí a mãe: “Ah, eu também vou!” (risos) Imagina, tu chegando numa gatinha, tua mãe ali no lado...

L. “Daí, gatinha, pá?” Chega a minha mãe: “Tu tá paquerando ela, é?”

J. Eu não teria vergonha dela, é, quer dizer, assim, de me trazer no colégio. Mas eu gostaria que ela viesse mesmo, de tá no colégio em horário de aula, entende? Não sei, eu acho, eu gosto da minha mãe. Assim: eu acho ela bonita, assim, não tem? Eu gostaria que ela viesse, tipo, me dar pelo menos um recado, não tem, bater na porta, assim, na sala, chegar e me chamar, eu gostaria.

L. Ah, eu só gostaria se me chamasse pra ir pra casa! (risos)

Pesquisador: Ó: me lembra, antes de eu ir embora, quando eu desligar o gravador, lembra que eu vou contar uma história que vocês vão lembrar de mim o resto da vida, o que aconteceu, o que minha mãe fez comigo. Ah... voltando praqui, pra, pra cena, tem uma coisa muito interessante que eu quero perguntar pra vocês. A Manuela e o Cauã, quando estão, que é a primeira e a segunda cena, eles estão se agarrando ali no sofá e tal, eles estão sozinhos no quarto da Cigarra, na casa da “Cigarra”, na sala.

M. da “Raquel”.

Pesquisador: Sim, mas estão sozinhos em casa. A pergunta é: os pa... a pergunta para as meninas, né? Os pais de vocês deixariam vocês sozinhas, à vontade como a Manu... Porque a Manuela ali, na trama, ela tem 16 anos. Eles deixariam vocês, se tivessem 16 anos, será, sozinhas com o namorado, trancadas dentro de casa?



B. Jamais!

J. Não.

Pesquisador: Por quê? Qual é o medo do pai, ou da mãe?

V. Ih!!!!

Pesquisador: fala, que eu sou fofoqueiro!

V. Ah, não, eu não vou falar.

Pesquisador: ta bom. Quem quer falar? Qual é o grande medo dos pais?

J. Que o guri se aproveite ali na hora, né?, já que tão sozinhos e tão namorando...

Pesquisador: O que que é “aproveitar?” Beijar bastante?

J. Sei lá, ter um namoro mais assim... já que tão namorando os pais têm aquele medo assim: “Ah, só porque ela acha que ta namorando, aí o guri vai começar a enrolar ela, ela vai pegar e vai transar com o guri”, não tem? Aí, os pais têm esse medo, já que tão sozinhos e tão namorando.

Pesquisador: O grande medo que os pais tem, que as meninas transem, como ela falou, é... é perder a virgindade, ou é a gravidez?

Todas as meninas: a gravidez.

Pesquisador: hoje já não tem mais esse tabu?

I.A gravidez e doenças, nada de perder a virgindade. Perder a virgindade é normal, tipo: uma vez eu fui a uma festa com a minha mãe, na Oktoberfest, chegou lá na entrada tinha um grupo de jovens distribuindo camisinha, que tavam trabalhando lá.

Eles pegaram e me deram. E ela: “Por que que eles te deram isso?” Daí eu falei: “Ah, não sei, né?” Daí... Sempre, assim, sabe? É normal, todo mundo tem. Ela pegou... esses dias ela assim pra mim: “Por que tu não dá pro teu irmão?” Daí eu falei: “Não, deixa aqui, né?, ta aqui”.

L. A camisinha que eu tenho ta aqui na carteira, já ta velha... (gargalhada geral)

Pesquisador: Então, o que mais?

E. A minha namorada, sabe?, a mãe dela ia sair e mandava... a irmã dela ficar no sofá e tudo, ali.

M. Eu pegava a irmãzinha e puxava pelos cabelos!

Pesquisador: Agora me diz uma coisa: se a mãe não deixa a filha ficar em casa com o namorado, ou na casa do namorado, que é pior ainda: “Ah, mãe, vou dormir na casa dele!” Se, hã, mas isso, então, isso eu posso ver, posso pensar, como pesquisador, que também não rola confiança, então. Os pais de vocês não confiam em vocês?

V. Não.

I. Não.

J. A minha mãe confia.

B. Não é uma questão de não confiar...

Pesquisador: Deixa ela falar um pouquinho, fala, fala! Por que tu acha que... Por que tu na passa confiança pros pais? Ou por que é difícil de conseguir a confiança deles?

B. Porque... ah, pra minha mãe, ela até que confia em mim, agora, o meu pai não. Eu até falo: “Não confia em mim, né?” Mas ele fala: “Confio, sim!”, mas ele duvida de mim toda hora, toda hora.

Pesquisador: Sei. Por que será que é difícil conseguir a confiança dos pais?

V. Por que eles são mais velhos e já viveram tudo que a gente viveu.

Pesquisador: Ah, e eles sabem que a gente mente também, não sabem?

Todos: Sabem. (troca de olhares denotando cumplicidade)

L. E eles sabem que elas são tudo assanhadinhas, né?

V., B., I., J. e M. Ahhhhh!!!! (risos)

L. O, ultimamente essas meninas aí, cara, o cara não tem tempo de chegar nelas, elas já vêm “amiguinhas”

J. Não, é tipo assim: se viram os melhores amigos... tipo: se tu tem um amigo, não tem?, ele já quer “algo a mais”, não tem?, hoje não ta assim...

Pesquisador: Ah, os amigos também cantam as amigas?

Todos: Claro, claro!

Pesquisador: “Olha, tu és muito minha amiga, mas eu vou te agarrar!”

J. É. Uma coisa que ta acontecendo muito hoje é que não ta tendo muito relação amigo e menina, menino e menina, não tem?, amizade *versus* menina e menino. Porque, tipo, se acontece isso os meninos já querem se aproveitar, não tem? É mais é colega: “Oi, tudo bem?”, ou ficante ou namorado, mas é...

B. Eu acho que não porque o meu, a minha melhor amizade, assim, é com menino e todo mundo acha, assim, que eu fico com ele, quando eu to assim pra baixo falo tudo pra ele. Eu prefiro conversar com ele do que com uma menina. Aí todo mundo fala: “Ah, tão namorando, tão ficando... e não sei o que...” Daí ele fica, assim, todo envergonhado.

M. E também, assim, a gente vê isso, tipo, os amigos assim dando encima, que no meu orkut tem um monte de menina, não tem? E eles começam a cantar, não sei o que, não sei o que. Aí a gente vai perder a amizade, né? Mas eles já chegam assim perguntando: “tem namorado?”, não sei o que, não sei o que. Eu digo: “Ah, eu não tenho, mas, tipo, só rola amizade com a gente”, não sei o que. Aí eles já pegam, vão lá, nem mandam mais recado, também, tipo: “oi”, assim, sei lá, sabe? Tipo, eles...

Pesquisador: Hum-hum... já correm. O, gente, como é que vocês encaram a homossexualidade, tanto a masculina como a feminina?

V. Oh, é, de mulher é nojento, mas de homem é legal. (risos)

Pesquisador: Por quê? Por que tu achas isso?

V. Ah, sei lá, mulher é muito nojento! Sabe aquele “Parada Gay”? É... meu Deus, tem um monte de mulher se beijando, que nojo que é aquilo lá! E um monte de gay gostoso, meu Deus! (Gargalhada geral!)

B. Eu acho legal, assim, dos homens, porque eles são engraçados. E de mulher eu acho nojento porque, assim, eu sendo menina, sendo mulher, assim, eu acho inaceitável eu beijar uma menina, ui, eu beijar uma menina, como é que vai ser? Daí eu não gosto, eu gosto mais de menino, daí... os homens é engraçado, agora, mulher, eu acho que...

Pesquisador: E os homens, o que que acham?

L. Ah, ser viado... (risos)

J. Ele é bem preconceituoso.

L. Ah, não tem nada a ver.

M. É por causa que a gente também tem um professor gay, né? Aí ele entra na sala, e ele é bem engraçado, não tem?, ele pega, faz, mete a mão nos meninos e fala não sei o que, não sei o que, aí, tipo, os meninos ficam tudo com nojo dele. Eu acho isso um

preconceito. Enquanto o professor ta na sala todo mundo fica quieto, ninguém fala nada. Aí o professor sai: “É, seu viado, seu tolo, não sei o que, não sei o que...”

Pesquisador: Mas por que será? Por exemplo: ter, ter um amigo, vamos supor, ta falando de professor, vamos passar pro amigo. Ter um amigo gay afeta a tua sexualidade, alguma coisa?

V. Não.

L. Não.

E. Não.

Pesquisador: Não, né, cara?

L. O, eu tenho um amigo gay lá que tem um... ah, nem vou botar o caso, né?, porque tu sabes que pra mim, assim... Não, mas que a nossa mesmo é de guria, né, o?! A gente vê uma guria já chega e diz: “Oh, tens uma amiga que... não dá assim pra gente sair e pá...”

Pesquisador: Mas, por exemplo: tu achas que teus amigos iam tirar onda contigo se tu chegasses numa festa e no meio do caminho tu encontrasses esse amigo gay e fosses andando com ele, tu achas que o pessoal ia pegar no teu pé? Tu te preocupas com isso?

M. ia

L. Não, não tem nada a ver, né? O, ele pega o dele eu pego o meu. (risos)

Pesquisador: “Ele não é meu concorrente”.

L. Chegando lá, eu pego a gatinha lá, né, o?!

J. Assim, é, não é que é preconceituoso, mas é meio... é, bem nojento, não tem?, tipo: se tu vê uma pessoa ali no maior amasso no shopping, os seguranças vão lá, pegam e

falam: “O, dá um tempo aí, né? Vocês tão num lugar público” e tal. Eu acho isso mal, acho falta de respeito, não é pra fazer isso em público.

M. É, eu acho mal.

J. Esses dias eu tava subindo a escada rolante...

Pesquisador: Peraí, deixa eu entender! “Fazer isso em público” mesmo sendo homem e mulher?

J. mesmo sendo homem e mulher é muito, tipo...

Pesquisador: um beijão assim...

J. Você ta num lugar público, nem todas as pessoas que gostam de ver! Né? Se você tiver num canto mais reservado...

Pesquisador: Mas isso só acontece no shopping, né?

J. Não, acontece em todo... É, é, na rua, não.

Pesquisador: na rua, não. Se tiver numa esquina... Se tu tiver na Praça XV, beijando à vontade, ninguém vai falar assim: “Não pode!”

J. Nenhum policial vai chegar e falar: “Não, não pode!”, não tem isso.

Pesquisador: Não, não tem, não existe uma “Lei”.

M. É, ali no centro isso é o que mais tem. Tipo: esses dias eu tava com uma, eu tava, não tem?, lá na rua e tinha um casal, que tava comigo...

Pesquisador: Qual a rua, meu anjo?

M. Ah, ali pra Felipe Schmidt, ali, não tem? Aí eu entrei numa loja pra comprar uma roupa, não tem?, aí o casal ficou ali fora me esperando. Aí chegou um guardinha, eles tavam se beijando, não tem?, se amassando ali em pé, aí chegou um guardinha e falou assim, ó: “Oh, dá licença, que aqui é um lugar público”, tipo, vão... entram numa... não sei... vão num motelzinho ali perto, não sei. Mas aqui no meio da rua...

Pesquisador: (espantadíssimo!) H'ã, eu não acredito!!! Florianópolis, século XXI, aconteceu isso?! H'ã!!! Qual a idade desse casal?

M. Ah, uns 22 a menina e o menino.

Pesquisador: Ah, eu não acredito!

J. Esses dias eu tava no shopping, não tem?, eu e a minha prima, a gente tava subindo a escada rolante, e na nossa frente tinha um casal de lésbicas, e elas começaram a se beijar na escada rolante. Eu e minha prima, a minha prima só me cutucou assim, a gente olhou pra elas e começou, não tipo, ah, não tem?, mas a gente, assim, deu risada. E já era senhoras, não tem?, do nada, e se agarrando ali, pegando a mão, dando altos beijão. Outra vez eu tava no carro, tava passando pela rua ali, um casal super novo, as meninas acho que da minha idade, lindas, as meninas, eu fiquei de cara com aquilo. Pensei: “Nossa, elas podiam ta com um namorado tão bonito, tão lindo”, tavam lindas ali se beijando, as meninas de mãos dadas, no maior amasso. Outro dia, na praia, eu vi as meninas com um corpo espetacular, nossa, as meninas perfeitinhas, andando na praia de mãos dadas, se beijando. E elas no mercado, também, olhei pra elas, assim, não por, ah, não pelo fato de ter preconceito, mas não sei, sabe?

Pesquisador: Os rapazes acham, duas mulheres se beijando, nojento?

E. Eu não acho, não. O, muito massa, o! (gargalhadas)

M. Igual eu. Eu não acho homem nojento.

Pesquisador: (brincando) “É triste, porque podia ta comigo”. (gargalhadas) Imagina duas gatinhas, assim, tu olhando, po, eu posso ficar com essa, ou com aquela, aí tu

chega, daí ela fala assim: “Sai pra lá, rapaz, nós somos um casal!” (gargalhadas) Aí tu te matas, né? Fala, meu anjo.

M. Assim, na frente da minha casa tem uma casa que mora cinco gays e do outro lado que mora três lésbicas.

Pesquisador: Uau!

M. E, assim, eles fazem festas, tudo, assim, é bem engraçado, eles convidam pessoas, assim, todo mundo fala normal, ninguém é preconceituoso, ninguém fica soltando piadinha. E tem um caso de lésbica ali no shopping também. Quando eu tava indo no cinema com um grupo de amigos, não tem?, aí tinha duas lésbicas na frente. Aí os guardinhas só ficavam olhando um pro outro, fazendo cara de nojo, né? Aí, tipo, a gente fica rindo, sei lá, a gente acha aquilo engraçado, não tem?

Pesquisador: o que que vocês tão fofocando aí?

L. Ah, é que todas elas usam piercing na língua, né?

Pesquisador: Por quê?

L. Hã, vou saber?! (risos)

Pesquisador: *piercing* na língua, gente, não deve doer pra colocar um negócio desse?

V. dói muito!

L. Uma vez, assim, eu tava a fim de ficar, de ganhar aquelas gatinha, daí eu: “Opa! Agora!”, né?, ela chegou pra mim e perguntou assim, tu vê: “Tu é gay?” Daí, eu: “Maluco!!! Eu não sou gay, não, o, que que é isso?!” Daí, ela: “Ai, tem um amigo lá que quer te conhecer”(risos). O, mas era muito feio, cara, tinha um monte de piercing no olho! O, manda ele sair de perto de mim, o! Hã-hã! Jamais!

Pesquisador: Ta, mas todo mundo concorda que existe preconceito?



M. Existe.

E. Existe. (Os demais concordam também, balançando afirmativamente a cabeça)

M. E também, assim, lá no shopping não deixaram elas entrar pro cinema.

Pesquisador: Ih, ah, não acredito! Gente, eu to...

M. Eles pegaram, tipo, falaram assim, ó: “Vocês vão entrar e...” Daí elas disseram assim: “Mas o que que é isso? Agora tem que ter sexo pra entrar no cinema? Ficaram falando um monte, não tem? Aí elas pegaram e um... não sei, acho que era um chefe deles e foi lá e falou: “Ó, vocês podem entrar, mas se eu vê alguma coisa a mais lá vocês vão ter que sair no meio do cinema. Aí elas pegaram, ficaram indignadas, jogaram lá na cara deles e saíram, né? Elas ficaram indignadas.

Pesquisador: Gente, eu vou falar uma coisa pra vocês, hein?! Eu, eu vou fazer um “Movimento em Favor do Beijo Público”! Porque eu prefiro que as pessoas estejam na rua se beijando do que se agredindo. Vocês não concordam com isso?

J. Hã-hã.

Pesquisador: como é que alguém pode ficar agredido se tem um casal ali se beijando, demonstrando o maior carinho um pelo outro? Pelo, eu to, eu estou de boca aberta. Eu to... eu não sabia que isso existe aqui em Florianópolis.

J. É, pior é tu chegar e ta batendo na outra ali, um casal, o homem batendo na mulher. Esses dias em frente da minha casa aconteceu isso. O rapaz lá, deve ter uns 21 anos, batendo na menina de 15 anos, a namorada dele. Deu um soco no olho dela...

Pesquisador: Eu vou escrever uma crônica, que cha... e vou publicar no jornal, que chama assim, ó: hã... “Carinho é caso de polícia!” Pra falar exatamente isso que vocês tão colocando. Que EU-TO-DE-CARA! Imagina: agressão ser caso de polícia a gente entende, né?, agora carinho?!

J. Não, o pior é que a guria ainda ta morando com ele, a menina não... Não, o pior é que ele é traficante, não tem? E a menina era toda “Paty”, ali, toda bonita, morava num prédio na Beira-mar, sabe? Depois se encantou pelo menino e foi morar com ele no

morro. Agora ele bate nela?! Faz tudo, sabe?, agride ela, não tem? Agora ele bate nela aí na rua e mesmo assim a menina continua morando com ele. Esses dias chegou um traficante ali, a menina pegou e...

bateu na mulher dele grávida, não tem? Ela pegou, sentou a li no chão e começou a chorar e ele fica com ela!

Pesquisador: Claro, isso, sim, aí tem que chamar a polícia! Agora, toda vez que, por exemplo: essas cenas, essas cenas que a gente viu aqui, agora, essas cenas que a gente acabou de ver (as cenas que foram mostradas da Malhação), elas vão ao ar às cinco e meia da tarde. Um milhão de crianças assistem. Vocês sabem qual é o público da Rede Globo por dia? Aproximadamente sessenta milhões de pessoas assistem a Rede Globo todos os dias! Sessenta milhões de pessoas, gente! É gente que não acaba mais! Dessas sessenta milhões, praticamente a metade são de menores. E os menores não assistem apenas a Malhação. Todo mundo vai na novela das oito, não é? Tem alguém aqui que dorme antes das oito horas?

E. Não, eu assisto “O Profeta”.

M. Eu assisto até começar o jornal das onze.

Pesquisador: Não, mas eu to... eu to... acho que a gente...

M. Uma vez a minha mãe foi pra uma balada assim, daí ela foi pruma balada assim da idade dela. Daí, fechou lá e ela foi pra onde eu tava. Daí eu cheguei lá, tava morrendo de sede, tinha acabado a, tinha acabado o dinheiro pra mim tomar um refri, daí minhas amigas mais velhas tavam tomando caipirinha. Daí eu pedi um golinho assim, porque eu não gosto, eu odeio beber, daí eu pedi um golinho só pra ver se passava a sede. Aí ela chegou assim na hora: “O que que tu tas bebendo?!”, não sei o que, todo mundo começou a rir. E eu queria ficar assim com um menino que eu já tava olhando a noite inteira. Ele começou a rir da minha cara porque a minha mãe começou a falar um monte pra mim, foi lá e comprou uma Coca pra mim.

Pesquisador: Ah, então é por isso que vocês não gostam muito de andar acompanhado dos pais, né? (Todos falam ao mesmo tempo, impossível transcrever)

J. Tipo, às vezes nem é questão assim de andar com eles. Pior é que eles queimam muito a gente. Eles falam coisas assim particular, entende? Tipo, se fosse só andar, tudo bem, mas, agora, não, chegar e falar: “Vamos pra casa, que tu tem que dormir antes da é... às oito, que amanhã tu tem colégio”.

B. Tipo assim, aconteceu hoje, tipo, fiquei bem braba várias vezes com a minha mãe, não tem? A gente tava, assim, do lado da rua, assim, jogando vôlei. Sempre tem um vizinho que tipo, assim, sabe?, tem um carinho maior por ele, assim, não tem? Aí a gente tudo jogando vôlei lá na rua, aí a minha mãe, aí a minha mãe foi na janela, a minha mãe é bem “bafona”, não tem? Ela é bem na dela, só que ela é bem braba, quando é pra ser. Aí ela saiu na janela assim: “Quem foi que te mandou sair pra rua?! Eu te permiti sair pra rua?” Aí o... aí ficaram todo mundo olhando, assim, com uma vontade de rir! Po, isso daí...

Pesquisador: “Essa moleca”, todo mundo olhando: “Essa moleca”

B. O, aí eu fiquei...

Pesquisador: Então, ta, gente, olha, quero agradecer.

#### ANEXO E – Produção de cena – escola particular

##### **Grupo 01 - Colégio Energia.**

(local)

(detalhes)

(luz)

Boate

Bar

Interna/noite

(Descrição do ambiente e descrição da ação)

Dentro da boate, na porta do banheiro. Passam várias pessoas dançando por Paula. Paula tenta ver seu namorado, Maurício. Começa a se aborrecer, pois não o vê.

Paula

(Está aborrecida e desesperada para encontrar o namorado)

Onde será que ele se meteu agora? Quando eu... (quando o vê logo a frente ficando com outra menina) Canalha! (Maurício e a menina olham apavorados) Como você foi capaz? Nesses seis meses nunca olhei para outro garoto. E agora te vejo aqui, com essa piranha!

Roberta

Ei, olha lá como você fala comigo! (As duas, completamente furiosas, começam a discutir)

Paula

Olha lá o que sua vaga...? Vai procurar o namorado de outra. (Maurício interrompe)

Maurício

Paula, meu amor, deixa ela fora disso, ela não tem nada a ver com isso. Ela nem sabia...

Paula

Você ainda tem coragem de me chamar de “meu amor”? E ainda defender ela? NUNCA MAIS OLHA NA MINHA CARA! (E dá um tapa em Maurício. Em seguida, vira as costas e sai)

F I M

**Grupo 02 – Colégio Energia.**

(André sai da sala e vê Júlia conversando com um colega)

André

Júlia, podemos conversar a sós?

Júlia

Claro. (Os dois vão para um canto) O que você quer?

André

Posso saber o que estava fazendo com aquele cara?

Júlia

Pô, André, já falei que da minha vida cuida eu! Nós já terminamos há um mês!

André

Epa, não terminamos, não! Eu não concordei e sei que você ainda me ama!

Júlia

O que você fez comigo não tem perdão.

André

Já falei que eu estava apenas conversando com a Cláudia, não temos nada entre nós.

Júlia

Ah, deixa de ser cínico, garoto, um beijo não é nada?

André

Aquilo não foi um beijo, eu nunca iria te trair. Por favor, volta pra mim! (Tenta dar um beijo, Júlia o segura com os braços)

Júlia

André, acho que não temos mais nada pra conversar, pois eu sou uma mulher comprometida.

André

Como assim?

Júlia

André... eu... estou grávida de Antônio!

André

O quê?! Você só pode estar brincando.

Júlia

Não, não estou.

André

Então, não temos nada pra conversar mesmo. Adeus, Júlia, felicidades. (Sai triste)

Júlia

Tchau, André, passar bem.

F I M

**Grupo 03 – Colégio Energia**

(Local)	(Detalhe)	(Luz)
(Personagens)		
Colégio Santa Rita	Entrada	Exterior/dia
		- Victoriano
		- Jeny
		- Verono
		- Floffy
		- Kelly

(Jeny entra no colégio novo e olha pro lado. Lá está Victoriano. Jeny continua andando. Ela tropeça e derruba seus livros. Victoriano olha e diz:

- Meu Deus! (E vai correndo ajudar e diz...)

- Precisa de ajuda, gostosa?

- Sim, obrigado, popozudo. (Daí eles ficam se olhando. De longe, Floffy, Verono e Kelly olham e dizem...)

- Olha, fofa, que horror, aquele feio do Victoriano achou alguém.

- Sério, quem?

- Aquela ali dos peitos caídos. (Daí os três vão lá e são surpreendidos vendo Jeny e Victoriano se beijando, mas como eles estavam no meio da estrada, eles foram atropelados).

F I M

**Grupo 04 – Colégio Energia**

Título: As 4 Medonhas

(Local)

Shopping Central da Cidade

(Luz)

Interior/dia

Horário: 16:00h

Carol

Já, meninas, devolvam meu celular, por favor!

Marcela

Sério mesmo, Carol, não foi eu que peguei. (Patrícia e Luciana começam a rir. Carol fica irritada e fala...)

Carol

Patrícia, você se acha muito esperta, melhor que as outras, mas não passa de uma “casqueira” que pensa que tem bunda!

Luciana

Ah, gente, vocês duas não vão brigar agora, né?

Carol

Lu, cala a boca, a conversa ainda não chegou no chiqueiro!

Patrícia

Nossa, que estresse, gente! Carol, deu de barroco, meu! Tá se achando toda, né?

Carol

Pelo menos eu posso me achar, sua corna, não tá sabendo? A Lu ficou com ele ontem.  
(Patrícia sai chorando)

Luciana

Viu o que você fez?

Marcela

Ela não fez nada. Você quem fez!

Luciana

Melhor a gente se encontrar outro dia. Está horrível esse clima. (Carol sai sem falar com ninguém. Luciana e Marcela vão procurar Patrícia)

F I M



Título: Rave na casa mal assombrada

Personagens:

Mocinho: Guigui

Mocinha: Fê

Amigos: Popoto e Marcos

Amigas: Magali e Jennifer

Popoto (para os garotos)

Poxa, acabamos de chegar. Vamos pegar todas!

Marcos

É, espero que tenha alguma gatinha!

(Já dentro da festa, as meninas avistam os três garotos)

Magali

Nossa, que gatinhos! Tomara que algum deles cheguem e mim!

Guigui

Vocês repararam como aquelas três gatinhas não param de nos olhar?! É uma para cada um!

Popoto

Beleza, então, vamos chegar nelas.

(Enquanto Popoto e Marcos ficam com as amigas da Fê...)

**Obs.: o grupo não conseguiu acabar a tempo**

## ANEXO F – produção de cena – escola pública

**Grupo 01 – Escola Padre Anchieta**

<b>Cena: 30</b>	<b>Local</b>	<b>Detalhe</b>	<b>Luz</b>
	Colégio Padrão	Pátio	exterior/dia

**(Descrição do ambiente e descrição da cena)**

Centro do Pátio do Colégio Padrão. Luciana encontra-se triste e solitária. De repente Billie aparece entre os alunos e vai falar com Luciana.

Billie

Por que você saiu da sala nervosa? Aconteceu alguma coisa?

Luciana (preocupada)

Estou preocupada com meu pai. Ele está internado!

Billie

Posso ajudar em alguma coisa?

Luciana

Não se preocupe. Isso é assunto de família.

Billie

Eu também estou com alguns problemas mas não queria tocar no assunto.

Luciana (aflita)

Não me deixe mais preocupada do que já estou! Conte-me!

Billie (triste)

Meu problema é financeiro. Estou cheio de dívidas atrasadas.

(De repente o sinal bate para ir embora. Luciana encontra sua amiga e desabafa sobre a conversa que teve com Billie e diz que está interessada nele)

Roberta

Nesse caso eu posso te ajudar!

Luciana

Está bem, até amanhã!

(No dia seguinte, na sala de aula, Roberta fala com Billie)

Roberta (feliz)

Tive uma conversa com Luciana e ela disse se você quer ficar com ela. Qual sua resposta?

Billie (pensativo)

Estou com dor de cabeça, no final da aula falo com ela.

Roberta

Está bem. Vou agora falar com ela.

Luciana

E aí, falou com Billie?

Roberta

Falei. Na saída ele conversa contigo!

(Na saída)

Billie

Já resolvi meu problema. E você?

Luciana

Já! Ele já saiu do hospital.

(Nesse clima de alegria os dois se dão um beijão e a partir daí começam a namorar).

F I M

**Grupo 02 – Escola Padre Anchieta**

**Título: Aborrecentes**

<b>Cena: 01</b>	<b>Local</b>	<b>Detalhe</b>	<b>Luz</b>
	Colégio	Pátio	exterior/dia

**(Descrição do ambiente e descrição da ação)**

Primeiro dia de aula. Na hora do recreio, três garotas conversam e dois garotos observam. Carlos quer ficar com Karla e pede para o Diego ir falar com ela.

Diego

Oi, Karla. Eu tenho um amigo que quer te conhecer.

Karla

Tudo bem. Aonde é que ele está?

Diego.

Espere um momento. Eu vou chamar ele. É que ele é um pouco tímido!

(Diego se aproxima de Carlos enquanto as meninas retomam a conversa)

Carlos

E aí, como foi, ela aceitou?

Diego

Sim, mas primeiro ela quer te conhecer.

(Chegando lá eles conversam normalmente. Carlos faz várias perguntas à Karla. Ele pega na mão dela e dá um abraço e tenta beijá-la à força. Ela dá um tapa no rosto dele e o empurra. Ele pergunta: “O que foi?” Ela diz que tem namorado e que podem ser amigos. Ele concorda. Bate o sinal e eles retornam para a sala de aula.

F I M

**Grupo 03 – Escola Padre Anchieta**

**Cena: 17**

**Local**

**Detalhe**

**Luz**

Centro da cidade

Praça

Exterior/noite

**(Descrição do ambiente e descrição da ação)**

Centro da praça da cidade. A noite cai e várias pessoas chegam na praça. Carol está sentada no banco da praça.

CAROL (suspirando)

Ahhmm... Como eu queria encontrar um rapaz decente...

(do outro lado da praça)

LEONARDO (suspirando)

Ahhmm... Como eu queria encontrar uma mulher que me entendesse...

(Eles levantam do banco e caminham um em direção do outro e se esbarram)

CAROL (caída no chão da praça)

Ai, isso doeu!

LEONARDO (pensando consigo mesmo: “Será que é essa mulher?”)

CAROL (pensando consigo mesma: “Que sentimento é esse? Não posso descrevê-lo!”)

LEONARDO (apaixonado)

Não agüento isso! (Ajuda Carol a se levantar e a beija na boca)

**Grupo 04 – Escola Padre Anchieta**

**Cena: 01**

**Local**

**Detalhe**

**Luz**

Colégio Padrão

Sala de aula

Interior/dia

**(Descrição do ambiente e descrição da ação)**

Sala de aula do Colégio Padrão. Primeiro sinal de entrada.

Fernando

(apresentando a sala de aula para sua prima)

Eduarda, essa é a oitava onde você vai estudar.

Alex

(Entra e se depara com Fernando e sua prima, que ele não conhece. Ele pensa que eles estão ficando. Sai de fininho e vê a namorada do Fernando no corredor. Então, volta correndo para avisar)

Fernando, Fernando!!! A Amanda ta chegando aí!!!

Amanda

(Abre a porta e, desesperada, não deixa o Fernando falar)  
Seu... safado! Cafajeste! Homem é tudo igual! Vê se me esquece, garoto!

Fernando

Olha que guria idiota! Espera aí!

Eduarda

Vai, primo... eu não queria causar toda essa confusão.(Fernando sai correndo para se explicar).

F I M

**Grupo 05 – Escola Padre Anchieta**

Fernanda

Ai, menino! Não enxerga, não?! Dá pra olhar pra onde anda?

Alex

Calma garota. Fernanda! É você mesmo? Nossa, quanto tempo que eu não te vejo!

Fernanda

Oi, Alex, tudo bem? Como você está? Quando você era meu namorado você era mais gentil. Tá, agora me ajuda a arrumar essas coisas que você derrubou.

Alex

Ammm... Gostei... de quando eu era seu namorado. É... quem sabe eu posso ser de novo.

Fernanda

Sai fora, garoto! Você pisou na bola comigo agora quer vir me beijar? Sai pra lá!

F I M